

THY CATAFALQUE CADAVER DOWNFALL OF GAIA OLD FOREST

VERSUS



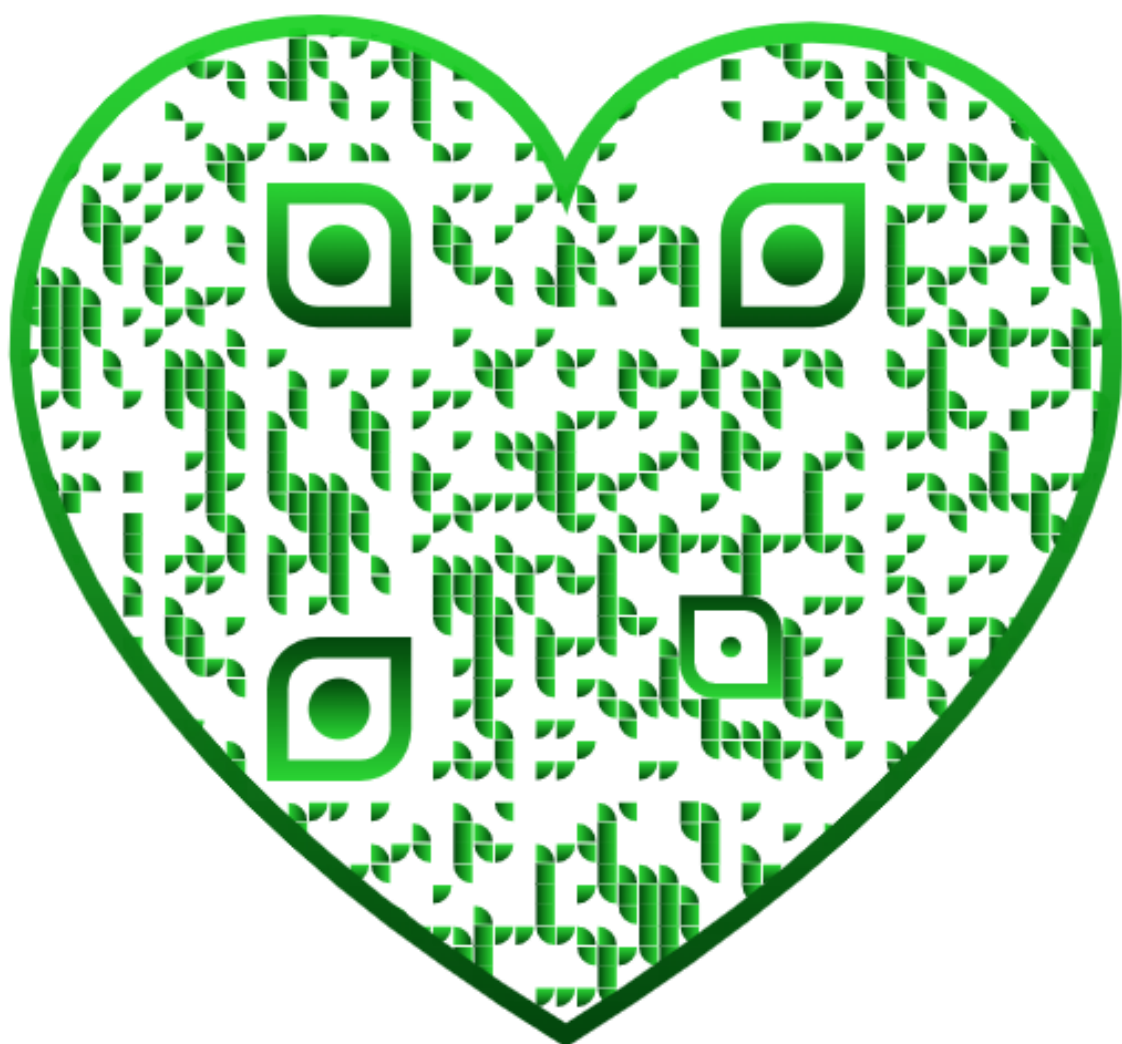
De Lovecraft à esfera de Dyson

ASIN HELL

ECLIPSE

“Queríamos gravar a tocar para obtermos um som mais orgânico. E foi o que fizemos.”
(Michael Poulsen)

“Os fãs ligam-se a nós através das canções, do tipo de ritmo, da forma como a canção foi estruturada.”
(Erik Mårtensson)



EDITORIAL



Através de renomadas figuras locais, nos últimos anos o **Underground** metálico açoriano vem desenvolvendo uma profunda reflexão sobre si próprio. Reencontrou-se, apaziguou-se com o passado, vem-se reerguendo após uma fase menos profícua e tem-se valorizado mais do que nunca.

Vejamos então. Mário Lino, editor, nos anos 90, do icónico fanzine em

papel Thrash Publishing (que mais tarde passou a site), lançou o **Museu do Heavy Metal Açoriano** em diversas plataformas online, editou o conjunto de seis cassetes Azorean Heavy Metal 1980 - 2000 Collection e tem publicado a coleção de CDs Azores & Metal, cujo terceiro volume ficou disponível já este mês.

Por outro lado, várias bandas se formaram e outras regressaram ao ativo, dinamizando a cena; podcasts e outros canais de promoção foram criados, impulsionando a divulgação dos novos projetos... Até uma extensa base de dados online foi construída, abarcando todo o género de projetos a nível nacional e não apenas regional: a **Grey Shelter**, de Filipe Machado!

Mas o pináculo de toda esta produção regional será certamente o livro **Quimeras de Lava - Uma História do Metal Açoriano, 1985 - 2000**, da autoria de Nuno Costa. Esta primeira obra literária do antigo jornalista, e também a primeira sobre o Metal produzido nos Açores, apresenta mais de 500 páginas, retratando em pormenor a evolução do Metal produzido no arquipélago durante o período cronológico referido no subtítulo. O também músico (Nuno Costa foi baterista do Stampkase e Sanctus Nosferatu, entre outros) encontra-se a preparar uma apresentação de Quimeras de Lava, a realizar-se nos Açores, em data e local a designar. Entretanto, a obra pode ser encomendada através do email **quimerasdelava@gmail.com**. Na próxima edição da Versus poderão ler uma entrevista com o autor.

E por falar em edição, esta que se encontram a ler não tem menos motivos de interesse, pelo contrário. Como destaques temos os **Alkaloid**, uma super banda constituída por membros do Triptykon, Obscura, Dark Fortress e Obsidious; os **Asinhell**, o novo projecto Deat Metal do vocalista/guitarrista dos Volbeat. Mas como nem de metal extremo vive a Versus, os **Eclipse** (que deram um grande concerto no Milagre Metaleiro) estiveram à conversa com o Eduardo Ramalhadeiro sobre o novo álbum «Megalomanium»

Boas leituras,
Dico

VERSUS MAGAZINE

Rua José Rodrigues Migueis 11 C

3800 Ovar, Portugal

Email: versusmagazinept@gmail.com

INSTAGRAM

[versusmagazinept](#)

FACEBOOK

[versusmagazinepage](#)

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Download Gratuito

DIRECÇÃO

Adriano Godinho, Eduardo Ramalhadeiro
& Ernesto Martins

GRAFISMO

Eduardo Ramalhadeiro & JP Madaleno

COLABORADORES

Adriano Godinho, Carlos Filipe, Cristina Sá, Dico, Eduardo Ramalhadeiro, Eduardo Rocha, Elsa Mota, Emanuel Roriz, Ernesto Martins, Frederico Figueiredo, Gabriel Sousa, Gabriela Teixeira, Helder Mendes, Hugo Melo, Ivo Broncas, João Paulo Madaleno, Nuno Lopes, Victor Hugo e Victor Alves

FOTOGRAFIA

Créditos nas Páginas

CAPA

Foto: Christian Martin Weiss

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

O UTILIZADOR PODE:

copiar, distribuir, exibir a obra

SOB AS SEGUINTE CONDICOES:

ATRIBUIÇÃO - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

NÃO A OBRAS DERIVADAS.

O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.



CONTEÚDO

Nº63

05 TRIAL BY FIRE	24 DEMONSTEALER	60 ASINHELL
06 3MESTRE EM REVISTA	28 THY CATAFALQUE	64 DÁVID BUSAI - MORDIGGIAN-ART
08 AZORES & METAL VOL. #3	30 CRITICAS VERSUS	68 GARAGE POWER BRAIN FOR THE MASSES
10 CADAVER	40 ECLIPSE	72 ELITIUM
13 EMANUEL RORIZ A CULPA É DO CEMITÉRIO	46 ALBUM VERSUS NUCLEAR POWER TRIO	74 ANTRO DE FOLIA RAMBO, OS DOIS LADOS
14 DOWNFALL OF GAIA	54 PLAYLIST	DA MESMA MOEDA
16 OLD FOREST	56 CRITICAS VERSUS	80 PALETES DE METAL
18 NATTEHIMMEL	59 GABRIELA TEIXEIRA THE GIRL WITH THE	
22 IVO BRONCAS POSTAS DE PESCADEIRA	KALEIDOSCOPE EYES	

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS

SOEN

MEMORIAL TOUR 2023

with Special Guests:

MOLYBARON TERRA

04.10

PORTO

HARD CLUB

05.10

LISBOA

LISBOA AO VIVO



Trial by Fire

Obra - Prima 5

Excelente 4

Esforçado 3

Esperado 2

Básico 1

Adriano
Godinho

Carlos
Filipe

Eduardo
Ramalhadeiro

Emanuel
Roriz

Ernesto
Martins

Gabriel
Sousa

Gabriela
Teixeira

Helder
Mendes

JP
Madaleno

Sérgio
Teixeira

MÉDIA



AN AUTUMN FOR CRIPPLED CHILDREN
Closure
(Prosthetic Records)

1,0

2,0

2,0

2,0

4,0

1,0

3,0

3,5

4,0

2,5

2,6



CADAVER
The Age Of The Offended
(Nuclear Blast)

3,5

3,5

3,0

3,0

3,5

1,5

3,5

3,0

3,5

3,5

3,3



CALES
Chants Of Steel
(Edge Circle Productions)

3,0

1,5

2,0

2,0

4,0

1,0

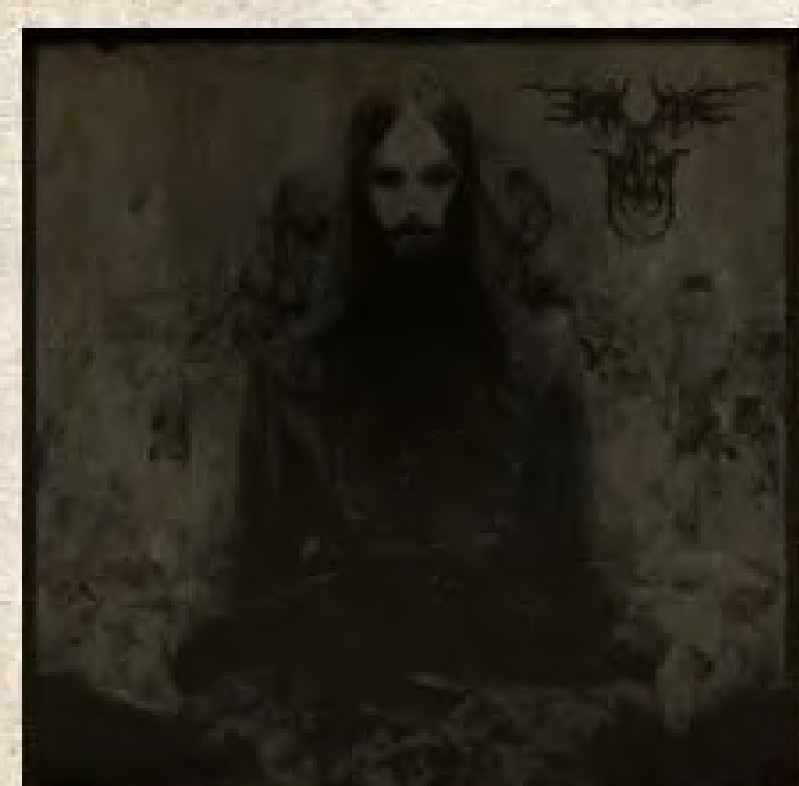
2,5

—

3,5

3,5

2,8



DARK AGE OF RUIN
False
(Independente)

2,5

2,0

3,0

3,0

3,5

2,0

3,5

—

4,5

4,0

2,9



HORRENDOUS
Ontological Mysterium
(Season of Mist)

3,0

3,5

4,0

4,0

5,0

2,0

3,5

3,5

—

3,5

3,7

3 mestre em revista

Aniversários redondinhos entre Junho - Setembro

20 anos

- Arch Enemy - Anthems of Rebellion (30.7.2003)

25 anos

- Bruce Dickinson - The Chemical Wedding (15.9.1998)
- Sentenced - Frozen (15.7.1998)
- Anathema - Alternative 4 (22.6.1998)
- Opeth - My Arms, Your Hearse (11.5.1998)
- Death - The Sound of Perseverance (31.8.1998)

30 anos

- Deep Purple -The Battle Rages On (26.7.1993)
- Quiet Riot - Terrified (19.7.1993)
- Type O Negative - Bloody Kisses (17.8.1993)

35 anos

- Slayer - South of Heaven (5.7.1988)
- Overkill - Under the influence (5.7.1988)
- King Diamond - "Them" (13.9.1988)

40 anos

- Metallica - Kill Em All (25.7.1983)
- Black Sabbath - Born Again (12.9.1983)
- Motley Crue - Shout at the Devil (26.9.1983)

////////////////////////////////////



O baterista **Nick Barker**, que ficou conhecido no mundo do metal mais extremo por ter sido membro integrante de **Cradle of Filth** e **Dimmu Borgir**, para além de ter trabalhado com inúmeras bandas (Testament, Old Man's Child, Exodus, Brujeria, Gorgoroth, Anaal Nathrakh ou Benediction), está actualmente afastado da música devido a um quadro grave de falência renal. O músico não pode trabalhar devido aos tratamentos de hemodiálise e, por isso, está aberta, desde o dia 4 de junho, uma campanha de angariação de fundos para ajudar Nick com as suas despesas de saúde. Aos interessados, podem consultar a seguinte página: <https://www.gofundme.com/f/nicholas-barker>



Metallica

No dia 1 de Setembro, **James Hetfield**, que completou 60 anos no início do mês de Agosto, testou positivo à Covid-19 e os Metallica tiveram de adiar o concerto que iriam dar naquela noite em Glendale, no estado do Arizona.

Capela Mortuária

O colectivo nacional de thrash metal **Capela Mortuária** agendou para dia 22 de Setembro o lançamento do seu 1º álbum, intitulado de «**Monstro**». É nesse dia que acontece o concerto de apresentação do disco, no Café-concerto RUM by Mavy em Braga, num cartaz onde estarão também os Holocausto Canibal e os Warout. O trabalho que foi gravado nos I Scream Studios, será editado pela **Larvae Records**.

Bizarra locomotiva

Os **Bizarra Locomotiva** têm um disco novo nos escaparates, com data de lançamento a 22 de Setembro pela Rastilho Records. O título escolhido para o 8º álbum de originais é «**Volutabro**», e tem vindo a ser promovido pelo lançamento dos singles “Volúpia”, “Flauta do Leproso” e “Vulnerável Prostituto”.



Cobrafuma

O novo grupo nacional **Cobrafuma** lança um conjunto de 10 temas de thrash metal visceral num disco auto-intitulado e que foi editado pela Lovers & Lollypops. A sua formação é composta por músicos com créditos firmados na cena nacional, são eles Zé Roberto (Killimanjaro, Solar Corona), Azevedo (O Bom, o Mau

e o Azevedo, MOSH, Plus Ultra) e Rui Martelo e Pedro Chaka (ambos dos Greengo e Krypto). A missão que partilham é clara, “**tirar o pó ao thrash metal**”, sem artimanhas mas com muita atitude.

Deicide

Os lendários **Deicide**, colectivo de death metal da Florida, anunciaram recentemente um novo contrato discográfico com a editora Reigning Phoenix Music (RPM), através da qual irão lançar o seu 13º disco, que já se encontram gravado e ao qual deram o nome de «**Banished By Sin**».



Mercyful Fate

É o próprio **King Diamond** que afirma que o tão aguardado novo disco dos **Mercyful Fate** já tem título e capa finalizados. Os trabalhos de composição com Hank Sherman estão a correr a bom ritmo e segundo o músico dinamarquês, estão “de volta aos inícios”. O guitarrista Mike Wead falou também do novo tema “The Jackal of Salzburg”, apontando-o como sendo um verdadeiro épico, onde se conta a história, baseada em factos, de um episódio horrendo de caça à bruxa no século XVII.



AZORES & METAL VOL#3

“A trilogia do Heavy Metal Açoriano”

Como se de uma saga se tratasse, a sequela tem novo registo, pelo terceiro ano consecutivo é compilado o “Azores & Metal Vol. #III”.

Este trabalho que forma a trilogia é muito especial e carismático, primando por registar a obra de músicos e de bandas açorianas em CD, para que fique gravado neste formato físico para sempre.

Uma vez que o trabalho e a qualidade destes músicos não são merecedores da atenção, nem de oportunidades de palco na sua “terra mãe”, a única forma de se afirmarem é, de facto, através do registo em CD.

Após a enorme surpresa e interesse que o Vol. #1 (2021) e o Vol. #2 (2022) despertaram na comunidade metaleira, este Vol. #3 tornou-se uma necessidade quer para os músicos, quer para os fieis seguidores do que se faz nas ilhas dos Açores.

A existência desta compilação foi a motivação para que muitas das bandas existentes sentissem a necessidade de expor o seu trabalho, e que outras encontrassem aqui uma primeira oportunidade para se mostrarem.



MUSEU DO HEAVY METAL AÇORIANO

Apresenta

Azores & Metal

VOL #III

"... a realidade do metal nos Açores"



BANDAS

Morbid Death | None The Less | Finding Sanity | Kaskaveil | Dark Age Of Ruin | After The Rain | M1ke | Mournolith Abyss
Damage Device | A Dream of Poe | InnerCircle | Crossfaith | Dust Project | Drvzka | The Absolute End

Disponível a 11 Setembro 2023

Pre-orders 6,5 € (Portes Grátis) - Após 11 de Setembro 8€ + Portes

Pedidos para mhma.2020@hotmail.com

<https://museuhmazores.bandcamp.com/album/v-a-azores-metal-vol-3>

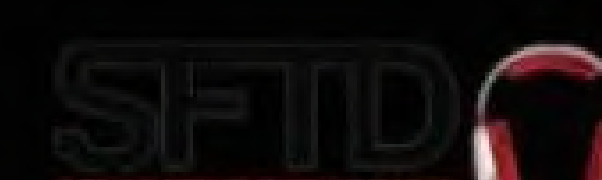
SPONSORS



WAVEYARDstudio



BASTIDORES





UMA BANDA “REACIONÁRIA”

Nas palavras do seu frontman, **Cadaver** é uma banda que quer incomodar, até ofender, para obrigar as pessoas a pensar, o que evitará que continuem a ser manipuladas por outros.

Entrevista: CSA

Olá, Anders! Espero que estejas bem.

Cadaver teve uma espécie de paragem em 2004 e agora a banda lançou dois álbuns em quatro anos. O que vos fez sair dessa espécie de letargia?

Anders Odden – Nunca consegui pôr termo a Cadaver em termos criativos. Em 2014, conheci o Dirk Verbeuren, que me disse que nós éramos uma das bandas que o inspiravam como baterista. Queria analisar todo o material que eu tinha, para ver qual poderia ser a próxima direção assumida por Cadaver. Fizemos 10 a 12 demos mandando sucessivamente música um ao outro. No verão de 2016, ele ausentou-se desempenhando as funções de novo baterista de Megadeth. Nessa mesma altura, tocámos juntos no meu estúdio e gravámos “Feed the Pigs” e sentimos logo que tínhamos feito algo especial. Com ele como novo parceiro criativo, Cadaver pôde seguir viagem.

Vi dois singles da banda no 24/7 streaming da Nuclear Blast [“Age of the Offended”, deste álbum, e “Reborn”, do álbum anterior – «Edder and Bile», lançado em 2020] e fiquei logo fascinada.

- Depois de ler a informação que a vossa editora incluiu no promo kit, concluí que tinha razão e que este álbum é uma espécie de manifesto contra a moda do politicamente correto. Estou certa?

«The Age of the Offended» trata do ambiente que reina na atualidade, em que todos vivem a sua vida online em câmaras fechadas guiadas por algoritmos que lhes mostram o mundo como pensam que deve ser. Os humanos são fáceis de manipular e isto está a fazer deles uma presa fácil para os manipuladores. A necessidade de denegrir aquilo que não compreendemos e de pensar que somos melhores do que os “outros” há de ser a causa da nossa



decadência. Eu nunca tive vontade de encaixar em lado algum. Não devíamos baixar constantemente a fasquia e descolorir tudo para não ofender ninguém. O meu objetivo é ser ofensivo e pôr as pessoas a pensar.

- E “Reborn” tem a ver com o facto de teres conseguido recuperar dos teus graves problemas de saúde?

Não. Essa canção trata da ideia de encontrares o teu próprio caminho na vida, quando descobres que TU é que és responsável pela tua felicidade. Mais ninguém pode viver a tua vida por ti ou vai fazê-lo.

Gosto muito do estilo dessas duas canções. É monótono, mas cativante ao mesmo tempo. É calmo, mas deixa o ouvinte ansioso. Que te parece esta maneira de descrever o som de Cadaver?

Cada um ouve à sua maneira.

Do que li pude deduzir que a criação deste álbum envolveu os dois membros da banda e alguns amigos. Podes explicar-nos como puseram a “máquina” a funcionar?

Cada músico ouve à sua maneira. Se convidares alguém com um instrumento diferente para se juntar à tua banda, obterás resultados interessantes. Limito-me a ver o que a canção precisa e a pôr tudo em ação. Quando gravas algo, o objetivo é que as pessoas ouçam várias vezes sem se aborrecerem. Quanto mais vezes ouvires, mais pormenores descobres. Este novo álbum dá um passo em frente em direção a um som e a uma atitude mais

multifacetados. Este lançamento revela uma banda com mais cambiantes que o anterior.

Quem escreveu as letras deste álbum.

Fui eu. Mas, desta vez, o Dirk também o fez para uma canção: “The Crawl of the Cadaver”.

O artwork é da autoria da Hanna [a mulher de Dirk].

Não.

Em que medida está a ilustração da capa do álbum relacionada com a ideia de condenar uma época em que todos parecem sentir-se permanentemente ofendidos?

Não era essa a intenção. Mas cada um tem o direito de ver a coisa à sua maneira.

«The Age of the Offended» vai ser lançado no fim desta semana (a 21 de julho de 2023).

- A banda e a Nuclear Blast têm alguns planos especiais para esta ocasião?

Sim. Dar o maior destaque possível ao lançamento. Vamos lançar a Cadaver TV, em que entrevistaremos outros artistas, para ver como encaram a ideia de ser um artista controverso nos tempos que correm.

- Vão dar concertos para promover o álbum?

Estamos sempre à procura de oportunidades. Vamos ver o que aparece.

Entretanto já devem ter tido algum feedback da crítica e dos fãs. Essas reações foram ao encontro das vossas expectativas?

Sim, na medida em que tivemos um retorno muito positivo.

Queres deixar alguma mensagem aos fãs portugueses?

Espero que gostem da nossa música e que possamos um dia ir tocar no vosso país.

Facebook
Youtube

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS

DREAD REAVER EUROPE 2024

Abbat

13.01

**RCA CLUB
LISBOA**

14.01

**HARD CLUB
PORTO**

SAHOTA

Bellripper

PHOTO CREDIT: FRANCISCO MUNOZ



DOOMSTAR

Revelations
MUSIC

Season of Mist

HARDCLUB

RCA CLUB
REAL COMPANHIA DOS AMAROS

»TICKETLINE



A culpa é do cemitério...

Por: Emanuel Roriz

PANTERA - REINVENTING THE STEEL

Frossos. Ir do ponto A ao ponto B, para de novo regressar a A. Da mesma forma que assim se pode designar o acto de viajar, também de forma genérica se pode resumir assim o acto de ir comprar um disco. Algo que era muito comum nos tempos que se passaram entre a escola básica e o fim de ciclo no ensino secundário. Hoje em dia, sei que por norma irei acrescentar mais umas letras ao itinerário para deslocações com este tipo de finalidade. Para quem não teve a possibilidade de se situar, a primeira palavra desta crónica é o ponto B. Numa era em que ainda não estava habilitado a conduzir o meu próprio carro e os transportes públicos continuavam a ser escassos (ainda continuam), tive de dedicar um esforço maior para deitar a mão ao meu primeiro disco dos Pantera! Nesta localidade, na superfície comercial que com toda a lata inscreverem nas chapas irregulares de uma das suas paredes exteriores, “os preços mais baixos sempre...”, avistei o disco de metal pesado «Reinventing The Steel». Sobre ele nada sabia. Sobre os Pantera sabia serem importantes. Achei que esta era uma compra importante. Foram precisos uns tempos até conseguir amealhar os 1300 escudos necessários para o investimento. Nesse momento, e com toda a urgência que representava poder perder a única cópia vislumbrada, a bicicleta da qual se partiu o eixo da roda traseira, no primeiro momento desta odisséia de 12 quilómetros, foi o meio de transporte que teve de servir. Conhecendo-se a história dos Pantera é fácil perceber que o «Reinventing The Steel» não seria um dos seus primeiros discos a serem referidos, mas no meu caso não posso dizer que seja assim. Indago sobre o peso que esta minha peripécia possa estar ainda exercer. A viagem iniciou-se atribulada, com frustração à mistura pois a bicicleta estava muito difícil de pedalar. Desequilibrada, perigosa, instável. Mas sei também que o primeiro disco a que deito a mão, tem uma maior probabilidade de sair vencedor em termos de referência futura. Já de volta a Mire de Tibães, não perdi um segundo a lamentar-me pelo eixo partido ou pelo pneu agora mais degradado. O cd foi directo para o leitor e assim que “Hellbound” soou, senti-me circunscrito pelo som dos Pantera. A guitarra do Dimebag, a voz do Phill, os bombos e a tarola do Vinnie, o baixo do Rex...Que combinação tão poderosa, que por tantas vezes nos fez perder as estribeiras ao ouvirmos “Revolutions Is My Name”, “Yesterday Don’t Mean Shit”... “Cowboys From Hell”, “Walk”, “I’m Broken”, “The Great Southern Trendkill”, o break da “Domination”.





DOWNFALL OF GAIA



Tempos repugnantes

Já no seu sexto álbum, os Downfall of Gaia exprimem-se sobre a repugnância que sentem perante as circunstâncias em que vivemos no mundo atual recorrendo a um som mais maduro que combina diversas influências.

Entrevista: CSA | Fotos: David Stoecklin

Saudações! Espero que esteja tudo bem convosco e com a banda!

Já vos entrevistei há uns anos atrás sobre o vosso segundo álbum («Suffocating in the Swarm of Cranes», lançado pela Metal Blade em 2012). Agora vão lançar o vosso novo álbum – «Silhouettes of Disgust» – novamente pela Metal Blade.

- Como evoluiu a banda ao longo destes 11 anos? Quais são as principais mudanças do vosso ponto de vista?

Dominik – «Silhouettes of Disgust» é o nosso sexto álbum. Penso que, muito naturalmente, amadurecemos como indivíduos. É evidente que esse processo também afetou o nosso som ao longo dos anos. Mas se estás a perguntar como comparamos «Silhouettes» com «Suffocating», a principal diferença é que se passaram 11 anos entre os dois. Aconteceu muita coisa. O nosso som evoluiu, passando de um estilo mais d-beat para blast beats. Eu diria que o nosso novo álbum

resume perfeitamente o que somos como banda.

- Foram afetados de alguma forma pela famosa pandemia?

Dominik – Não propriamente. Estávamos em digressão, quando isso começou, e tivemos de cancelar todos os concertos que estavam previstos. Mas foi tudo. Nem sequer mexemos numa guitarra durante todos esses anos e dedicámos esse tempo a nós mesmos.

Este álbum é realmente assombroso e tem um título muito forte.

- O que é vos está a enojar (embora esse sentimento não me surpreenda, quando penso no mundo em que vivemos)?

Dominik – O egoísmo e a ignorância, de um modo geral a forma como as pessoas lidam umas com as outras. Os lucros passam à frente das pessoas. O facto de uns poucos terem poder sobre muitos outros. É um mundo lixado, este em que vivemos, e a humanidade está a andar para trás.

- Onde encontraram a inspiração para escrever estas oito faixas?

Dominik – Basicamente, inspiramo-nos na vida real. Nada de estranho. Preciso sempre de me relacionar de alguma forma com a realidade, quando se trata de escrever letras e música. E, infelizmente, não falta em que me inspirar no que nos rodeia.

- Que tópicos evocaram para tratar o tema do álbum?

Dominik – A solidão, a adição/ os vícios, o medo do amanhã, a pressão vinda da sociedade/do trabalho e dos outros, a sensação diária de que todos estamos à mercê de alguém, quer queira, quer não. Trata-se de coisas que muitos de nós provavelmente conhecem demasiado bem. Tens de arranjar forma de suportar a coisa ou caís entre as fendas.

A música também é muito forte, até violenta! A guitarra é alarmante, a voz é assustadora, a bateria é enfática!

- O nojo/a repugnância combinam com o receio na vossa perceção?

Peter – Penso que se trata do respeito pelas pessoas que vivem neste mundo e têm de lidar com toda esta repugnância todos os dias. O álbum conta 8 histórias individuais e, portanto, a atmosfera das canções descreve as emoções de cada uma dessas pessoas.

- Eu diria que este álbum combina uma atmosfera geral de Black Metal com algumas passagens Doom Metal. O que pensas desta minha ideia?

Peter – Parece-me uma boa descrição. Combina isso com a energia de alguns elementos crust e fico totalmente de acordo contigo.

Como se organizaram para criar este álbum?

Peter – O Dominik e eu escrevemos as partes de guitarra e estávamos em estreito contacto um com o outro. Quando as guitarras ficaram prontas, mandámos as demos ao Michael para acrescentar as partes de bateria. Seguiram-se o sintetizador, drone e a voz. Como vivemos em cidades diferentes, tivemos de nos juntar recorrendo à internet para compor as canções e tivemos uma longa semana de ensaios para aprontar tudo.

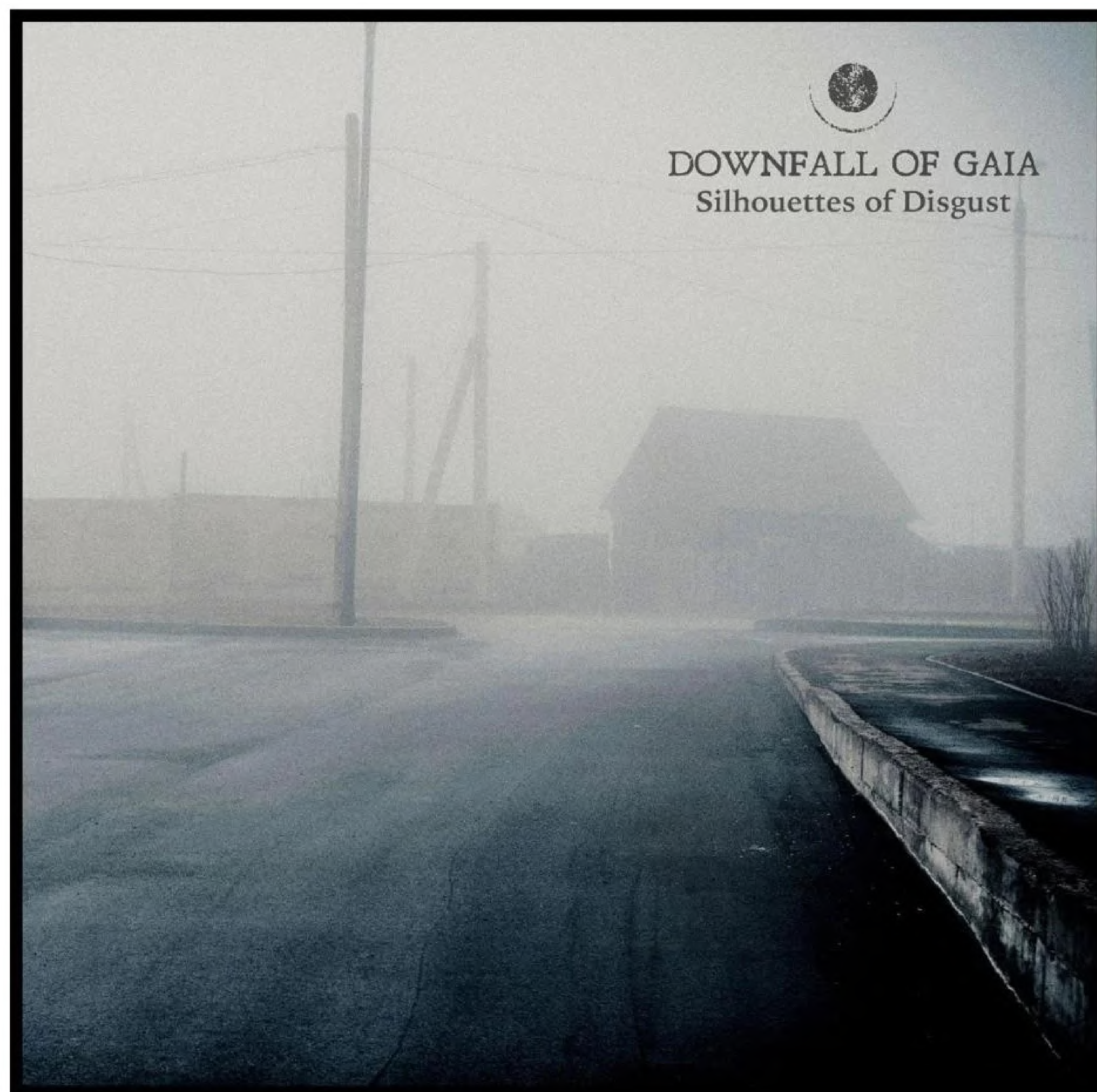
A capa é uma foto como de costume.

- Quem a tirou?

Peter – Eu e o Dominik fizemos todo o design do álbum. Quando encontrámos esta foto, vimos logo que era perfeita para descrever a atmosfera do álbum.

- De que forma expressa a ideia de nojo/repugnância que parece ser o conceito subjacente ao álbum?

Peter – A foto descreve a solidão e a monotonia do futuro. A atmosfera opressiva e constrangedora de um mundo destruído.



O álbum conta 8 histórias individuais e, portanto, a atmosfera das canções descreve as emoções de cada uma dessas pessoas.

Gostaria também de saber como tencionam promover este álbum. Haverá concertos, vão participar em festivais?

Dominik – Vamos fazer uma digressão de lançamento do álbum em abril juntamente com Deathrite e Implore. Para além disso, temos vários festivais previstos para a segunda parte do ano: por exemplo, o Damnation e o Samhain Fest. Também estamos a pensar em fazer mais uns concertos, mas ainda não foi publicitado.

E agora, uma curiosidade minha: por que razão o Peter aparece como antigo membro da banda na Metallum?

Dominik – O Peter deixou a banda em 2015 para se focar noutras coisas, mas regressou em 2020. Deve ser por isso. Parece que essa página não está atualizada.

Facebook
Youtube



Old Forest

Ponte temporal

O novo álbum dos britânicos Old Forest pretende ser uma ponte entre o passado da banda e o seu presente apontando para o futuro. Eis o que nos diz Kobold, com quem fomos falar sobre «Sutwyke» – a ser lançado pela Soulseller no último dia do corrente mês de março.

Entrevista: CSA

O que significa este título, que me parece tão intrigante?

Kobold – ‘Sutwyke’ é uma versão antiga do nome de uma área que fica perto do local onde fazemos os ensaios, gravamos, compomos (Southwick, West Sussex). A tradução literal dá qualquer coisa como “quinta do sul”. Mas esse nome não tem grande interesse no universo do Black Metal. Portanto, decidimos adotar uma postura old school, em termos linguísticos. Se o nome tem um significado misterioso para as outras pessoas, moldado pela música, está ótimo para nós.

E que narrativa conta o álbum?

Às vezes, fazemos álbuns conceituais – sobre um tema, ou um sentimento ou algo que queremos exprimir. Contudo, em «Sutwyke» não há nenhum conceito, para além de ser uma coletânea de canções de Black Metal que escrevemos e gravámos. Pode-te parecer despontador, mas deixa-me perguntar-te uma coisa: o clássico de Iron Maiden intitulado «Powerslave» é um álbum sobre os egípcios? Não. Por vezes, a única coisa de que precisamos é de um título e a música faz o resto.

Eu diria que se trata de um álbum de Black Metal bastante old school: geralmente obscuro, com voz áspera, uma bateria dinâmica com alguns blast beats, guitarras sedutoras... Concordas comigo? Era esse o objetivo da banda ou foram traídos por velhos hábitos?
Sim, parece-me correto dizer que

este álbum é mais “tradicional” do que o anterior. Foi feito de forma deliberada, com o propósito de não perdermos muito de vista as nossas origens. Penso que pode ser catastrófico para uma banda perder a ligação com a causa primordial da sua existência, do mesmo modo que me parece uma grande preguiça da parte de uma banda lançar repetidamente o mesmo álbum... Usámos algum material com uma produção mais limpa nos dois últimos álbuns e sentimos que era boa ideia pôr isso de parte para o novo álbum, que pretende traduzir o equilíbrio entre o que fomos/de onde viemos e o que queremos ser/para onde vamos.

Quem fez o quê neste novo álbum de Old Forest?

Eu ocupei-me da voz e dos teclados, o Beleth responsabilizou-se pelo baixo e pelas guitarras e o Grond encarregou-se da bateria. Todos fizemos arranjos para as canções de acordo com os nossos gostos pessoais. Também fomos nós que fizemos a mixagem e depois mandámos as partes de bateria para a Alemanha ao nosso amigo Alboin da Nightside Audio, que fez a respetiva mixagem e também masterizou o álbum, enquanto eu tratava do layout.

Quem é Grond, o baterista? Tu mesmo? [Vi na Metallum que também tocas – ou tocavas – bateria usando esse pseudónimo.]
É um grande disparate pensar que eu ainda toco bateria. Costumava

fazê-lo, mas foi há 20 anos atrás. Grond é o mais velho dos membros da banda e foi ele que nos introduziu – a mim e ao Beleth – no universo do Black Metal nos anos 90. É ele que toca a bateria, enquanto eu me ocupo da voz e dos sintetizadores e o Beleth, das guitarras e do baixo.

Onde encontraste a gravura que aparece na capa do álbum? De que forma ilustra o conteúdo do álbum?

É da autoria de um artista obscuro e esquecido chamado Robert Paterson, que viveu no fim da época vitoriana (nos anos 1800). Intitula-se “A graveyard at night with an owl perched on a branch”. Usámo-la, porque, por coincidência, se assemelha à vista que eu poderia contemplar do lugar onde estou sentado a responder por escrito a esta entrevista junto a uma janela que dá para o mar (se eu tivesse vivido há cem anos atrás). Contudo, ao contrário do que possas pensar, não vivo num cemitério, nem o meu animal de estimação é um mocho.

A banda vai fazer concertos para promover o álbum?

Old Forest não faz concertos, porque essa ideia contraria a razão pela qual gravamos a nossa arte. Porém, se nos aparecesse uma oferta realmente fantástica, que não conseguíssemos recusar, logo se veria o que iria acontecer.

Old Forest já está com 25 anos (uma vez que a banda data de 1998). Previram alguma celebração para comemorar este ano especial na vossa carreira?

Na nossa existência, não há comemorações, apenas mais um dia para suportar num mundo a que não pertencemos. Assinalaremos a data bebendo umas cervejas e depois trataremos de terminar o próximo lançamento (que já está a 80%).



Se o nome [do álbum] tem um significado misterioso para as outras pessoas, moldado pela música, está ótimo para nós.

Facebook
Youtube

Death Hammer



Metal sideral

Depois de In The Woods e Green Carnation, os gémeos Botteri brindam os fãs com **Nattehimmel**, uma nova banda dedicada ao Black Metal. Nesta entrevista, James Fogarty (que conhecemos, por exemplo, de Old Forest e é cofundador desta banda) fala-nos da complexidade que o género atinge no primeiro álbum da Nattehimmel, que – tal como o seu nome anuncia – se foca no espaço sideral.

Entrevista: CSA | Foto: Morten Syreng

Li que Nattehimmel foi fundada pelos gémeos Botteri e por ti na sequência da tua colaboração com In The Woods como vocalista durante alguns anos. Podes contar-nos o que aconteceu?

James Fogarty – Eu ajudei a reativar In The Woods com os gémeos e o baterista em 2014/15. Depois de um álbum – «Pure» [lançado em 2016] – os gémeos deixaram a banda. Eu fiz a maior parte do álbum seguinte sozinho – «Cease the Day» [lançado em 2018] – para ajudar a editora a recuperar algum do dinheiro que o baterista lhes tinha roubado. Depois de promover o álbum, decidi ir embora também, porque já começava a haver demasiado drama em In The Woods. Pouco depois disso, contactei novamente os gémeos para ver se podia fazer música com eles, porque trabalhamos bem juntos. Foi então que descobri que eles tinham sido expulsos de In The Woods! Como se tratava da sua própria banda e o baterista era apenas um músico de sessão quando eles lançaram o primeiro álbum, esta situação pareceu-me um tanto ridícula. Acho que eles precisam de falar com um advogado.

Que novos caminhos vai esta banda abrir ao Black Metal? E o que tirou ela das outras bandas de que vocês fizeram/fazem parte? E de bandas que te influenciaram pessoalmente e aos outros membros de Nattehimmel?
Quando decidimos formar Nattehimmel, concordámos

que esta banda deveria ser mais no estilo de In The Woods dos primórdios, quando lançaram as demos e o álbum de estreia. Portanto, com este estilo em mente, decidimos combiná-lo com os de outras bandas influentes de Black Metal do início dos anos 90 (Emperor, Gehenna, Dimmu Borgir, etc.). Assim que tomámos esta decisão, escolhemos um nome e um tema de base para a banda: o céu desconhecido e misterioso por cima de nós.

Tu e os gémeos estão encarregados de compor a música e de escrever as letras, não é assim? Como se organizam para o fazer?

Os gémeos compõem e gravam os seus riffs e enviam-mos. Depois faço os arranjos e junto mais guitarras e alguns teclados. Quando tudo isto está feito, medito sobre a música e escrevo as letras, geralmente rodeado de livros sobre temas adequados (astrologia/astronomia, mitologia grega, etc.). As nossas canções tratam sobretudo da mitologia que os antigos usavam para explicar a nossa existência e lugar no cosmos. Não somos mais do que poeira levada pelo vento...

Além disso, tu e os gémeos estão encarregados da voz/dos teclados/das guitarras/do baixo. Mas precisavam de um baterista. Quem é esse outro membro da banda? Como o recrutaram para tocar com Nattehimmel? Convidam-no para tomar parte de

alguma forma na composição das canções?

O Sven é um velho amigo dos gémeos e também toca na banda deles que faz Progressive Metal chamada Strange New Dawn (por falar disso, vão lançar um novo álbum mais tarde durante este ano). Está com eles desde os anos 90. Curiosamente, o irmão dele foi o primeiro baterista de In The Woods (antes de eles terem sequer gravado as demos). Ele e os gémeos gravaram as demos originais de Nattehimmel, antes de eu fazer os arranjos.

Por falar de canções, Nattehimmel soa a Black Metal, mas por vezes muito contaminado por Doom Metal. Concordas comigo?

Sim. O nosso estilo de Black Metal tem um espectro muito amplo (como acontecia com as bandas mais ousadas dos anos 90). Se uma parte de uma canção requer algo semelhante à voz de Candlemass ou voz falada, é exatamente isso que eu vou inserir na canção. Além disso, o nosso estilo de música não é muito rápido: penso que tocamos uma espécie de Doomy Black Metal lento e ambiental. No entanto, antes de mais, somos uma banda de Black Metal na forma como perspetivamos a música que criamos e o ponto de onde partimos para compor as canções. Mas para o ouvinte podemos soar como uma banda de Doom Metal.

Gosto sobretudo da forma como usam os teclados, que parecem desafiar a bateria criando uma

atmosfera muito especial em algumas canções do álbum (poe exemplo, em “Slay the Shpherd”).
Podes comentar esta ideia?

Gostamos que a nossa música seja pesada e ambiental ao mesmo tempo. Desta forma, temos a certeza de que fazemos chegar ao ouvinte o ambiente de eterna escuridão e majestade que reina no espaço. É música muito dramática, embora não sejamos Dimmu Borgir (porque não podemos pagar a uma orquestra).

O título do álbum chamou-me a atenção. Em vez de Morning Star temos «Mourningstar». É claro que esta opção não é casual. Podes explicar-nos o seu simbolismo?

A “morning star” (estrela da manhã) representa Prometeu e, além disso, Lúcifer. Modifiquei a palavra “morning” (manhã) para “mourning” (lamento/luto). Portanto, o nome do álbum traduzido à letra significa “estrela do luto”.

Como se relacionam os tópicos das várias canções com o tema central?

“Realm of Hades” tem um tema saído dos antigos mitos gregos e Hades pode corresponder à escuridão do espaço afastado da luz, sendo representado pelo antigo planeta Plutão (provavelmente porque fica muito longe do sol). “Armies of Tiamat” relaciona-se com a teoria segundo a qual o cinto de asteroides é na realidade um planeta destruído (Phaeton ou Tiamat). “Astrologer” é obviamente o observador de estrelas, que tenta encontrar o sentido do lugar que ocupa no espaço. Portanto, não se trata de um álbum concetual, mas sim de um álbum com muitos conceitos diferentes. Estão todos ligados entre si pela relação que mantêm com o céu noturno.

Quando decidimos formar Nattehimmmel, concordámos que esta banda deveria ser mais no estilo de In The Woods dos primórdios, quando lançaram as demos e o álbum de estreia.

A capa do álbum intriga-me. [É impressionante, porque aparentemente representa a Morte com asas de anjo e uma criança também alada.] Onde encontraram esta ilustração? Por que escolheram esta gravura para ilustrar a capa do vosso álbum?

A capa do álbum é uma imagem que eu encontrei num antigo livro holandês de contos de fadas. Ando frequentemente à procura de imagens antigas que ainda ninguém usou, mas têm um estilo semelhante ao de imagens bem conhecidas. Há algo intrigante em ver o pai Tempo/a Morte a voar para os céus com um querubim a seu lado. Talvez simbolize a ideia de que a nossa música tem as suas raízes no passado, mas ainda não estou certo disso. Escolhemos uma imagem deste estilo propositadamente para evocar a arte dos álbuns de Emperor ou da capa de «Tales of Creation» dos Candlemass. Há algo intemporal na arte deste estilo – e esperamos que isso também aconteça com a nossa música.

Este álbum foi antecedido por um EP – «The Night Sky Beckons» – lançado pela Hammerheart em 2022 e apresentada como uma demo tape. Por que escolheram este formato “antiquado”? Como foi esse lançamento recebido pela crítica e pelos fãs?

O EP começou por ser um lançamento promocional com 5 canções, que fizemos para encontrar uma editora que estivesse interessada em nós e quisesse partilhar a música de Nattehimmmel com as pessoas a quem esta pudesse agradar.

Acabámos por o reduzir a 3 canções e a Hammerheart aceitou lançá-las como uma demo tape. Isto combina com as nossas origens: todos começámos por trocar demo tapes e cassettes

e a nossa música mergulha as suas raízes nessa época. Acho que vamos fazer o mesmo antes de lançarmos o segundo álbum.

E concertos? Tencionam tocar ao vivo agora que as pessoas já não têm tanto medo da pandemia? Ou Nattehimmmel está destinada a ser um projeto de estúdio?

Todos os quatro membros de Nattehimmmel são movidos pela vontade de criar. Isso manifesta-se nas canções, nas letras, nos vídeos, na arte. É por isso que Nattehimmmel existe. Vivemos para criar. Tocar ao vivo é um caso muito diferente: não é algo criativo, nem a razão pela qual criamos. Porém, queremos tocar ao vivo, mas precisamos primeiro de ver como as coisas correm. Temos a esperança de conseguir tocar em alguns festivais.

Uma curiosidade minha: o que significa o nome da banda?

Nattehimmmel é a expressão da antiga língua nórdica para designar o céu da noite. Portanto, com Nattehimmmel, saímos do bosque e encontramos-nos no céu da noite.

Queres deixar uma mensagem aos nossos leitores?

Agradecemos o vosso apoio a Nattehimmmel. Se quiserem seguir os gémeos (os fundadores de In The Woods e Green Carnation), devem apoiar Nattehimmmel. Trata-se de algo especial – estamos a criar algo de verdadeiramente único.

Facebook
Youtube

INCRIVEL
ALMADENSE

31
OCT.



FREE
MUSIC

MOONSPELL



CONVIDADOS ESPECIAIS:
THRAGEDIUM!

**INCRIVEL
HALLOWEEN**

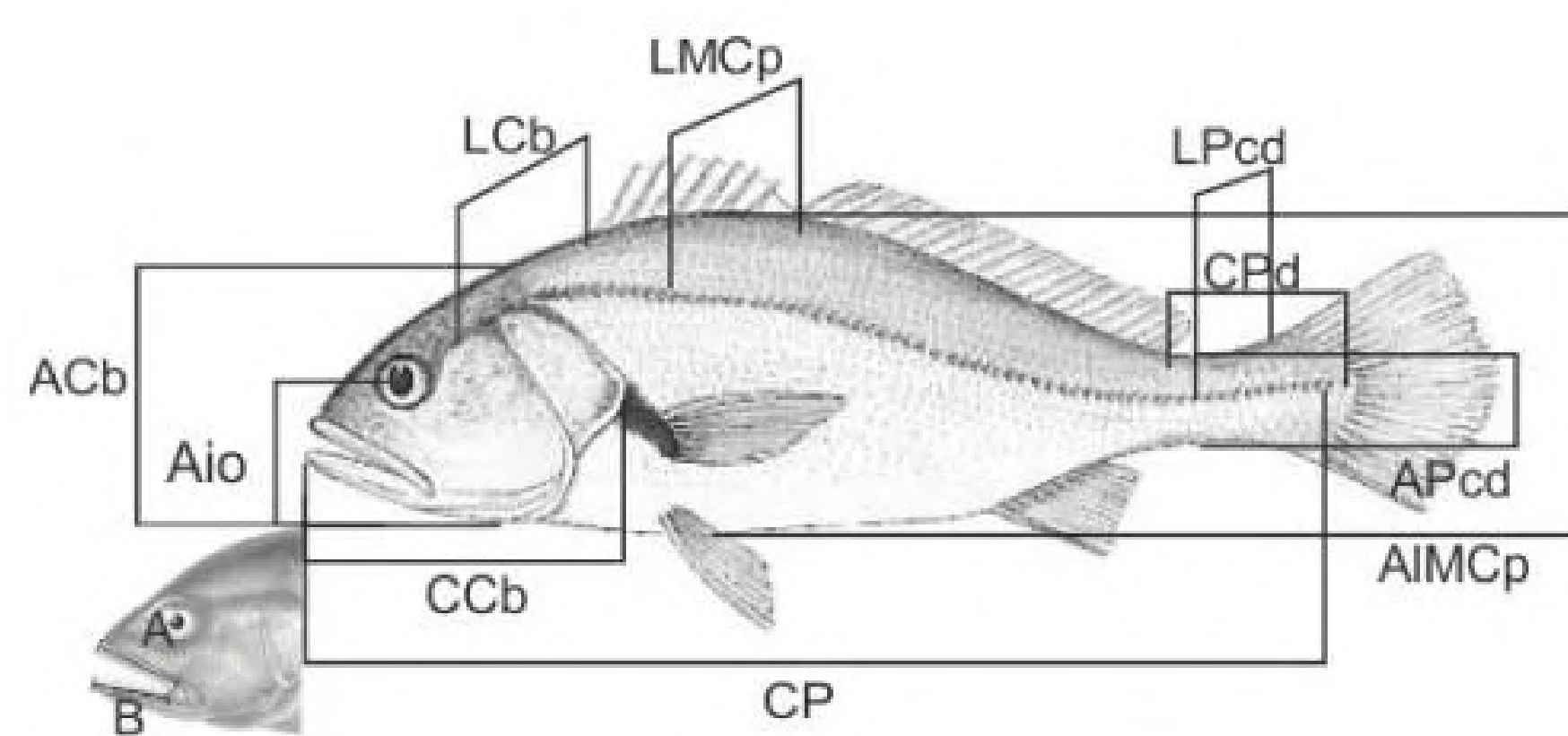
**31 OUT 2023
ALMADA**



ANTENA 3



Postas de pescada



“**Postas de Pescada: devaneios de dois energúmenos sobre personalidades da música**” será um espaço partilhado, entre dois “jornalistas”, onde se falará sobre músicos, bandas, acontecimentos e outras coisas que tais... Como devem ter reparado, o “outro” ainda não “mandou as postas”. Para a próxima edição não há a Parte 3 e depois, talvez o “outro” contribua...

Rivalidades

Por: Ivo Broncas | Eduardo Ramalhadeiro

Com o regresso dos Extreme de Nuno Bettencourt às luzes da ribalta, tudo o que é actualmente dito pelos elementos da banda tem, consequentemente, outro alcance e relevância. Por isso mesmo, a troca de galhardetes entre o próprio e o guitarrista dos Gun 'n Roses, Richard Fortus, não passou despercebida e fez correr muita tinta.

Entre a sua declaração “...ele (Slash) não conseguiria tocar uma intro limpa na ‘Rude Boy’”, à resposta de Richard Fortus “Há muito pouca coisa que o Slash não conseguiria fazer numa guitarra (se o quisesse)”, culminado com uma contra resposta apoteótica “Respeitosamente, nos meus 56 anos de vida, nunca te ouvi tocar uma nota”. Muitas foram as discussões que esta quezília gerou. Numa era digital em que as redes sociais são confundidas por muita gente como fonte de notícias credíveis, este tipo de discussões assume outras dimensões, alastrando-se muito mais rapidamente do que sucederia numa época pré Redes Sociais. Para os mais jovens, quero esclarecer que essa época não era o paleolítico. Basta recuarmos aos anos 90.

Tudo indicava que iríamos ter uma guerra aberta entre os dois músicos, ou quiçá entre as duas bandas. Comprei pipocas e fiquei a assistir.

Com alguma surpresa minha, confesso, vi o Açoriano a fazer uma *mea culpa*, convidar o seu colega guitarrista para beberem uma cerveja, sarando assim as feridas.

Foi obviamente a atitude correcta, mas para quem cresceu nos anos noventa/ início do milénio, não deixa de haver uma estranheza pelo facto de terem enterrado o machado de guerra tão cedo. Penso que isso se deve às enormes rivalidades que vimos crescer nesta década, sendo que algumas delas ainda não parecem bem saradas, e falo obviamente da amplamente difundida “telenovela” Metallica/Dave Mustaine. Vamos falar sobre isto? Não. Muita tinta escrita, passamos para a próxima.

Outro elemento do “Big 4”, Kerry King, igual a ele próprio, não hesitou em fazer declarações polémicas que causaram mal estar nos Megadeth, sendo o seu fundador o principal visado. As críticas começaram em 1984, e ainda em 2002, quando o baixista David Ellefson processou ponderou processar Dave Mustaine, apoiou-o. Curioso não deixa de ser que as críticas que ambos faziam eram iguais. Cada um acusava o outro de ser intragável, que não conseguia fraternizar com ninguém... Perguntou-me qual seria a novidade, isto eram já factos confirmados e do conhecimento do público em geral, mas tudo bem.

Como uma guerra não era suficiente, Kerry visou também sem pudor os Machine Head. Razão para tal? Segundo ele, o álbum Supercharger era nada mais, nada menos, do que uma tentativa dos Machine Head tentarem chegar ao Mainstream. O clássico selling out. Sim, o álbum é péssimo, mas claro que o frontman do Machine Head, Robb Flynn teria de, também com o seu estilo inconfundível, defender-se...atacando. Actualmente o machado de guerra está enterrado, mas este atrito ainda durou largos anos.

Na época em que o Grunge reinava, Kurt Cobain teve algumas declarações menos simpáticas para com os Guns 'n Roses, ao afirmar que “...os Guns N' Roses estão promovendo os valores errados como sexismo e a forma como eles usam drogas.” Segundo o mesmo, ser rebelde é enfrentar pessoas como os integrantes da banda de Axl e Slash. Ora isto foi apenas o

início de uma troca de insultos que se transformou numa animosidade que quase chegou a vias de facto. Durante uns prémios da MTV em 1992, quando provocado por Courtney Love, Axl teve intenção de agredir Kurt Cobain, estendendo-se a confusão até outros membros, já que Duff McKagan sentiu que sua banda foi “desrespeitada” e resolveu ter uma conversa de baixista para baixista com Krist Novoselic, empurrando o músico do Nirvana.

Já na época do Nu-Metal, os Limp Bizkit provocaram os Slipknot ao fazer troça dos seus fãs, e a resposta que tiveram do conjunto de Iowa foi: “Nós vamos encontrar-te e matar-te”. E embora estas afirmações pareçam saídas de um mau enredo de um filme de kung fu de série B, ou de um espetáculo de Wrestling, também foi amplamente divulgado.

Estes foram apenas alguns exemplos de algumas das quezílias mais populares. Tantos outros haveria para recordar: Marilyn Manson e Trent Reznor, Axl Rose e Vince Neil...

E recordo que falo de discussões entre bandas, e não entre elementos da mesma banda. Nesse caso, só o episódio “Varg Vikernes vs. Euronymous”, era matéria para vários artigos.

Não deixa de ser interessante que mesmo na ausência de um agente catalisador tão eficaz como as redes sociais, estas rivalidades tenham sido tão prolongadas. Em parte penso que se deveu a toda uma lentidão de uma era não digital. Entre a provocação numa qualquer entrevista/canal de televisão, à sua publicação/transmissão e resposta, o tempo ia decorrendo, e o azedume fermentava pacientemente à espera da oportunidade de contra ataque.

Por outro lado, havia uma conveniência em entrar nestas trocas de galhardetes, e por alguma razão o assunto Megadeth e Metallica foi continuamente alimentado. Não nos podemos esquecer que o Grunge reinou entre as escolhas populares de música na década de 90, e no heavy metal os Metallica tinham atingido uma popularidade nunca antes vista no género. Claro está que Dave Mustaine aproveitou a máxima “não há má publicidade”, e à boleia da sua antiga banda, ganhou uma visibilidade que talvez por si só não a conseguisse atingir. O mesmo se passou, como vimos, naquela que muitos consideram a fase mais negra da música pesada: a era do nu-metal. Num competitivo mundo da música, e com muita concorrência no mercado, os Slipknot, como já foi referido, aproveitaram mais uma frase infeliz de Fred Durst para declarar guerra, fazer manchetes, e claro, os Limp Bizkit iam também ganhando visibilidade num género que as principais referências eram os Korn e Deftones.

Actualmente, onde tudo é muito mais imediato e onde muito mais facilmente escala uma discussão, fico intrigado porque não assistimos a mais rivalidades? Será que a opinião pública ou a “persona” que se cria para as redes sociais têm influência? A mentalidade dos músicos mudou? Terá sido a nossa que mudou?

Efectivamente, porque vivemos em tempos em que cada palavra é escrutinada à exaustão, há quem, compreensivelmente, receie manifestar livremente as suas opiniões. Numa era de caça ao politicamente incorrecto com execução em praça pública, diria que é feito um esforço para pensar muito bem todas as declarações, pois temos tido vários exemplos de artistas que foram violentamente criticados pelas mesmas. Voltamos ao ensinamento ““não há má publicidade”. Se há muito mais possibilidades de uma banda se dar a conhecer ao público, também há muitos mais músicos a tentar singrar. Portanto, a publicidade tem de ser muito bem sucedida e assertiva para se conseguirem destacar neste meio, mas poucos têm utilizado a polémica para o conseguir.

A forma como se consome música também tem mudado ao longo dos anos. Apesar de todas as vantagens para o consumidor que possam as plataformas digitais onde podemos ouvir música, com o surgimento das mesmas passou-se a ouvir cada vez menos álbuns inteiros e cada vez mais músicas “soltas”. Há menos pessoas a viverem com emoção a música e todas as questões à sua volta. É tudo descartável, efémero, e muitos jovens estão focados noutras questões sociais mais recentes, como a inclusão, para responderem da forma que os músicos desejariam a notícias com este tipo de conteúdo.

Creio que os conflitos nunca irão terminar. Não vão deixar de haver músicos que os considerem como uma maneira de se auto-promoverem, e continuarão a haver insultos disparados nas redes sociais. Porém, com a enormidade de estímulos que existem e nos distraem para mil outros assuntos diferentes, estas questões têm menos impacto, e como tal, deixam de ser tão lucrativas como o foram no passado, até mesmo para as publicações especializadas em música. Há 30 anos era perfeitamente normal uma revista colocar em grande destaque uma entrevista inteira dos Megadeth a insultar e ridicularizar os Metallica, pois havia a certeza que lucravam com isso.

Por outro lado, se até o Dave Mustaine tem uma forma mais reconciliadora de olhar para alguns problemas (David Ellefson excluído), há uma ténue esperança que este tipo de situações venha efectivamente a ser menos frequente. Não desespere quem gosta de ler sobre estas picardias, pois enquanto os Slayer estiverem na memória dos amantes de metal, Kerry King irá sempre dar um pequeno ar da sua graça.



Demonstealer

O poder da propaganda

Depois do aclamado EP intitulado «The Holoscene Termination» (2021), Sahil Makhija lança novo álbum com Demonstealer, desta vez focado no poder da propaganda de que somos todos vítimas no nosso dia a dia e que marca os destinos da sociedade atual. Como sempre, tem a seu lado uma panóplia de excelentes convidados.

Entrevista: CSA & Ernesto Martins

CSA and Ernesto Martins – Saudações, Sahil! Esperamos que esteja tudo bem contigo! E cá estamos a entrevistar-te de novo para a Versus Magazine.

The Demonstealer – Saudações! Por aqui está tudo bem! E obrigado por me entrevistarem mais uma vez.

CSA – Desta vez, vou começar pelo título do álbum: «The Propaganda Machine».

- É um álbum concetual, não é assim?

Falaria mais de um tema do que de um conceito. Como acontece com quase toda a minha música recente, as faixas seguem uma sequência e são organizadas de forma cronológica para que as letras façam sentido.

- O álbum tem alguma coisa a ver com a atual situação internacional (a pandemia, a guerra, ...)?

Sim, a 100%, tudo desde o Brexit em 2016 até aos protestos relacionados com o movimento BLM [Black Lives Matter], à

pandemia, à guerra na Ucrânia e a muitas coisas que aconteceram no meu próprio país – a Índia – tudo isto influenciou as letras do meu álbum.

- Onde encontraste a inspiração para estas canções?

Penso que a inspiração veio do ódio, da intolerância e da maneira como os acontecimentos estão a moldar o mundo atual. Parece que ser boa pessoa é algo extremamente difícil que as pessoas não conseguem fazer. Este álbum é a minha forma de exprimir o que sinto acerca do que se passa no mundo e no meu país atualmente.

- Podes comentar as várias canções que incluístes neste álbum?

Cada canção fala sobre um aspeto da forma como a política do ódio e de dividir para reinar se desenvolve. As maiorias têm sempre medo das minorias e vão construindo o ódio que sentem por essas pessoas. Os governos, especialmente os de direita, usam

a sua máquina política e força para reforçar este estado de coisas. Difundir informação falsa usando redes sociais como o Whatsapp e o Facebook é um grande problema na atualidade. Vídeos, noticiários, tudo serve para espalhar essa doutrina. E isto tem consequências observáveis. Podemos referir o que aconteceu na Índia mesmo antes da pandemia: tivemos tumultos no decurso dos quais muitos muçulmanos foram mortos por hindus extremistas, o que também já tinha acontecido no passado. Atualmente, se criticarmos um dado governo ou um certo político, chamam-te antinacionalista e a direita usa muito esta tática: trata qualquer crítica dirigida aos seus líderes como antinacional. Mas o álbum fecha com uma nota de esperança afirmando que muito simplesmente ser uma boa pessoa acaba por neutralizar o mal que o ser humano cria. De facto, o que é importante é que deixemos o mundo melhor do que o encontrámos

e todos – independentemente da sua religião, raça, cor, credo, sexualidade – merece ter uma vida digna e ser respeitado. Direitos humanos > tudo o resto.

CSA – Como sempre, tens muitos convidados. Vi todos os vídeos que encontrei no YouTube.

- Podes dizer-nos quem são esses convidados e o que fazem no teu álbum? [São todos excelentes \m/].

Este álbum tem 12 músicos convidados. A Anabelle (Veile/ex-Cradle Of Filth) é a única que participou nas 8 canções do álbum, contribuindo com teclados e orquestração. Para a bateria, escolhi 4 artistas, cada um dos quais tocou 2 canções. Temos Hannes Grossmann (Tryptikon), Sebastian Lanser (Obsidious), Ken Bedene (Aborted) e James Payne (Kataklysm/Hiss From The Moat). No baixo, cada um a tocar 2 canções, temos Dominic 'Forest' Lapointe (First Fragment), Kilian Duarte (Abiotic), Stian Gundersen (Blood Red Throne) e Martino Garattoni (Ne Obliviscaris). Também queria solos de guitarra em alguns momentos das canções e, portanto, convidei Sanjay Kumar (Wormhole/Equipoise/Greylotus), Alex Baillie (Cognizance) e Dean Paul Arnold (Primalfrost).

- Como os encontraste e os convidaste para colaborar contigo?

Estou sempre à procura de música nova e a ver vídeos das minhas vidas favoritas. Tenho uma enorme lista de músicos com quem gostaria de trabalhar, procuro-os no Facebook ou no Instagram

e envio-lhes uma mensagem a perguntar se estão interessados em trabalhar comigo. Às vezes, não tenho orçamento para convidar um dado músico, ou o músico está em digressão ou ocupado, mas continuo a juntar nomes à lista e isso facilita o trabalho. Muitos músicos aceitam colaborar.

CSA – Suponho que foste tu que escreveste toda a música do álbum e as letras, não é assim?

Sim, compus a música toda.

CSA – Deixaste os vários convidados fazer algo nas canções em que participaram ou querias que fizessem apenas o que tinhas previsto para eles?

Eu componho as canções usando a guitarra e depois mando-as aos bateristas e deixo-os escrever as partes de bateria à sua vontade. Parece-me que isso lhes dá a oportunidade de serem criativos e de interpretarem as canções à sua maneira. Assim que me mandam as suas ideias, se eu sinto que quero algo especial, peço-lhes para tocarem dessa maneira, mas 99% das vezes não faço quaisquer mudanças. Acontece o mesmo para o baixo e para tudo o resto. Começo por dar aos músicos uma tela em branco para pintar e depois falamos sobre ideias que posso ter tido e alguma ideia que eu quero que eles tentem. Mas a maior parte das vezes estão todos bem sintonizados e corre tudo de forma perfeita.

Ernesto Martins – Em termos musicais, o novo álbum parece ser muito mais extremo do que

o anterior: «The Last Reptilian Warrior». Talvez por estar cheio de momentos rápidos, não parece tão variado como «... Reptilian Warrior» Por que fizeste as coisas assim?

Achas? Não o vejo dessa maneira, mas pode ser porque acabo por nem o ouvir. Penso que este álbum é mais agressivo por causa do tema tratado. «The Last Reptilian Warrior» era uma história de ficção científica, do ponto de vista das letras, e provavelmente isso moldou a forma como a música foi composta e os bateristas tocaram. Neste álbum, se calhar apenas tive bateristas que recorrem mais aos blast beats e os riffs são mais violentos devido ao tema do álbum. Só me ocorre essa razão, porque não pensei nisso quando estava a compor o álbum. Toquei bateria numa canção em «The Last Reptilian Warrior», que é muito lenta, tipo Doom Metal, e também em “Rebel in Space”, que é uma canção mais rápida, com mais ritmo. Portanto, há pelo menos duas canções que não são super extremas nesse álbum.

Ernesto Martins – Neste novo álbum, pareces usar com mais frequência a voz limpa (além da tua voz extrema, é claro), algo que penso nunca ter ouvido num álbum de Demonstealer. Como aconteceu isto e porquê?

Penso que encontras algo assim no meu álbum de 2016 intitulado «This Burden Is Mine», que é muito emocional e em que cantei muito. Também me parece que ganhei um pouco mais de confiança na minha capacidade de cantar e que estou



[...] a inspiração veio do ódio, da intolerância e da maneira como os acontecimentos estão a moldar o mundo atual. Parece que ser boa pessoa é algo extremamente difícil que as pessoas não conseguem fazer.



a conseguir encontrar o equilíbrio entre a voz limpa e a voz áspera. Parece-me igualmente que escrevo riffs mais melódicos, porque gosto mais de cantar. Na minha opinião, este álbum difere dos outros, na medida em que é mais extremo devido aos blast beats, mas os riffs continuam a ser melódicos, o que me permite cantar, mesmo por cima dos blast beats, à maneira de uma das minhas bandas favoritas: Soilwork.

CSA – Mais uma vez, temos aqui um álbum com uma capa muito dinâmica.

- Podes dizer-me quem é Daemorph e por que o escolheste para fazer o artwork para este novo álbum de Demonstealer?

Bem, é um artista ucraniano. Não tenho a certeza de que ele consente que eu revele o seu verdadeiro nome, portanto não o farei. Encontrei o seu trabalho no Instagram e comecei a segui-lo. Adorei o seu estilo, portanto contactei-o em 2020 para ele trabalhar no meu álbum.

- Que papel desempenhaste na sua conceção?

Para dizer a verdade, limitei-me a dar-lhe o nome do álbum e a falar-lhe do tema e do conceito de base do álbum. Em apenas 2 a 3 semanas, ele enviou-me um esboço do artwork. Eu aprovei-o e pouco depois ele tinha a

capa pronta. Resultou da sua interpretação do álbum.

- Em que medida esta capa ilustra a mensagem central do álbum?

Eu vejo na capa uma espécie de figura religiosa que alimenta o monstro com ódio e representa a máquina da propaganda que está a destruir a humanidade.

Ernesto Martins – Tanto quanto sei este é o primeiro álbum de Demonstealer a ser lançado por uma editora estrangeira e em formato físico. Como é que a Black Lion veio a interessar-se por lançar o teu novo álbum?

Lancei os meus álbuns de 2016 e 2018 pela minha própria editora e, de repente, em 2019, passou a ser demasiado trabalho para mim e lidar com os correios na Índia. Portanto, deixei de fazer cópias físicas depois dessa altura. Mas, para este álbum, quis fazer cópias físicas e também queria uma edição em vinil. Contactei uma companhia na Europa, que iria fazer essas cópias física, receber as encomendas e enviá-las por mim. O meu amigo Kunal Choksi, da Transcending Obscurity Records, disse-me para falar com o Oliver da Black Lion, porque também trabalha com eles. Começámos a falar e eu enviei-lhe o álbum para ele ver. Ele gostou muito do álbum e propôs-me um negócio que me pareceu adequado e que

me deixou muito contente por poder trabalhar com ele para o lançamento deste álbum. Sentia que este álbum merecia alcançar tantas pessoas quanto possível e que ter uma editora ajudaria.

CSA – Como vais promover este álbum?

Tenho 8 vídeos para este álbum, um por cada canção. Também previmos vídeos em que alguns dos baixistas, bateristas e guitarristas tocam integralmente as canções. Também temos várias agências de relações públicas a trabalhar na promoção do álbum e publicidade digital no Facebook e no Instagram. Portanto, temos um plano de promoção bem articulado.

CSA – Vai haver concertos? E como farias para substituir os artistas convidados?

Gostaria de tocar este álbum ao vivo, mas infelizmente não é possível fazê-lo devido à grande quantidade de músicos convidados, que seria muito difícil levar em digressão. Também seria difícil gerir o lado económico do concerto: não temos fundos que cheguem para tanto.

Para os substituir, seria necessário contratar músicos extraordinários, que conseguissem tocar as canções, e tão versáteis que pudessem reproduzir os estilos dos músicos convidados, porque cada um dá ao seu instrumento o seu estilo pessoal. Mesmo que conseguíssemos arranjar uma formação que permitisse fazê-lo, ficaria muito dispendioso.

CSA – Que planos tens para este ano? Tens música nova na forja?

Neste momento, estou sobretudo focado nos meus canais no YouTube, que são o meu emprego e que me permitem pagar as contas e a promoção deste álbum. Mas tenho a certeza de que em breve começarei a trabalhar não só no meu novo álbum a solo, mas também em novo material de Demoniac Resurrection.

Facebook
Youtube

NOTREDAME PRODUCTIONS APRESENTA

BLAME ZEUS

L A U D A N U M

ALLGEMTM

FIND THE WAY OUT

APRESENTAÇÃO DOS NOVOS ÁLBUNS

04 NOV **HARD CLUB** PORTO

SPECIAL GUESTS:

IGNIZED

11 NOV **RCA CLUB** LISBOA

SPECIAL GUESTS:

REVERENT CALES

ABERTURA: 21:00H - INÍCIO: 21:30H

BILHETES EM : WWW.UNKIND.PT



NOTREDAME PRODUCTIONS





Thy Catafalque

Da montanha para a planície

Numa viagem musical pelas suas raízes, Tamas Katai passa das montanhas de «Vadak» (lançado em 2021) às planícies de «Alföld», a ser lançado a 16 de junho. Como, entretanto, Thy Catafalque passou a fazer concertos, talvez tenhamos a oportunidade de ouvir ao vivo algumas canções deste álbum que Tamás considera mais pesado do que os seus últimos lançamentos.

Entrevista: CSA | Foto: Orsolya Karancz

Saudações, Tamás! É a oitava vez que te entrevisto (risos) Comecei com «Rengeteg» em 2011.

Tamás – Olá! É bom estarmos a conversar de novo (risos)

Agora estás a viver na Hungria, não é verdade? Por que decidiste voltar ao teu país?

Sim, regresssei à Hungria já há cinco anos. Foi uma decisão difícil motivada por questões familiares. Adoro a Escócia, mas tinha chegado a hora de partir. Porém, continuo a ir lá regularmente, estive lá há um mês atrás. Mas a minha vida seria sido diferente, se eu não tivesse regressado. Para começar, não haveria banda ao

vivo, se eu tivesse continuado a viver na Escócia. Isso só se tornou possível aqui na Hungria.

O que tens andado a fazer desde que o último álbum [«Vadak» – 2021] foi lançado (à parte compor e gravar este, claro)?

O que me tem mantido muito ocupado desde 2021 é o facto de a banda agora tocar ao vivo. Em 2022, lançámos «Mezolit» – um álbum ao vivo – e temos feito alguns concertos desde essa altura. Esta atividade e ainda compor e gravar música nova ocupam a maior parte da minha vida e deixam-me feliz. É claro que também preciso de ter um

trabalho normal, mas isso não é interessante.

Mais uma vez, fizeste algo muito diferente. Como descreverias a música que escreveste para este álbum? [Acho que és a pessoa mais indicada para o fazer.]

Não penso que seja MUITO diferente. Sinto que é fácil de ver que se trata de TC. O que aconteceu foi que as proporções mudaram e foram concentrar-se no lado mais tenebroso e pesado. «Alföld» é mais homogêneo e sério, menos ligeiro do que a maioria dos meus últimos lançamentos e isso foi propositado. Queria fazer um álbum de Metal simples

“Sinto que é fácil de ver que se trata de TC. O que aconteceu foi que as proporções mudaram e foram concentrar-se no lado mais tenebroso e pesado.”

e extremo, semelhante ao que se fazia nos anos 90, que, na minha opinião, foi a época de ouro do Metal underground. Nessa altura, vivia num permanente estado de fascinação sempre a ouvir música maravilhosa.

Também usaste o teu velho Korg desta vez?

Desta vez, acho que não o usei mesmo. Mas é difícil de dizer, porque há muitos teclados em «Alföld»!

E onde gravaste esta obra-prima?

Em casa, como sempre. Gravei as minhas partes com o meu próprio equipamento e os músicos convidados fizeram o mesmo. Depois o álbum foi masterizado na Imperial Mastering no Texas (EUA) por Colin Davis.

De que trata este álbum? Procurei o significado do título e deu-me algo como “simples”.

Significa “planície” e refere-se à região sudeste da Hungria a que chamamos as “Grandes Planícies” ou «Alföld». Sou oriundo dessa região. Este álbum não é concetual, mas muitas das canções que nele figuram foram inspiradas por esta região e falam dela e da atmosfera que reina aqui.

Como é que as canções se relacionam com o tópico central do álbum?

Algumas relacionam-se com esse tema, outras não. A canção que tem o mesmo título que o álbum representa bem a sua atmosfera, na minha opinião.

A tua foto que podemos ver na capa do álbum tem alguma coisa a ver com o tema central do álbum?

Sem dúvida. Foi tirada em Makó-Bogárzó, a meia dúzia de quilómetros da minha cidade natal, Makó. Nessa zona, não há nada, apenas algumas quintas antigas e uma paisagem campestre de planícies.

Quem te tirou essa foto?

Foi feita Orsolya Karancz, que tirou a maioria das minhas fotos recentes. Fomos para lá apenas para fazer algumas fotos promocionais, mas esta com o cão que passou ali por acaso era demasiado boa para não ser aproveitada e eu decidi que iria mesmo para a capa do álbum.

Por falar de fotos, é a segunda vez que lanças um álbum com uma foto tua na capa, não é assim?

É verdade, se contarmos com «Róka Hasa Rádió». Nessa foto, tinha 5 anos de idade. Geralmente, não faço isso e não gosto de ver artistas porem fotos suas nas capas dos álbuns, porque isso muitas vezes dá a ideia de que falta algo no álbum. Neste caso, valeu a pena, porque capta de uma forma espetacular a atmosfera geral das Grandes Planícies da Hungria. O facto de eu estar na foto não é relevante. Podia ser qualquer outra pessoa.

Tens muitos músicos contigo neste álbum. Conheço alguns nomes, mas não reconheço outros. Podes apresentar-nos os músicos que colaboraram contigo neste lançamento?

Ora bem, mais uma vez há muitos músicos envolvidos neste lançamento. Os vocalistas são os mais fáceis de apresentar. Temos novamente Martina Veronika Horváth (The Answer Lies In The Black Void, Mansur), Gábor Dudás (Reason) e Gábor Veres (Watch My Dying), que também já tinham estado em «Vadak». Lambert Lédeczy (Ahriman, Mörbid Carnage), dos tempos de «Meta», também está de volta e Bálint Bokodi (Soulocracy), que agora faz parte da banda, canta também neste álbum. Todos eles são excelentes pessoas.

Vão tocar ao vivo? E, se derem concertos, como vão fazer? Vão ter estes músicos todos convosco?

Nós agora somos uma banda ao vivo, portanto vamos fazer concertos. Atualmente temos uma formação estável na banda, por isso podemos assegurar tudo sozinhos. Ocasionalmente, quando as circunstâncias o permitem, temos outros músicos connosco no palco. Por exemplo, da última vez que demos um concerto, tínhamos no palco um violoncelo e um alaúde. Pode ser que apareça algum vocalista convidado.

Estás com a mesma editora desde 2011. Podes dizer-nos como é a relação entre Thy Catafalque e a Season of Mist?

Corre tudo de forma perfeita, não tenho nada de que me queixar. Tenho liberdade criativa total, a editora confia em mim e eu nela. Penso que é uma relação equilibrada e estou satisfeito com a minha situação.

Queres deixar uma mensagem sobre este álbum aos nossos leitores?

Agradeço muito o vosso interesse pela banda desde há muito tempo. Espero que nos vejamos por aí!

Facebook
Youtube

CRÍTICAS VERSUS



ALL FOR METAL

«Legends»

(AFM Records)

Vamos ser sinceros, tudo neste disco é cliché e até podemos dizer que há aqui um bocadinho de “azeite”, só que temos de ter atenção que o azeite é a base de uma boa dieta mediterrânica e, portanto, deve ser consumido. Os All For Metal são uma banda formada em 2022 e «Legends» é o seu álbum de estreia, composto por dez potenciais hinos de epic heavy/power metal e uma balada que fecha o disco e me fez lembrar os tempos em que os HammerFall tinham lugar cativo na minha aparelhagem. Todos os temas são leves, cativantes, com refrões bem orelhudos (nem queiram saber há quantos dias ando a cantar “Born in Valhallaaaaaaa”) que nos põem imediatamente a fazer headbanging com um sorriso nos lábios. As temáticas, como o título indica, gira em torno da mitologia nórdica, das batalhas e dos heróis que as vencem, mas envoltas numa aura quase festiva. Genuinamente questiono-me se os All For Metal pretendem ser uma banda ou apenas fazer uma homenagem ao universo de bandas como Manowar, Sabaton ou HammerFall, no entanto, musicalmente falando, a dupla de vocalistas Tetzl/Calanna conferem uma emoção tão verdadeira às canções que acaba por ser irrelevante a intenção que está por detrás deste projecto. Peço apenas atenção aos efeitos secundários deste disco, caso o ouçam enquanto tratam das lides domésticas, poderão sentir no vosso âmago a necessidade de fazer umas pinturas de guerra porque, subitamente, arrumar a gaveta das meias ganhou uma dimensão demasiado épica. O aviso fica dado, agora estão por vossa conta, guerreiros!

[7/10] GABRIELA TEIXEIRA



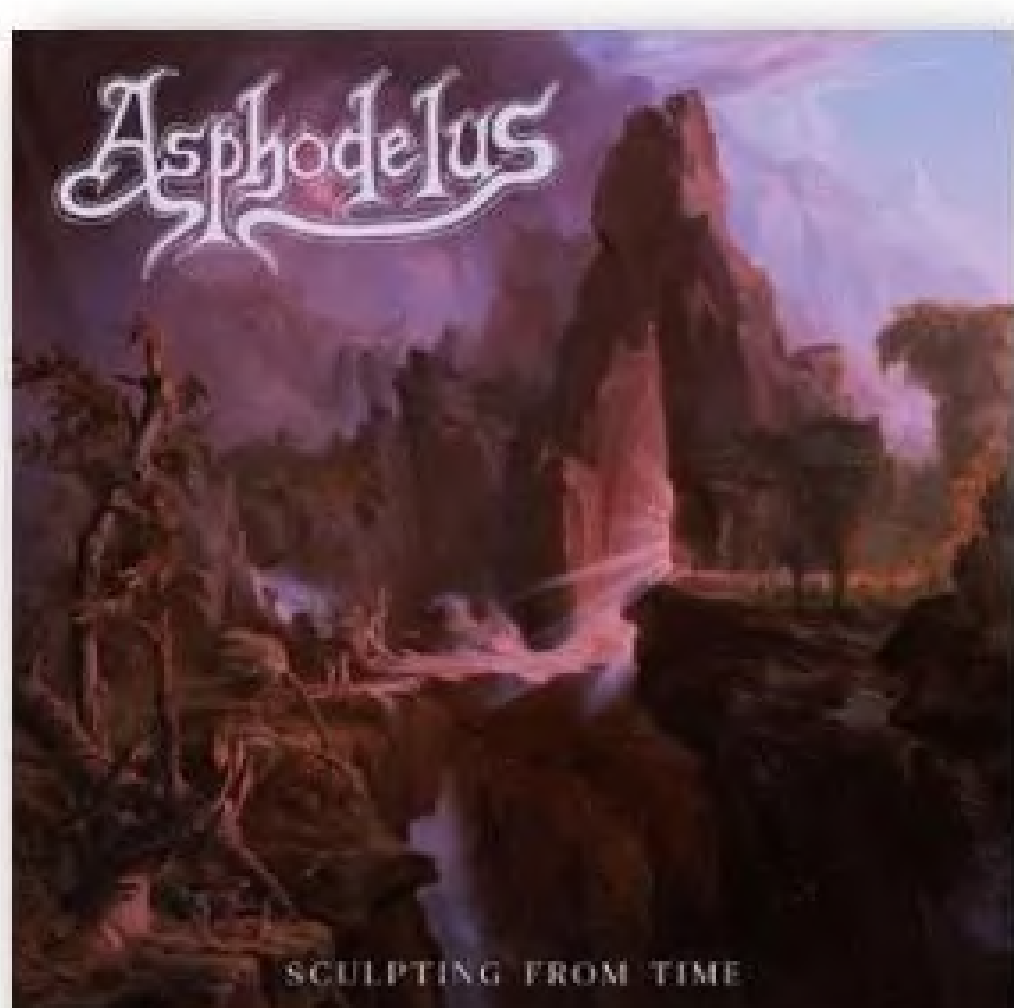
ALKALOID

«Numen»

(Season of Mist)

Juntaram-se há dez anos com o intuito de criar música desafiante, transversal a géneros e rótulos, e rapidamente definiram uma interpretação muito própria de metal extremo e progressivo feita de composições extravagantes sobre uma base sónica death mas rica em estéticas alheias ao Metal, com muitos detalhes prodigiosos e apontamentos técnicos, e tanto de partes rápidas e acutilantes como de malhas melódicas e linhas vocais apelativas. Em poucas palavras, esta é a visão liberal subjacente a toda a música que os Alkaloid deram a conhecer nos discos que gravaram – incluindo neste terceiro álbum, «Numen» – e que só poderia ganhar forma com um naipe de músicos virtuosos como o baterista Hannes Grossmann (Triptykon, ex-Obscura), o guitarrista Christian Muenzner (Obscura, ex-Necrophagist) e o vocalista (e também guitarrista) dos extintos Dark Fortress, Morean. Soando claramente como uma continuação de «Liquid Anatomy» (2018), inclusivamente do ponto de vista lírico (com letras que juntam inspiração Lovecraftiana e ficção científica), este novo trabalho, desta vez um duplo CD, vê a formação germânica a alargar horizontes no que toca à densidade das composições e a algum experimentalismo: ouçam-se, por exemplo, os arabescos cacofónicos da guitarra de Muenzner no fenomenal “Qliphosis”, as divagações jazzy em “Clusterfuck” ou os fraseados maravilhosos recorrentes do baixo fretless de Linus Klausenitzer. Mais surpreendente são as três faixas da sequência da saga sobre a esfera de Dyson (de Freeman Dyson – que já vem desde o primeiro álbum) cheia de elementos vanguardistas e efeitos psicadélicos sci-fi, de natureza quase Pink Floydiana. A audição tem tanto de gratificante como de exigente.

[9/10] ERNESTO MARTINS



ASPHODELUS

«Sculpting From Time»

(Hammerheart Records)

É sempre mais fácil captar novos ouvintes e audiências quando se adota uma determinada linha de composição musical baseada em fórmulas já testadas e que reconhecidamente apelam aos ouvintes. Em «Sculpting From Time», segundo álbum de originais dos Asphodelus, estes três músicos Finlandeses trilham caminhos não particularmente inovadores mas o que fazem fazem-no bem. A aposta é em Gothic Death/Doom Metal enraizado em opções estéticas típicas dos anos 90 (germinadas por bandas como Paradise Lost, etc). O obscuro, a melancolia (finlandesa...) mas também a harmonia marcam o ritmo tipicamente pausado e respirado ao longo dos mais de 40 minutos divididos por oito sólidos temas. Arrisco escrever que poder-se-ia ter ido mais longe precisamente em originalidade, isto é, pode ser mantida por exemplo a sonoridade agarrada às raízes de um género musical mas introduzir sensações inesperadas por forma a desafiar o ouvinte a sair da sua zona de conforto. Sim o encadeamento dos riffs escolhidos tem sempre lógica, as guitarras nunca desaparecem ou se esquecem, os solos embebidos no somatório dos trilhos melódicos

são pertinentes, por vezes há segmentos que puxam pela repetição. Mas sendo já o segundo registo da banda, talvez não tivesse sido pior arriscar um pouco mais no processo criativo. Claro que a exigência seria muito maior e por vezes o ótimo é inimigo do bom. Os Asphodelus neste álbum ficam-se pelo bom e diria que é uma escolha que é perfeitamente aceitável.

[8/10] SERGIO TEIXEIRA



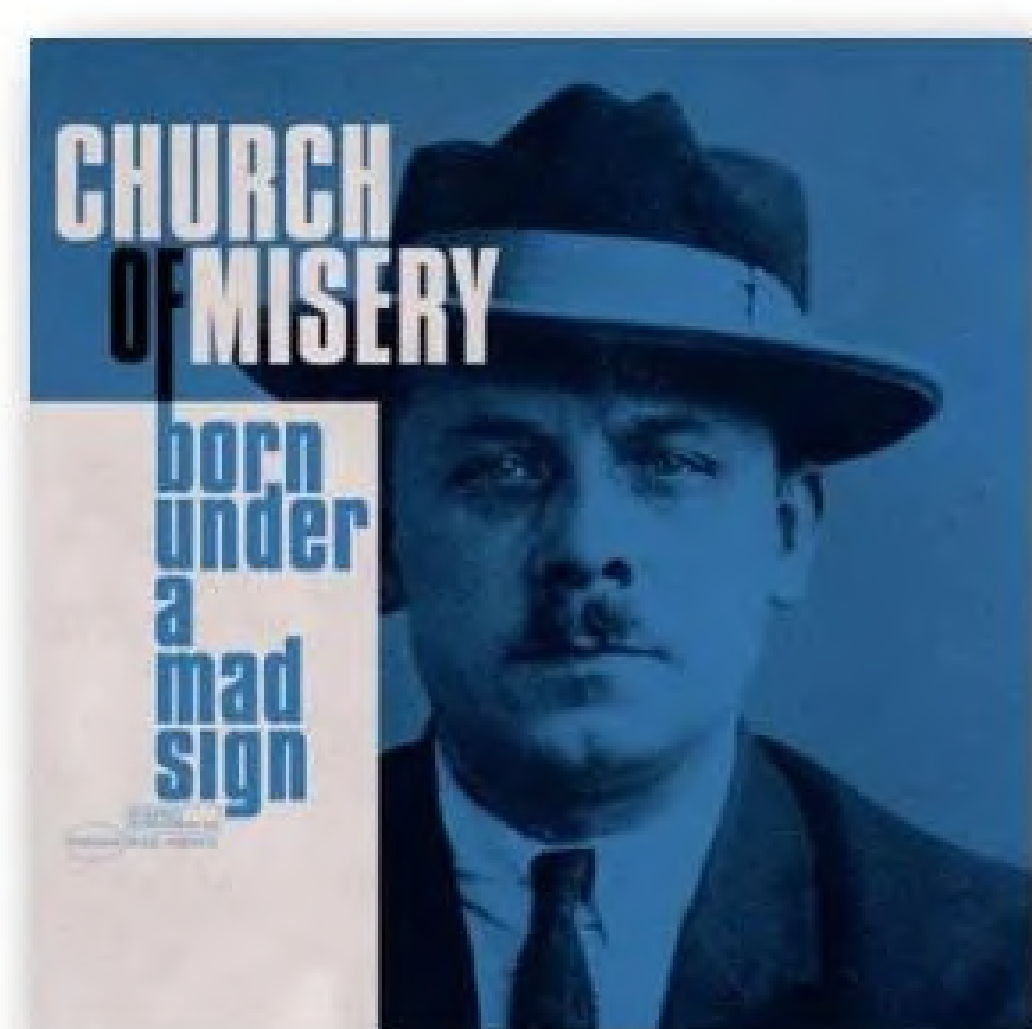
BLOODGUTTER

«Death Mountain»

(Trollzorn)

O flyer de apresentação descreve o álbum de estreia dos dinamarqueses Bloodgutter como uma mistura de Entombed e Obituary e... bem, não poderia ser mais acertado! “Artillery supremacy”, “For the empire” e outras que tais soam precisamente como se Allen West e Trevor Peres (Obituary) tivessem composto e gravado o clássico «Left Hand Path». Dito isto, não pode constituir surpresa o conteúdo de «Death Mountain»: death metal old school, ajavardado e com algum groove à mistura. Os riffs da guitarra têm justamente aquela qualidade “suja” por regra associada a este género e NP Nielsen, na bateria, ajuda a que o som fique com aquela “espessura” que tão bem lhe assenta. No domínio do lírico, não há muito mais a acrescentar, pois é o que se espera de género e até a capa do CD tresanda a death metal. Posto isto, é evidente que «Death Mountain» tem tudo para agradar aos fanáticos destas podridões, ficando talvez por aprimorar em futuros lançamentos uma maior variedade nas composições e uma produção capaz de as elevar um pouco mais.

[7.5/10] HELDER MENDES



CHURCH OF MISERY

«Born Under A Mad Sign»

(Rise Above Records)

Oriundos do Japão, os Church of Misery são uma instituição da cena doom metal, conhecidos pela sua peculiar obsessão por serial killers e pela rotatividade dos seus membros. «Born Under A Mad Sign» é a mais recente ode ao lado mais negro da mente humana por parte de Tatsu Mikami e companhia, à qual Kazuhiro Asaeda deu voz, regressando assim, quase 30 anos depois, à Igreja. Discípulos dos Black Sabbath, estes nipónicos são autênticos adoradores de pesadíssimos riffs com uma distorção bem “suja”, como já é seu apanágio, e praticantes de longas “orações”. Neste que é o seu sétimo disco, que demorou sete anos a ser lançado, o tema mais longo, com quase dez minutos de muito groove, é “Most evil (Fritz Harmann)”, cuja foto tem honras de capa. O tema seguinte, “Freeway mountain boogie (Randy Kraft)” representa, para mim, a paradoxalidade desta banda, isto porque, em termos instrumentais, a música transmite-me uma boa onda brutal por representar um ótimo momento de rock n roll, ao ponto de me fazer esquecer a temática que está presente no disco. Não nutro qualquer fascínio por homicidas, no entanto, Church of Misery têm a capacidade de me fazer desligar das letras e focar-me essencialmente na guitarra solo e no baixo e na dose psicótica de psicadelice que emanam, (especialmente na cover “Spoiler”, original dos nova iorquinos Haystacks Balboa). A grande proeza destes senhores reside no facto da essência da sua sonoridade não ser afectada pelas constantes mudanças de formação ao ponto de este ser o disco mais coeso da sua carreira. Fiéis do doom, Tatsu Mikami é o vosso pastor e nada vos faltará!

[7.5 /10] GABRIELA TEIXEIRA



DARK AGE OF RUIN

«False Messiah and the Abstract»

(Selvajaria Records)

Este disco e este projecto tem muito por onde fazer crescer curiosidade. Uma primeira justificação para isso poderia ser a temática obscura e do oculto, mas parece-me haver algo que deixará o ouvido ainda mais apurado. Estamos perante um disco de black metal, é mais do que certo, mas vindo da Ilha de S. Miguel nos Açores. Para além disso, o projecto é formado por Pai, Filho e fiquemos por aí. Hugo e Hugin Medeiros dão forma a esta peça furiosa, com a típica efervescência do que se fazia pela Escandinávia em meados da década de 90. Depois de um primeiro EP lançado em 2022, os Dark Age Of Ruin lançam este ano o seu disco de estreia. Ao todo são nove temas, onde em momento algum deixam cair a fasquia da heresia que nos apresentam logo no início, no tema de abertura “An heretic overture”. Mais à frente, o tema “Golgotha” pode até ser a porta de entrada ideal. Depois de a ouvirem existirão fortes probabilidade de quererem ficar a conhecer o restante trabalho destes açorianos. Num trabalho muito self-made, Hugin assume a concretização da parte técnica, produção e mistura, assim como do design deste «False Messiah And The Abstract». Tudo isto é um ótimo sinal de vitalidade e que serve perfeitamente para tornar ainda maior o pinpoint do arquipélago no que à produção de música extrema diz respeito, tornando-os em mais uma peça de interesse no Museu do Heavy Metal Açoriano.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



DEVISER

«Evil Summons Evil»

(Hammerheart Records)

Após mais de 10 anos sem lançar um álbum de originais, os gregos Deviser regressam com «Evil Summons Evil», aperfeiçoando o seu black metal melódico de inspiração escandinava (o riff que abre “Death is life eternal” é Satyricon cuspidado e escarrado) mas também – e sem qualquer paradoxo – tipicamente helénico. Ora, não sendo propriamente um trabalho digno da primeira divisão do black metal, nem por isso deixa de ter os seus motivos de interesse, como as piscadelas de olho étnicas presentes em “Of magick” ou os riffs melódicos que dominam “Evil summons evil”. Nem sempre os Deviser conseguem evitar que um certo tédio se imponha, como em “Evoking the moon goddess”, que pisa territórios aproximados ao metal gótico, mas no geral o álbum traz mais pontos positivos do que negativos. No fundo, «Evil Summons Evil» acaba por funcionar como uma amostra da própria carreira dos Deviser: longe de essenciais, são ainda competentes quanto baste dentro do género que praticam para atrair atenções. E podem até jamais passar disto – o que bem vistas as coisas não tem mal nenhum.

[7/10] HELDER MENDES



ELITIUM

«Wrong»

(Gruesome Records)

Os bracarenses Elitium regressam às edições discográficas com o trabalho «Wrong», depois de se terem estreado em 2011 com o EP «Transcendent», seguido de um outro, intitulado «Ataxia», em 2014. A passagem do tempo foi significativa para os Elitium, pois traduz-se em clara evolução. Chegam a 2023 com vários planos em mente e a mostrarem-se muito certos do que querem transparecer através da sua música e criação artística adjacente. Esta determinação que nos comunicaram, e que podem conferir na entrevista publicada nesta edição da Versus, resultou num total de sete temas que vivem numa linha de enorme coesão entre eles. A música em si é bruta, dura, directa e cruel. Tal e qual é transmitido através da observação da capa do disco e dos dois videoclipes, já lançados, para os temas “Humus”, que abre o disco, e “Tasteless”. Enfrentar este disco é enfrentar 23 minutos de death metal, que se pode situar nas redondezas do que bandas como os Dyscarnate ou os Thy Art Is Murder exploram actualmente. Como os próprios afirmam, este novo disco tem o sabor a recomeço e ao acreditarmos na promessa de mais lançamentos, com maior regularidade, é mais que justo dizer que se fica de apetite aberto, para experimentar o que o futuro negro dos Elitium nos irá trazer.

[8/10] EMANUEL RORIZ



EUNOIA

«Psyop of the Year»

(Nefarious Industries)

Com a clareza da psicose, nem os olhos vendados nos permitem aterrar em solo sagrado. De formação casual e de interpretação menos que prováveis, eis que o som nos obstrui o belo do sonho amigável. Não obstante, o simples cair de entradas-frias como se nos é apresentado “A snide remark from the invisible hand” não poderia ser mais interessante do que o que se lhe promove: apalpões. Quando se falam em furos em Moçambique, não se espere água fresca nos torrões de calor humano atropelado pela percussão inquietante dos nefastos Eunoia. Com “Black highlighter” a banda dá um passo em direcção ao seu distinto comportamento visual, onde não existem palavras nem vozes - apenas um grito de intolerância e opressão: censura! A introspecção dá-nos um sentimento diferente de peso, com aspiração a caos, a tormentos. A palavra seria mais cabal ao parar nos momentos com menos dor, mais luz. A melodia por vezes pesponta, no horizonte mais que endurecido, enevoadado por certo, catastrófico talvez. Ao sustar a respiração, entra-me um doce pela boca, de veludo, não, de cabedal. Não pode, não sei, entretanto o colega de quarto diz algo que nos obscurece por fora, o quadricípite rítmico é hipnotizador. Logo, sou atacado pelos fãs de futebol. Bolas. Pensei que tinha caído da cama. Bom jogo. Tudo acaba com a inteligência, nada foi dito mas tudo foi gravado, a vós de ouvir.

[8/10] ADRIANO GODINHO



FIFTH ANGEL

«When Angels Kill»

(Nuclear Blast Records)

Não sendo Power Metal a minha arena sonora preferida, foi com algum agrado que escutei este «When Angels Kill», quarto álbum dos Fifth Angel. Provenientes de Seattle, mantêm-se fiéis a um género musical que teve os seus tempos áureos algures entre os anos 80 e 90. A responsabilidade de manter vivo ou reavivar um género ou tendência que possa ter ficado esbatida na explosão de acesso cultural que a Internet trouxe ao mundo está de facto nas mãos de quem se

consegue reinventar mantendo as estruturas base do respetivo musical. Estes Fifth Angel parecem apostados nessa reinvenção, empreitada que começou em 2018, após uma paragem de quase 30 anos, na edição de «The Third Secret». Em «When Angels Kill» a renovação continua e se podemos continuar a chamar a este género Power Metal, sem dúvida que há elementos que colocam num patamar mais refinado e aberto. Em suma uma evolução. Claro com power chords q.b. e harmony leads pontuais, solos e tudo o mais; mas junto encontramos também elementos mais progressivos, passagens pautadas por rock e vocalizações potentes e melódicas refrescantes a cada tema. Um álbum que pode ser colocado nos favoritos para múltiplas audições porque colhe os frutos de pequenas surpresas ou detalhes, que enriquecem o conjunto dos 14 temas. Normalmente um álbum que se ouve de fio a pavio, de uma empreitada sem deixar o ouvinte cair na repetição é de louvar. E aqui na minha opinião penso que os fãs de Power Metal terão uns valentes minutos de prazer sonoro. Quem não é particularmente fã deste género pode no entanto dar uma espiada e pode ficar agradado com este disco.

[8.5/10] SERGIO TEIXEIRA



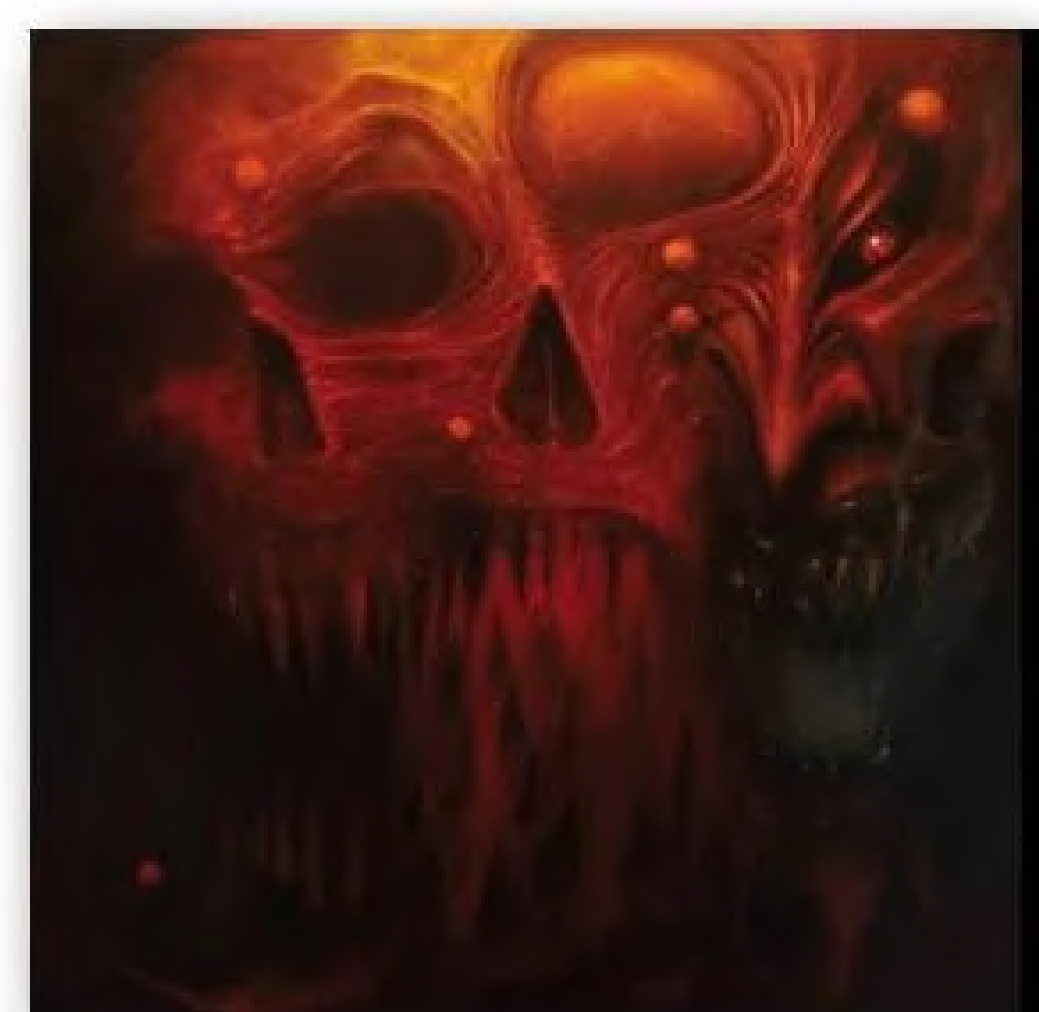
GRANT THE SUN

«Voyage»

(Mas-Kina Recordings)

E que tal uma viagem? Para onde? Que tal para as terras quentes da Noruega, aquecidas com as melodias voluptuosas deste trio que liberta um post-rock pesado, introspectivo, reflexivo, mas de certo cuidado? As passagens e paragens durante a viagem giram à volta do mundo sub-aquático onde nos podemos perder no silêncio destas malhas onde temas como “Death is real” metem o pé dentro de água, e bem fundo, deixando-nos imaginar em qual mundo submerso estes noruegueses nos pretendem imergir. A sensação que nos deixa em certas passagens não é de um oceano frio, mas de um deserto quente, ponto acentuado pelo facto da primeira faixa se intitular “Blue desert” - então seria um deserto de mar. Onde criaturas estranhas dominariam um mundo ainda desconhecido para o homem. Um tema mais extravagante, a meu ver, pelo menos mais desclassificável deste lote é “Mariana”. Será que é o nome de alguém que atormentou os nossos anfitriões? Importante de salientar que os Grant the Sun lançaram três EP antes deste primeiro LP, onde os EP eram instrumentais e este trabalho tem dois elementos nas vozes, um dos dois guitarristas Markus Lillehaug Johnsen com uma presença mais marcada, com vozes limpas, mas também o outro guitarrista Martin Rygge nas vozes mais gritadas. Deixo aqui a curiosidade em relação a este trabalho que foi criado em volta das linhas melódicas do baixo, pois no lançamento anterior, «Sylvain», o trabalho foi comentado por Fredrik Thordendal (Meshuggah) que faltava baixo e até deu uma perninha a tomar conta das gravações.

[8/10] ADRIANO GODINHO



HORRENDOUS

«Ontological Mysterium»

(Season of Mist)

Trata-se do quinto registo da formação norte-americana e, definitivamente, mais um passo decisivo no processo artístico de ruptura com as fórmulas estagnadas e as convenções caducas do metal mais extremo, que o quarteto iniciou em 2015 com o álbum «Anareta». O disco seguinte, «Idol» (2018), elevou mais ainda a fasquia criativa para um nível de sofisticação que desafia categorizações, mas este «Ontological Mysterium» tem o condão de soar inteiramente mais maduro e fluente, mostrando-se tão ou mais ousado que o anterior. As composições, mais a puxar ao progressivo, parecem ter resultado melhor, com todos os elementos a articularem-se de forma mais harmoniosa, e aglutinando uma profusão ainda maior de passagens memoráveis. O vocabulário sónico é mais thrash que death, e muitas melodias carregam aquele tom triunfal de hino típico do heavy metal, como é desde logo evidente no instrumental de abertura “The blaze”. Detectam-se outras influências em jogo, como talvez Pestilence e Mekong Delta, embora os alicerces se mantenham em Death, que ressalta no épico “Chrysopoeia (The archaeology of dawn)”, e, especialmente, Coroner, bem audível no tema mais negro do álbum: “Cult of Shaad’oah”. Este é um dos pontos em que Damian Herring alterna a sua voz rouca com um registo mais berrado, discursivo, adicionando assim algum dramatismo que assenta bem. Digno de nota é também “Exeg(en)esis”, nascido espontaneamente numa jam session, e que é capaz de ser peça única no repertório da banda. Apesar da abordagem singular, indiferente a cânones e fronteiras, «Ontological Mysterium» é um trabalho fácil de absorver mas que não se esgota nas primeiras audições. São trinta e oito minutos do melhor Metal que ouvirão em 2023.

[9.5/10] ERNESTO MARTINS



IRONMASTER

«Weapons of Spiritual Carnage»

(Black Lion Records)

Formados no início de 2020 pelo guitarrista Jonas Kjellgren (Centinex, Scar Symmetry) junto com o baterista dos Dark Funeral, Janne Jaloma, e o notório growler dos Edge of Sanity, Robert Karlsson, os Ironmaster lançaram a sua esmagadora primeira declaração de intenções na forma do impressionante «Thy Ancient Fire». Este segundo álbum, «Weapons of Spiritual Carnage», reafirma o compromisso da banda sueca com a tradição death metal originária da Flórida mas de uma maneira algo diferente. O pedal do acelerador parece ter sido pisado desta vez a fundo, com todas as músicas a ser cuspidas a um ritmo consistentemente homicida. Mais importante, porém, é a composição, que se tornou um pouco mais desafiadora e intrincada do que no referido disco de estreia de 2022, evidenciando detalhes interessantes que, a cada passo, emergem da barragem sónica. “Ocean of searing hate” por exemplo, apesar de ser um dos temas mais contundentes, apresenta cavalgadas contagiantes, solos dignos de guitar hero e até mesmo um refrão melódico memorável. A excelente ponte proggy em “Infinite virulent”, as incursões black metal na faixa-título e os riffs mecânicos vagamente reminiscents de Fear Factory em “Bringer of deception” (com uma contribuição notável de Bill Hudson dos Northtale) dão uma ideia da abordagem sábia e diversificada que o trio adoptou desta vez. Os arranjos de teclados foram, desta vez, deixados de fora, mas isso em nada subtrai à qualidade da música que tem substância suficiente em termos de riffs criativos, estruturas rítmicas inspiradas e transições surpreendentes para proporcionar uma audição viciante. Poucas bandas são capazes de criar death metal tão avassalador e, simultaneamente, tão refrescante e com tanto para digerir.

[8/10] ERNESTO MARTINS



ISOLE

«Anesidora»

(Hammerheart Records)

Alicerçada em mais de duas décadas, a carreira dos Isole tem sido imaculada em termos de lançamentos, pois não há um único registo que possa ser considerado “abaixo dos mínimos” na discografia destes suecos. «Anesidora» é, pois, mais uma adição relevante nesta história contada a passos de epic heavy doom de receita candlemassiana. Talvez os Isole estejam um pouquinho mais melódicos e “limpos”, e a isto junta-se a voz cada vez mais cristalina de Daniel Bryntse, mas nunca cruzam a fronteira do mau gosto ou do piroso. A intenção de «Anesidora» é espalhar melancolia pesada equilibrando precisamente o lado melancólico e o lado pesado, e isto é algo nem sempre fácil de fazer, e muito menos com a qualidade demonstrada pelos Isole. Destaques? Num álbum que vale pelo seu todo e ganha em ser escutado do princípio ao fim, não é ainda assim injusto realçar “Twisted games”, a épica “The songs of the whales” ou “In abundance”, com o seu riff simples e ao mesmo tempo eficaz. Porém, e repetindo-nos, «Anesidora» é para ser apreciado na sua globalidade, como de resto sucede com qualquer disco destes suecos, claramente uma das grandes instituições doom metal dos nossos dias.

[8.5/10] HELDER MENDES



LUMSK

«Fremmede Toner»

(Dark Essence Records)

Trondheim, Noruega. Folk metal. Começo assim, de forma a que estejamos já perfeitamente contextualizados. Em cerca de 20 anos de carreira este é apenas o quarto disco de originais dos Lumsk. Nos primeiros tempos em que foram bastante regulares em termos de produção, olhavam bem mais de frente a faceta mais pesada. Agora, bem mais maduros, sinto que reduziram a dose de beleza naive das melodias, mas torna-se claro que ganharam um extenso território no que diz respeito à capacidade de surpreender o ouvinte. As melodias são exploradas bem mais a fundo e em cada tema é dada uma atenção muito especial às dinâmicas musicais. É nessa indagação que nos vão fazendo querer ficar por perto deste registo. O disco é cantado em duas línguas, inglês e língua nativa. É no mistério e no valor da autenticidade de uma língua nativa, que à maioria dos habitantes da nossa zona do globo pouco diz, onde se encontra a essência da sedução que este disco transporta, cativando quem escuta. A duração dos temas é também diversificada. É nessa duração que vão surgindo instrumentos e sons pelos quais não estaríamos à espera. Assim acontece com a voz masculina que aparece apenas na segunda metade do disco e que protagoniza um dos grandes momentos da carreira do grupo, no fecho do disco. “The day is done” tem uma carga emotiva e dramática, quase teatral, em que o último minuto e meio, é de nos fazer pôr em pé e de mão no peito.

[9/10] EMANUEL RORIZ



LUNAR

«The Illusionist»

(Saibot Reign Records)

Formados em 2013, os californianos Lunar começaram por fazer uma espécie de death metal progressivo fortemente influenciado por Opeth – que registaram nos álbuns «Theogony»(2017) e «Eidolon»(2019) – mas apresentam agora um trabalho mais orientado para o prog rock, onde as influências extremas se ficam pelo mínimo. O peso do Metal continua presente mas, ao contrário dos discos anteriores, «The Illusionist» – uma obra conceptual centrada na crise existencial de um prestidigitador – é, em boa medida, um álbum de composição mais acessível, de música que se entranha, cheia de passagens tranquilas e refrões pegajosos mas também com uma boa dose de segmentos complexos e riffs agressivos. O disco cativa logo no instrumental de abertura, em particular no segmento neoclássico, introduzindo também os excepcionais dotes do guitarrista Balmore Lemus. Seguem-se quatro dos números mais memoráveis, com destaque para “Worship the sun”, de inspiração oriental, e “Turn off the world” que conta com um notável solo de guitarra de Sam Vallen dos Caligula Horse. As incursões guturais de Brian Lewis – que secundam o registo limpo de Chandler Mogel – soam, desta vez, algo estranhas no contexto da expressão rock do disco. Felizmente são escassas. “Disassembled” e “Juggling chainsaws” são as peças mais cerebrais, a primeira com laivos vanguardistas em linha com o estilo do sax de Jorgen Munkeby (Shining), e a segunda que, sendo a faixa mais pesada e complexa, é o lugar adequado para as pinceladas técnicas da guitarra de Christian Munzner (Obscura, Alkaloid), outro dos vários convidados. Não se tratando evidentemente da próxima revelação do prog, «The Illusionist» é um disco galvanizante com os condimentos essenciais a uma experiencia de grande música.

[8/10] ERNESTO MARTINS



LUNAR CHAMBER

«Shambhallic Vibrations»

(20 Buck Spin)

Cynic por alturas desse autêntico mito chamado «Focus», mas com vocalizações mesmo “à death metal”: isto são os Lunar Chamber. «Shambhallic Vibrations» é uma estreia em formato EP que não engana e dirige-se principalmente aos fãs de death metal progressivo e técnico e aos órfãos dos Cynic na sua encarnação mais pesada. Liricamente, a banda referencia as filosofias e religiões orientais (mais uma característica herdada de «Focus»), em particular o budismo, tornando mais exótica uma sonoridade que, por si só, já foge ao convencional. Pela sua duração (quase 13 minutos, ou seja, é praticamente metade de «Shambhallic Vibrations»), a faixa “III. Crystalline blessed light flows... from violet mountains into lunar chambers” merece destaque, por condensar tudo o que os Lunar Chamber são: técnicos, criadores de ambientes, cativantes e, claro, pesados quanto baste. Por último, diga-se que o baixo em «Shambhallic Vibrations» é puro Sean Malone: quem gostasse do estilo do malogrado músico tem nos Lunar Chamber muito para apreciar. A curta duração deste EP acaba é por saber a pouco. Mas deixa muita água na boca: aguarda-se com enorme expectativa a eventual estreia nos longa-duração por parte destes norte-americanos.

[8.5/10] HELDER MENDES



OSTROGOTH

«Too Hot»

(High Roller Records)

Tal como a tribo germânica do Sec. V que, sob o comando do rei Teodorico, invadiu o Império Romano, também este clã homónimo de músicos originário da Flandres sonhou um dia conquistar um lugar de destaque no panorama do Heavy Metal da década de 80. Irromperam promissores em 1983 com o MLP «Full Moon's Eyes», logo seguido pelo álbum «Ecstasy and Danger» que fixou a formação belga no roteiro europeu da altura, muito por causa do timbre característico do vocalista Marc “Red Star” de Brauwer – um cruzamento singular entre Rob Halford e David DeFeis (Virgin Steele) – que interpreta verdadeiros hinos de um proto-power metal fortemente influenciado pela NWOBHM de bandas como Judas Priest e Iron Maiden. O segundo álbum, «Too Hot», agora em reedição, foi publicado em Maio de 1985 no lendário selo Mausoleum Records, saldando-se como um trabalho mais directo, pontualmente radio friendly por influência do produtor Alex Gietz o que proporcionou à banda algumas aparições em TV. É um disco onde todos os temas têm o seu quê de memorável na forma de malhas que ficam no ouvido, e de refrões bem pegajosos, sendo difícil evitar o contágio de temas como “Shoot back”, “Love in the streets” e particularmente “Endless winterdays”. É também o registo mais variado do colectivo, com alguns temas bem speedados como “Sign of life”, melódicos (“The gardens of Marrakesh”) ou baladescos (“Catch the sound of peace”). O disco seguinte, «Feelings of Fury», já não beneficiou do talento criativo de de Brauwer, do guitarrista Hans van de Kerckhove nem do baixista Marnix van de Kauter, tendo resultado sem a qualidade irresistível de «Too Hot» que se destaca como o ponto mais alto do legado dos Ostrogoth.

[8/10] ERNESTO MARTINS



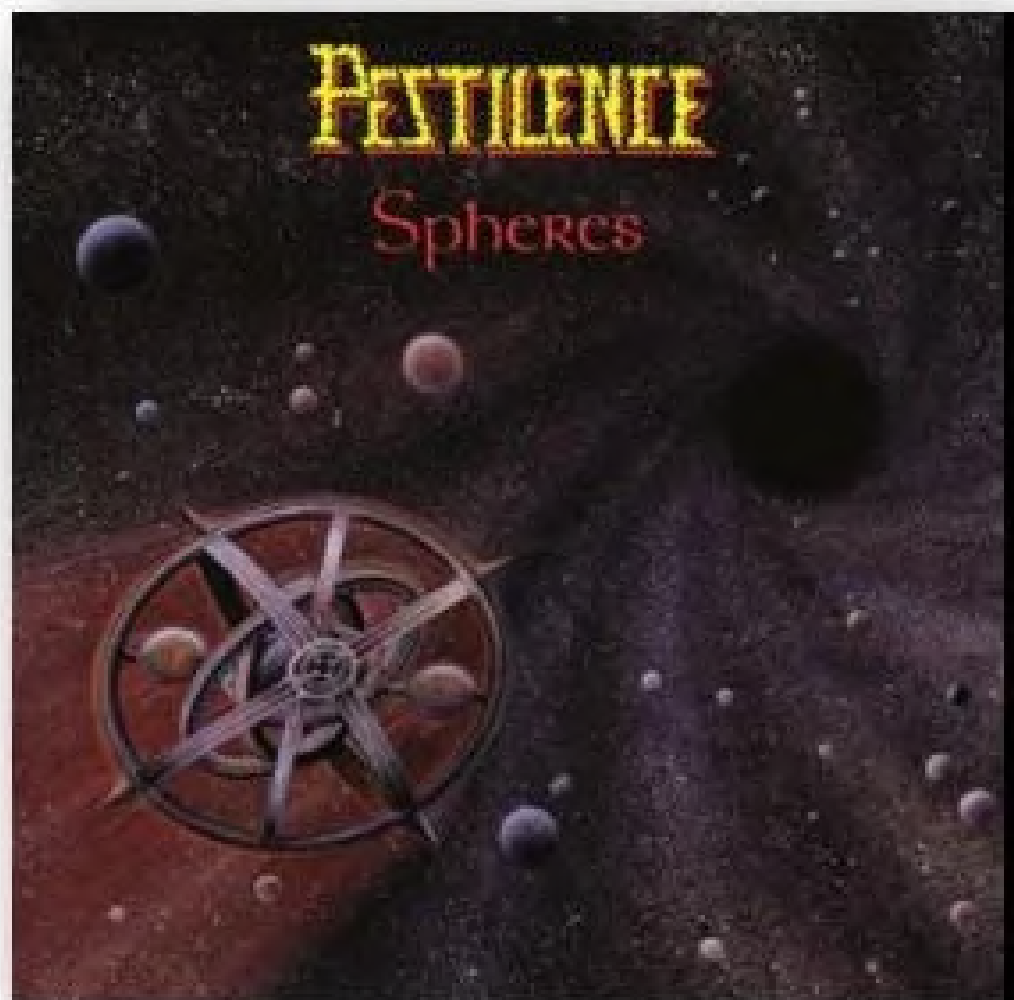
PERILAXE OCCLUSION

«Vapor Chamber»

(Debemur Morti Productions)

O chavão frequentemente citado de James Dean, “Live fast and die young”, poderia muito bem ser o lema dos Canadianos Perilaxe Occlusion que acabaram de se extinguir após uma meteórica carreira de menos de três anos. «Vapor Chamber», o disco de despedida, reúne o parco repertório que a banda conseguiu lançar em duas demos e um split, mais alguns inéditos. Todo o legado da dupla de Ontário é aqui exposto em dez longos temas de um death metal monstruoso baseado em guitarras rombudas e percussões telúricas, intercaladas por segmentos arrastados de doom, tudo isto encimado por um abissal urro que vocifera estranhas diatribes proferidas em jargão tecnológico e gore. A amálgama de influências old school, tanto suecas como finlandesas e americanas que a banda abraçou desde o início, é audível de fio a pavio, sendo especialmente clara nos três números esmagadores da demo de 2020, «Exponential Decay». «Raytraces of death» foi uma demo muito mais conseguida, valendo a pena conferir os três temas aqui incluídos. O mesmo pode ser dito da cerebral “Serrated tessellation” proveniente do split «Absolute Convergence». O melhor, no entanto, são os dois temas que a banda elaborou a partir das melhores partes de um álbum planeado mas que nunca chegou a ver a luz do dia – o contagiante “Procedural proscriptions”, que até inclui um baixo de solo interessante, e “Dithering anisotropic” com as suas voltas e reviravoltas técnicas evocativas dos lendário Demilich. Nestas duas os elementos doom foram praticamente descartados, a composição saiu um pouco mais refinada e a repetição excessiva presente no material anterior é mais contida. Tudo leva a crer que a banda estava, artisticamente, num caminho promissor, mas o eventual resultado disso pertence agora ao domínio da especulação.

[6.5/10] ERNESTO MARTINS



PESTILENCE

«Spheres»

(Agonia Records)

A década mais criativa no Heavy Metal – a de 1990 – teve o seu annus mirabilis em 1993 com a publicação de três discos que, a seu tempo, se revelariam autênticas pedradas no charco: «Focus», o álbum de estreia dos Cynic, «Elements» dos Atheist e «Spheres» dos Pestilence. Este último foi na verdade o primeiro dos três a ver a luz do dia, sendo hoje um trabalho tão relevante e inovador como foi há trinta anos. Por essa altura, misturar Metal de linha dura com sonoridades mais suaves (e.g. teclados) era considerado quase uma heresia, mas foi exactamente por aí que a formação holandesa ousou enveredar neste quarto registo, fundindo o seu thrash/death seminal com sonoridades espaciais criadas com guitarras acopladas a sintetizadores. Na composição deram largas à experimentação com o jazz de fusão, incluindo na música muito do vocabulário abstracto deste estilo. O que resultou deste rasgo de génio foi algo verdadeiramente inédito, quase só identificável como Pestilence pelo característico registo vocal esforçado de Patrick Mameli. E como tudo o que surge à frente do seu tempo, também este trabalho não teve a melhor recepção. Embora as inovações introduzidas em «Spheres» não tenham afectado dramaticamente a faceta agressiva da banda (os riffs passaram a soar mais dissonantes e/ou industriais), o disco dividiu os fãs e o insucesso comercial decorrente ditou a dissolução do grupo (curiosamente, o mesmo fim tiveram os referidos Cynic e Atheist, o que é revelador da intolerância à inovação dos fãs de Metal à época). Os Pestilence regressariam 15 anos depois, mas já sem a chama e o arrojo que presidiram à criação de «Spheres», o opus magno, muito subestimado, da banda de Mameli, novamente disponível em versão remasterizada, e uma das mais impressionantes criações da história do Metal.

[9.5/10] ERNESTO MARTINS



PYRAMAZE

«Bloodlines»

(AFM Records)

Ao avançar na audição do disco «Bloodlines» é bastante palpável o imaginário de fantasia, cenários que invocam a ficção, algo até bastante cinematográfico. Uma rápida passagem de olhos pelos nomes das canções e também pela arte gráfica deste trabalho, aumenta ainda mais toda esta percepção de que falo. A isto tudo, faltaria fazer corresponder, claro está, a criação musical dos Pyramaze. Faltaria, pois conseguem-no! Não mais seria de esperar pois prepararam-se para comemorar os 20 anos desde o lançamento do primeiro álbum e toda esta fórmula tem vindo a ser posta em prática desde então - há imensos elementos sinfónicos, num disco que abre e termina com dois temas instrumentais, onde vagueiam de forma espetacular pelas paisagens de um drama épico. Ao longo do disco há um ligeiro piscar de olho ao rock/metal progressivo em composições que atingem o seu momento de destaque nos diferentes refrões, onde talvez o tema “Taking what's mine” seja mesmo o melhor espécime - aqui parecem deixar sair o que de melhor lhes corre pela alma. Em 2023 os Pyramaze demonstram ser muito coesos e competentes, mas fica a faltar um passo mais, em frente, onde irão alcançar um disco memorável de uma ponta à outra. Ficaram perto desta vez...

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



SILENCE IN THE SNOW

«Ghost Eyes»

(Prophecy Productions)

Mais um álbum que chega aos arquivos da presente edição da VERSUS e que está muito longe de sonoridades extremas ou de elevadas complexidades na parte da composição. Este duo Silence in The Snow oferece-nos exclusivamente ambientes Dark Wave/Rock e Post-Punk. Com dois álbuns já editados, chegam a 2023 e enviam para o audiospaço uma obra com elevado nível de maturidade nas composições, na estética, no cuidado em que o balanceamento das paisagens sonoras se sucede, numa sequência equilibrada de percursos. Uma viagem percorrida por dez temas em que cada um deles fica coerentemente ligado ao antecessor. É essencialmente um álbum para quem procura respirar ao som de guitarras, melodias e sonoridades etéreas polvilhadas com ligeiras doses de psicadelismo. Este disco tem tudo para permitir a este duo apresentar performances em palco de agarrar o público do início ao fim, pelo menos é assim que vejo este «Ghost Eyes» - um disco para ser apresentado em palco. Com refrões fáceis de encaixar e memorizar e tonalidades melancólicas q.b., boas composições (fáceis de digerir mas suficientemente sofisticadas) este disco fica um “tudo nada” destacado do que por aí anda. Especialmente as vocalizações com características muito próprias e diria até originais, tendo em conta que em nenhum momento a vocalista e guitarrista Cyn M. tenta chegar aos mínimos de acesso aos Jogos Olímpicos das performances vocais extremas, nota-se um timbre muito próprio. Não se trata de facto de um disco para quem procura abanar o capacete como se não houvesse amanhã. É no entanto na minha honesta opinião algo que merece o mínimo de visibilidade, pois quem gostar desta proposta vai quase de certeza começar no primeiro minuto e parar apenas no último segundo. Dentro deste enquadramento estético oscilante entre o psicadélico e o melancólico é, julgo eu, do melhor que por aí anda.

[9/10] SERGIO TEIXEIRA



THE CHRONICLES OF FATHER ROBIN

«The Songs & Tales of Airoea – Book 1»

(Karisma Records)

A nota da editora Karisma Records que acompanha esta proposta que nos chegou dos Noruegueses The Chronicles of Father Robin descreve a banda como sendo um super-grupo de vários elementos com provas dadas (em bandas como Wobbler, Tasmørke, Jordsjø, Alwanzatar) num registo de Folk Rock Progressivo. É sempre interessante poder escutar propostas de géneros musicais que não fazem parte do nosso universo primordial de escolhas; tipicamente o Folk Rock não é o que procuro, porém neste caso achei o disco interessante, onde o lado Progressivo foi o que me chamou à atenção. Quanto ao género musical diria que estamos conversados. Onde este Book 1 se destaca é no cuidado com que as composições foram concebidas, tocadas e produzidas notando-se claramente que o álbum é, nessa vertente, orientado para ser ouvido não só com os auscultadores, no carro ou em casa, mas precisamente e particularmente ao vivo. Um dos fatores que mais me deixa curioso num álbum é a originalidade ou capacidade de surpreender. Sempre que algo sai do marasmo é o que escolho para poder voltar a escutar e ser novamente surpreendido. As passagens e paisagens sonoras são, na minha opinião, bastante singulares – sim, é claro, notam-se as influências – mas o efeito final é sobretudo uma sequência de pontos e de viragens inesperadas. E assim se escuta um disco de fio a pavio sem pestanejar. Fica assim feita a ilustração deste primeiro capítulo – Book 1 – de um triplo álbum conceptual de 18 temas. Ainda não temos informação das datas para as sequelas, mas será interessante escutar os restantes dois álbuns e perceber o todo. Tomando este Book 1 como referência, os restantes 12 temas prometem.

[8.5/10] SERGIO TEIXEIRA



THY CATAFALQUE

«Alföld»

(Season of Mist)

Face a uma discografia feita de dez álbuns consistentemente brilhantes, não é de admirar que cada novo disco dos Thy Catafalque seja assumido à partida como mais um emocionante passeio na montanha-russa de emoções habitualmente induzida pela eclética música de Tamás Kátai. Desta vez, porém, algumas dessas expectativas podem sair frustradas já que o décimo primeiro álbum se afasta um pouco do caminho único e aventureiro que o músico húngaro tem trilhado recentemente. Isso é desde logo evidente nas duas primeiras faixas de «Alföld» que soam apenas a doom/death convencional (“A csend hegyei”) ou parecem limitar-se aos cânones do gothic/doom (“Testen túl”). “A földdel egyenl” é o primeiro tema minimamente excitante a aparecer no alinhamento, mas mesmo aqui as orquestrações e os coros remetem demasiado para Therion. Só quando chegamos à faixa-título é que a música começa a exhibir a inconfundível assinatura sem limites dos Thy Catafalque. As faixas seguintes integram elementos de uma vasta gama de géneros, num brilhante mosaico musical que é sempre muito mais do que a soma das partes, e que muito fica a dever à variedade de contribuições externas que Kátai costuma reunir. Entre os músicos convidados são já conhecidos do disco anterior os

vocalistas Martina Horváth, Gábor Dudás e Gábor Veres, bem como o guitarrista Breno Machado que é aqui essencial. Outros contributos notáveis são os de Dario Cei (flauta), Chris Lyons (violino) e Ido Romano (ney). «Alföld» não deixa de ser um disco notável e acima da média, mas claramente falta aqui a inspiração que presidiu à criação de «Vadak» bem como o engenho encontrado em «Naiv» – isto para mencionar apenas os dois últimos álbuns.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



TORTURE RACK

«Primeval Onslaught»

(20 Buck Spin)

Parece-me ser possível afirmar que o death metal, sendo obrigatório aqui considerar muitos dos seus derivados, são dos géneros que mais lançamentos tem tido nos últimos tempos. Mesmo estando bastante seguro desta percepção, arrisco fazer a pergunta: Há por aí quem esteja com fome ou sede de um pouco de death metal? Pois bem, a esses que respondem afirmativamente sugiro que deem a mão a uma cópia de «Primeval Onslaught», ou até a várias, se quisermos ser mais visuais na metáfora, e lambuzem-se com esta mostra de death metal. Sugiro que se lambuzem com muito propósito, pois tenho para mim, que por norma, não nos lambuzamos com confecções da alta cozinha, mas sim com receitas mais comuns, mais simples, com paladar conhecido. Avisam-se os sensíveis que o petisco é sanguinário. Mas, se estiverem a gostar, ao longo da degustação podem até encontrar prazer noutros paralelismos, que não são de deixar na beira do prato. Algo que sabe ao som cheio dos suecos Hypocrisy, pelos tempos do «Penetralia», ao descontrolo do «Morbid Visions» dos Sepultura, ou até o tempo de duração do disco que se encontra muito próximo da referência que é «Reign in Blood» dos Slayer. Este que é o terceiro longa duração da banda norte-americana, não é propriamente uma explosão de sabores, mas vai bem...

[7/10] EMANUEL RORIZ



VOIDCEREMONY

«Threads Of Unknowing»

(20 Buck Spin)

Assim muito rápido, conseguem lembrar-se de alguns discos, sobre os quais audição após audição, acaba por parecer que estão sempre a ouvir ou encontrar algo de novo pela primeira vez? Por vezes é uma melodia, lá no fundo, que parecia escondida. Por outras, uma voz ou um riff que são percepcionados de forma diferente. Eu tenho uns poucos nessa lista. Entre eles está, por exemplo, o “Blue Train” do famoso saxofonista John Coltrane. A juntar a esse estará a partir de agora, o mais recente lançamento dos também norte-americanos Voidceremony. «Threads Of Unknowing» é o seu segundo longa duração, depois de em 2020 terem editado o muito aclamado «Entropic Reflections Continuum: Dimensional Unravel». Os Voidceremony inserem-se numa vaga que parece ainda estar a chegar aos poucos. Por aqui e por ali ouve-se falar em death metal espacial ou até death metal cósmico... Algo que parece estar a ser encabeçado pelos geniais Blood Incantation. Mas sim, é dentro desta linha que os Voidceremony se expandem, embora os temas ingressem mais pela metafísica do ser humano, pela filosofia, o oculto. É neste terreno em que nos arrastam por esquinas afiadas e mudanças de direção inesperadas. Depois há aquela estranheza constante, em que entre duas secções, num mesmo tema, surge algo que nos é familiar, que ficou de uma audição anterior do disco, mas logo de seguida aterra-se de novo em solo desconhecido. Não sei por quantas mais audições esta sensação me pode prender neste novo mundo, mas para já tem sido uma mais valia.

[7/10] EMANUEL RORIZ



VOIDHAVEN

«Lithic»

(Ardua Music)

Há algo de fascinante e único no doom metal como género musical. Nenhuma outra expressão artística é capaz de transmitir o que há de mais negro na condição humana e os Voidhaven sabem claramente como nos transportar a esses labirintos sombrios da mente com o seu doom taciturno e bem trabalhado. «Lithic», o álbum de estreia deste colectivo alemão, abre com uma linha melódica de estilo gótico, muito recorrente no género mas extremamente cativante, que revela desde logo o nicho sonoro que a banda parece ter como alvo: um doom/death alinhado com bandas como Swallow The Sun, My Dying Bride e Mourning Beloveth. E embora esta primeira impressão se vá confirmando à medida que avançamos no disco, há também aspectos diversos na música que vale a pena salientar. O mais distinto tem que ver com os vocais limpos de Simon Schorneck, que impressionam mais que os seus rugidos death. “Sermon of scorn” é interpretado nesse registo vocal, no contexto dum maravilhoso arranjo coral remanescente dos Ard. No fúnebre “To walk between ghosts”, o tom e a entrega de Schorneck lembram Robert Lowe, o histórico líder do Solitude Aeternus. De efeito igualmente galvanizante são as sombrias linhas de piano ou teclados (órgão de igreja no final de “Sermon...”) que

pairam sobre a pesada secção rítmica, bem como as guitarras emotivas que enfatizam a qualidade melancólica das paisagens sonoras. Mais refinado que o primitivo EP de estreia publicado em 2018 – e agora a somar estéticas góticas – «Lithic» pode não soar exactamente fresco e inovador, mas é definitivamente um trabalho inspirado que se recomenda vivamente aos adeptos de gothic-doom.

[8/10] ERNESTO MARTINS



VOMITORY

«All Heads Are Gonna Roll»

(Metal Blade Records)

Estes senhores suecos esticaram bem a espera por música nova. Ao todo foram 12 anos sem pôr um novo disco na rua. O que lá vai, lá vai, mas todo este tempo volvido e os suecos Vomitory aqui estão de novo a fazer vista grossa a quem se cruza com o seu death metal bruto. Pelo meio esteve um hiato anunciado, e ao que parece, bem acordado entre todos os músicos do grupo. No entanto, a mítica efeméride do trigésimo aniversário fê-los voltar à sala de ensaio, e também aos palcos. Entraram em estúdio e de lá saíram com vontade de dar cabo de tudo e todos. «All Heads Are Gonna Roll» é mesmo o nome escolhido para este novo disco e pela velocidade impressa nestes 10 temas, quase que é possível sentir os quatro músicos correrem atrás de vós, enquanto os escutam. Fiéis às linhas pelas quais se coseu o movimento do Brutal Swedish Death Metal, apresentam agora uma produção moderna, que ajuda a que estes quatro cavaleiros se mantenham no vermelho durante estes 40 minutos...talvez até durante demasiado tempo. A verdade é que à medida que as faixas vão passando, sente-se a fúria cada vez mais perto daquela igreja no cimo da colina. Aproveitando o grafismo, o tipo de adrenalina pode variar se ouvirem o disco imaginando que são o personagem principal, ou então sendo aquele que corre colina acima. Ou até sendo alguém que está dentro do pequeno templo. Como estará a vossa cabeça no final?

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



WINTERSTORM

«Everfrost»

(AFM records)

A descrição musical dos alemães Winterstorm é algo confusa. Definitivamente Power Metal, mas onde se diz que tem uma veia Folk ou viquingue, eu vejo mais elementos sinfónicos ou orquestrais que dão uma toada bastante catchy à música. As primeiras impressões são o valente e poderoso “Uhau”. As músicas do quinto álbum da banda «Everfrost» entram-nos pelos ouvidos para ficarem acomodadas como lapas. Os riffs são marcantes e bastante Power Metal oriented, mas mantendo uma tonalidade melódica bem presente com a ajuda das teclas. Não ouvia nada tão refrescante desde que tropecei nos Epica ou After Forever (lembram-se deles?) no início de carreira. «Everfrost» é um álbum que fica no ouvido, com grandes momentos de metal sem nunca deixar o Power Metal tomar conta da música dos Winterstorm. O nivelamento musical é alto e constante ao longo do álbum, trazendo cada música um tweak musical que lhe confere uma textura própria, seja coro, piano, midtempos, dinâmicas ou uma vertente mais progressiva. «Everfrost» é um álbum multifacetado que apenas peca por não ter um ou dois hinos acutilantes, sendo estes abafados pelo seu próprio nível musical. Este trabalho marca um evolução relativamente aos trabalhos anteriores nos campos da composição e musicalidade, os quais são bem audíveis nas 11 músicas que compõem este lançamento da banda liderada pelo guitarrista Michael Liewald que assina a produção, os arranjos e é o garante da homogeneidade composicional e tem na voz o sólido Alexander Schirmer.

[9/10] CARLOS FILIPE



Rock alado

Erik Mårtensson, Magnus Henriksson e Victor Crusnere responderam às nossas perguntas sobre uma grande variedade de assuntos desde o novo álbum até às suas perspectivas sobre vários temas. O cenário escolhido foi o Festival Milagre Metaleiro, onde a banda deu o seu primeiro concerto de sempre em Portugal. Os suecos esperam que a nova era da banda marcada por um renovado visual gráfico lhes dê asas para irem ainda mais além.

Entrevista: CSA & Eduardo Ramalhadeiro
Fotos: Jakob Dahlström







“

[...] se fizemos sempre o que as pessoas querem, isso torna-se aborrecido, como quando vais ao McDonalds. Comes um Big Mac, é bom, mas não é uma refeição memorável. Não queremos estar sempre a usar o “efeito Big Mac”!

Saudações! Cá estamos a fazer mais uma entrevista a Eclipse para a Versus Magazine.

CSA – Como consegues estar em três bandas todas elas muito boas, ter um emprego regular na área da música e uma família? Deves trabalhar 24/7.

Erik – Sim! Trabalho com música a tempo inteiro. E também trabalho com muitas outras bandas a misturar, a masterizar, a produzir.

CSA – E há alguma coisa em curso com Nordic Union ou estão à espera que o Ronnie lance o seu novo álbum a solo?

Erik – O Ronnie está bem, embora sempre a tomar medicação. Mas está a fazer uma pausa. De momento, não temos planos para fazer um novo álbum com Nordic Union. Lançámos um no ano passado. Até ver, ainda não começamos a trabalhar em nada novo.

Eduardo – É difícil para ti estar num projeto musical em que só tocas guitarra?

Erik – Não. Na realidade, é um privilégio. Detesto cantar.

Eduardo – ... e com W.E.T.? Há planos para lançar um novo álbum num futuro próximo?

Erik – Essa pergunta é para o Magnus...

Magnus – Bem, não é fácil para mim responder a essa pergunta. É um projeto do Serafino com o Erik na produção.

Erik – Sem dúvida que vamos lançar um álbum novo. Está em andamento O Magnus já gravou todas as partes de guitarra. Magnus – Já gravámos a voz. As partes de guitarra estão feitas. Ainda temos algumas partes escritas para guitarra. Continuamos a trabalhar nesse álbum.

Eduardo – Quando estás a compor para uma das tuas bandas, não tens por vezes a impressão de que um dado riff ficaria melhor num dos teus outros projetos?

Erik – Sim, isso acontece. Quando

estou a compor para o novo álbum de W.E.T., por vezes parece-me que o que estou a criar soa mais a Nordic Union ou Eclipse. É claro que ponho de lado, para usar mais tarde.

Eduardo – Atualmente, parece que o sucesso se mede cada vez mais pelo número de streams. Vocês têm um belo número de streams: mais de 100 milhões online e cerca de meio milhão de ouvintes mensalmente em todos os serviços relacionados com a música. Que influência tem isto no que diz respeito às vendas?

Erik – Bem, as vendas físicas estão a baixar para toda a gente, é claro. Mas há algo que é realmente bom: o vinil está a explodir. Há 10 anos atrás, na Suécia, na Escandinávia, estava em curso a revolução do vinil. Mas na Alemanha e nos países europeus mais a sul, ainda era o CD que prevalecia. Mas agora o vinil está a vender-se novamente. Penso que, pelo menos na nossa loja online, vendemos três vezes mais cópias em vinil do que em CD. Victor – Parece que isso acontece, porque as pessoas querem ter algo palpável, também por causa do artwork. Compras um gira-discos, algumas estantes para guardares o teu vinil, penduras um vinil na parede. Queres algo físico para acompanhar o álbum que estás a ouvir.

Erik – Devem pensar que impressiona mais os fãs dizer que se tem 400000 ouvintes por mês no Spotify do que dizer que se vendeu 20000 CD.

Eduardo – Como encaras o problema desencadeado pela prática de fazer pagar cada stream no Spotify? Parece-te que as bandas estão a ser exploradas pelo Spotify?

Erik – Sim, estão. Mas é o jogo do momento. Não podemos fazer nada. Mas podemos fazer concertos, digressões. O Spotify não tem nada a ver com isso. É importante que os fãs comprem merchandising nas lojas das bandas na internet, que comprem uma

t-shirt quando vão a um concerto. O nosso rendimento vem daí, não do Spotify.

Eduardo – Como pensam que as pessoas, os fãs e a crítica vão reagir ao novo álbum?

Victor – Até agora as reações têm sido fantásticas. Muitas pessoas têm-nos dado a conhecer o que pensam. Procurámos fazer algo que ainda não tivéssemos feito. Ao mesmo tempo, as pessoas comparam o álbum com todos os outros.

Erik – E eu penso que é importante deixar alguns fãs a sentirem-se desconfortáveis. Queríamos pô-los um pouco à prova. De vez em quando, fazer algo que deixe as pessoas irritadas é essencial, porque, se fizermos sempre o que as pessoas querem, isso torna-se aborrecido, como quando vais ao McDonalds. Comes um Big Mac, é bom, mas não é uma refeição memorável. Não queremos estar sempre a usar o “efeito Big Mac”!

Eduardo – Fazem a vossa música para vocês ou para os outros?

Victor – Os fãs ligam-se a nós através das canções, do tipo de ritmo, da forma como a canção foi estruturada. Aos nossos olhos, o facto de as pessoas gostarem surge como uma boa forma de testar a qualidade do que fazemos. Mas penso que mesmo assim cada canção é escrita para nós.

Victor – Por exemplo: as pessoas consideram que uma dada canção é perfeita para os concertos. Mas eu não penso nisso quando estou a escrever as canções ou a gravá-las. Apenas queremos fazer a melhor canção que conseguirmos fazer. Se gostarmos, dela, então vai para o álbum. É tão simples como isto!

CSA/Eduardo – Quando vos entrevistei em 2015 sobre «Armagedonize», o nome do álbum deixou-me intrigado e o mesmo acontece com este. Vocês não nos facilitam a vida. Por que chamaram a este álbum «Megalomanium»? O que significa isso na linguagem dos Eclipse?

Erik – Gostamos de fazer coisas simples. Quanto mais simples for uma canção, sem perder o interesse, melhor será. O mesmo acontece com os títulos. Não gostamos de títulos longos. Procuramos encontrar uma palavra que exprima o que a banda sente a dada altura e depois apropriamo-nos dela. Desta vez, «Megalomanium» pareceu-nos a palavra certa, uma vez que significa “mania das grandezas”.

Victor – Já reparei que este título levanta mais problemas às pessoas de países onde se fala línguas românicas como Portugal, ou a Espanha, ou a Itália. Ficam sempre a dizer: “Mega quê?”. É só uma maneira de definir uma nova era da



banda, de exprimir o que sentimos sobre este mundo. Não descreve propriamente a banda, mas situa-a em relação a uma nova era.

CSA/Eduardo – Algures vocês afirmaram “We have strived to evolve both in terms of sound and songwriting with every record...” O que torna este álbum diferente dos outros?

Erik – Cada vez que escrevemos um álbum, queremos fazer coisas diferentes. Se ouvires «Bleed and Scream» lançado há dez anos atrás e depois ouvires o nosso álbum novo, verás que são muito diferentes. Mas sentes que é Eclipse. Temos sempre novas influências, tentamos sempre não escrever o mesmo álbum novamente. Alguns fãs gostam de «Bleed and Scream», outros de «Armageddonize» e isso leva-os a

gostar da banda. Mas não podemos estar sempre a fazer o mesmo álbum. A gravação desses álbuns existe, eles podem ouvi-los quando quiserem. Mas nós não podemos estar sempre a refazer «Bleed and Scream».

CSA – Por que razão puseram uma ave na capa do álbum? Como a relacionam com as canções no álbum? É uma ilustração maravilhosa e gosto muito da maneira como o artista combinou o negro e o vermelho.

Victor – Só queríamos mudar o universo visual da banda. Pretendíamos adotar um determinado estilo. Portanto, trabalhamos com esta artista gráfica, cujo nome é Emma Lilja e ela criou esta ave.

Erik – Estamos a ver se fazemos dessa ave o nosso Eddie! É algo novo!

Victor – Entre os quatro podíamos tentar fazer a capa do álbum. Mas nunca teria a qualidade necessária. Portanto, precisamos de ter outras pessoas criativas que façam vídeos para os singles, que façam merchandising, etc. Temos de colaborar com essas pessoas. E isso é muito bom!

Erik – Mais uma vez: temos de evitar o “efeito Big Mac”!

Eduardo – O primeiro single – “The Hardest Part Is Losing You” – é uma canção muito cativante e melódica, mas, segundo depreendo do vídeo, é triste. É mesmo assim?

Erik – É uma canção muito triste. A letra fala de alguém que está mesmo a morrer, alguém muito próximo de ti. Penso que tem a ver com um lado melancólico da cultura sueca. Algo que mistura excitação e tristeza. Gosto dessa combinação de música cativante e melódica com uma letra triste. Há muitas bandas de Rock que fazem canções sobre mulheres, beber, festas e está muito bem... Mas não somos este tipo de banda! É importante fazeres canções cativantes e melódicas, mas as letras têm de ter algum significado.

Eduardo – Gosto muito de “Forgiven”, a canção que fecha o álbum. Podem dizer-nos algo sobre esta canção?

Victor – Inicialmente era uma faixa instrumental que o Magnus escreveu. Mas, subitamente, comecei a pensar que seria a canção ideal para fechar o álbum! É uma canção realmente maravilhosa!

Erik – Começou por ser uma canção clássica de Hard Rock. Depois, convertemo-la numa canção clássica de Heavy Metal, à maneira do Jorn Lande. E depois retiramos tudo o que era Heavy Metal e obtivemos essa canção.

Eduardo – A letra é triste, não é?

Victor – Sim. Foi a última coisa que fizemos para o álbum: mudámos as linhas de voz. Lê a letra.

Eduardo – Foste tu que produziste e misturaste o álbum? Se sim, quem é que te deu problemas?

Erik – Sim. Mas, nesta banda ninguém cria problemas. Faço a mistura de muitos álbuns e há sempre muito gente a criar problemas. Ninguém dá problemas, quando se trata de misturar o nosso material. Há comentários como: isto está muito bom, isto está bom, isto soa bem. Sei bem o que quero, como devem as guitarras soar e a bateria... Eu sou o chefe.

Eduardo – Quando te entrevistei em 2015, fiz-te algumas perguntas sobre a “Loudness War”. Oito anos volvidos, o que pensas sobre este assunto?

Erik – Parece-me que continua tudo na mesma! Penso que agora todos querem som comprimido. As pessoas estão habituadas a esse som. Se é diferente, começam logo a queixar-se, porque estão habituados a isso. É o seu padrão. Mas podes fazer canções com som alto e boas, ou podes fazer canções com som alto e más. Esperamos que o som de Eclipse, que é alto, seja bom.

Eduardo – Se eu for ter contigo com a minha banda e te disser: “Quero que me produzas o meu álbum o mais alto que for possível!”, mesmo que te apercebas de que isso vai arruinar por completo o som, irias produzir e masterizar assim?

Erik – Se estiver a produzir, estou mais envolvido e preciso de gostar da banda ou então que sejam amigos. Se estiver só a misturar, é apenas um trabalho, não me importo. No entanto, se quiserem algo muito diferente do que eu imagino, digo-lhes para irem procura outra pessoa.

Eduardo – Como consegues encontrar o equilíbrio entre o som alto e a dinâmica sonora da música?

Erik – Os álbuns com som alto que soam mal são aqueles em que tu pegas na mistura e a comprimes ao máximo, porque queres ter um volume muito alto. Se tiveres o cuidado de garantir que fica tudo bem na mistura, já não precisas de comprimir muito o som. Quando sou eu a fazer a masterização, não comprimo muito. Um bom álbum com som alto tem de soar alto e bem na mistura e assim já não precisas de comprimir tanto. É um sistema prático.

CSA – Quais são os vossos planos para promover este álbum? Vão fazer algo de especial?

Erik – Vamos fazer uma grande digressão, muito alargada.

Victor – Será a primeira vez depois de «Paradigm» [lançado em 2019].

Erik – Queríamos fazer isso com «Wired» [lançado em 2021], mas não pudemos. Vamos começar essa digressão na próxima semana.

Eduardo – É este o primeiro concerto em que vão tocar canções deste álbum [no Milagre Metaleiro]?

Erik – Não. Temos tocado os singles nos festivais de verão.

Victor – É verdade. Já tocámos anteriormente as três canções que vamos tocar aqui.

Erik – Na próxima semana, começamos o novo ciclo focado em «Megalomanium» e iremos tocar mais canções do novo álbum.

CSA/Eduardo – Têm planos para vir tocar a Portugal com Eclipse num futuro próximo e apresentar este álbum fora dos festivais?

Erik – É um assunto que está em estudo, mas sobre o qual ainda não temos grande informação.

Victor – Há muitos anos que andamos a falar nisso. Por que não vamos tocar a Portugal? Tocámos muitas vezes na Espanha.

Erik – É muito bom estar aqui. Este

vai ser o nosso primeiro concerto em Portugal...

Victor – ...Mas de certeza que não vai ser o último.

Eduardo – Estão a tocar com bandas como Dark Tranquillity (Melodic Death Metal), que são mais extremas do que a vossa. Parece-vos que tocar no mesmo festival que essas bandas vai tornar mais difícil para Eclipse animar o público?

Erik – Penso que o charme da música de Eclipse funciona em festivais de Rock, em festivais de Metal, etc. Não queremos mudar o que somos... ser mais Metal, ou mais Rock, ou mais Pop.

Victor – Há muitos fãs de Metal que gostam de nós. Até bandas. Já tivemos bandas de Death Metal a vir aos nossos concertos. Uma vez cruzámo-nos com uma banda de Black Metal sueca e vieram todos ao nosso concerto.

Erik – Gosto de tudo, de Folk a Black Metal. Posso ir do Black Metal a Aha. Se é algo de que gosto, não me importa o estilo. Há música boa em todos os estilos/géneros.

Eduardo – Vou deixar-vos. Obrigado pelo vosso tempo.

Erik – Não tens de quê. Obrigado por esta agradável conversa.

Facebook
Youtube



ÁLBUM VERSUS



NUCLEAR POWER TRIO

«Wet Ass Plutonium»
(Metal Blade Records)

Música, música e mais música. Uma torrente de notas, acordes, harmonias, ritmos numa proposta exclusivamente instrumental que pouco espaço deixa para respirar, deixando os menos arrojados, porventura, perdidos num labirinto de bom gosto onde se foge do “mais do mesmo” como o diabo foge da cruz. Se calhar é mais fácil dizer o que é que este W.A.P. não é. Black Metal? Não é. Death Metal? Não é. Doom Metal? Também não. E esqueçamos também o Sludge ou o Thrash. E... pronto vamos ao que é. Este disco tem claramente uma base de Hard Rock / Metal Progressivo mas vai muito mais além. Com incursões pelo Jazz, uma preponderância do baixo elétrico e por

vezes dos teclados, onde a guitarra está presente onde tem de estar (Há solos? Claro que sim, para dar e vender). Porém há apontamentos subtis de outras influências: por momentos parece que se tropeça no estilo popularizado por Carlos Santana, noutros segmentos adota opções estéticas ligadas a Synthwave. Chegamos a ter no último tema uns segundos de “Clair de lune” do compositor Claude Debussy. E ainda assim há detalhes neste álbum que não se parecem com nada e ainda assim toda a música faz sentido. Em suma, temos uma sequência de percursos na estrutura musical que vão ter a inúmeras bifurcações para logo de seguida dar lugar a brilhantes escapatórias. Para mim este é um disco especial no sentido em que me agarrou como ouvinte e simultaneamente abana como pode todas as fundações e mais algumas. A tonalidade ao longo de todas as composições é alegre e é claramente um disco que encaixa no verão como uma luva. Façam um favor a vocês próprios e ouçam pelo menos uma vez esta obra musical.

[10/10] SERGIO TEIXEIRA

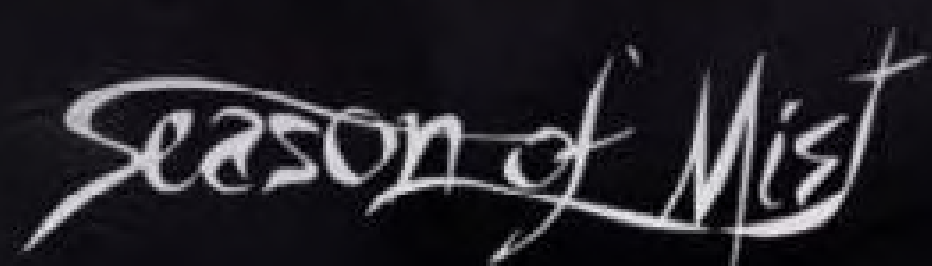
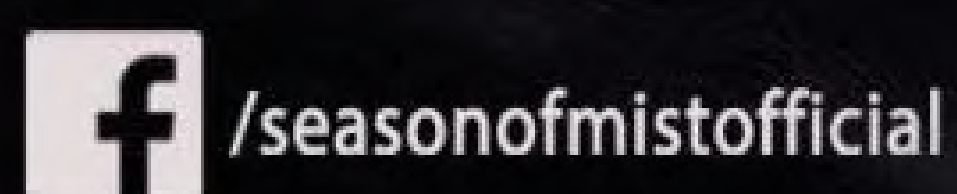


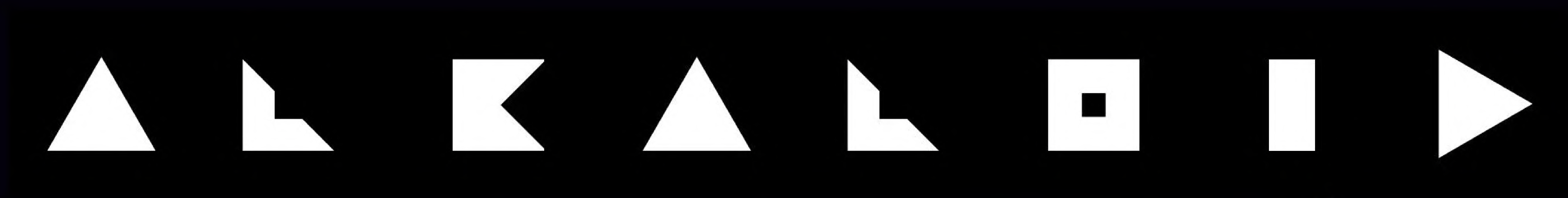
ALKALOID, THE SUPERGROUP OF MAD SCIENTISTS CONCOCT
ANOTHER WILD EXPLOSIVE BATCH OF EXTREME METAL MUSIC!

ALBUM OUT SEPTEMBER 15!

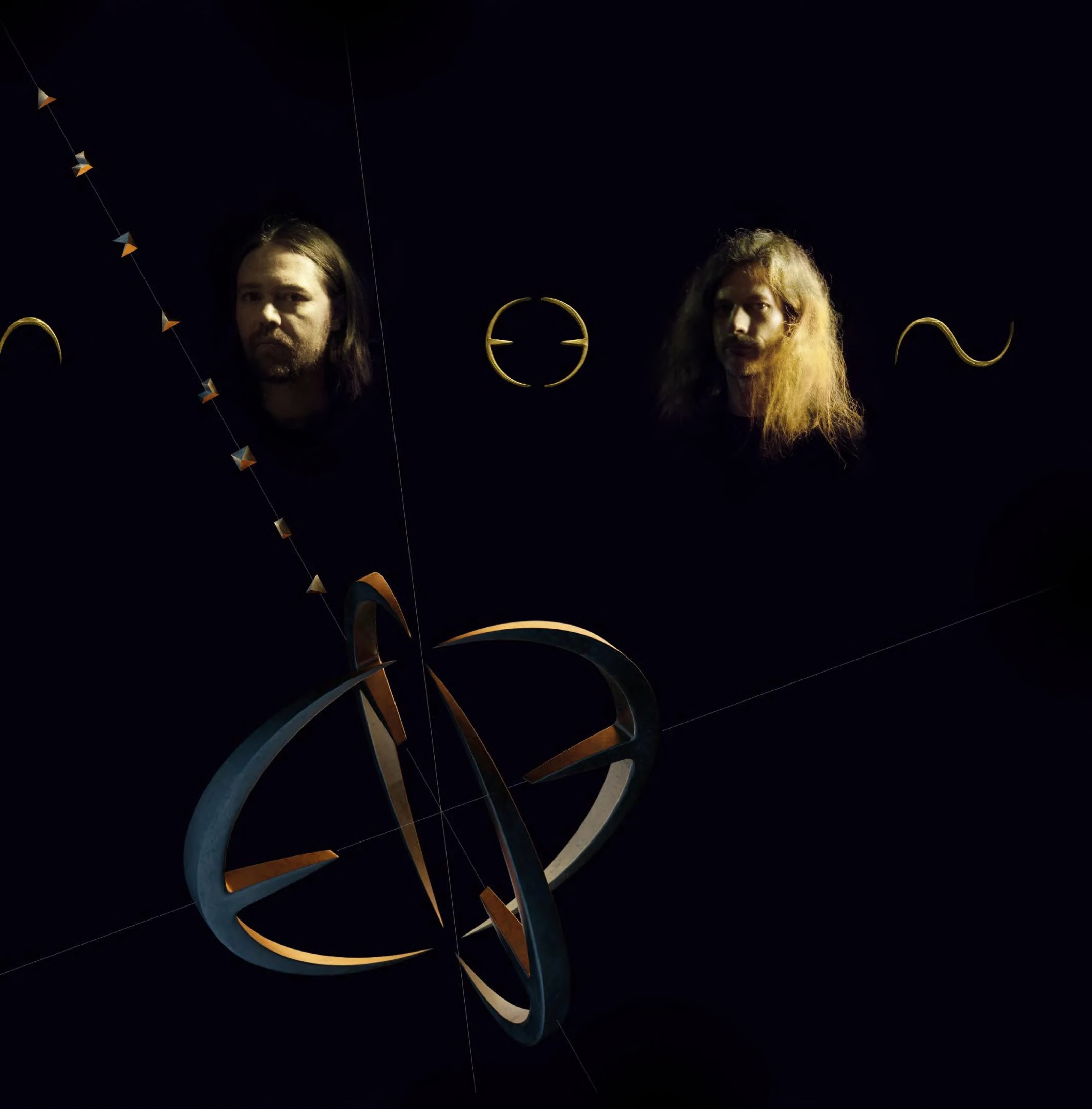
WWW.SEASON-OF-MIST.COM

FOR TONS OF KILLER PRICES AND EXCLUSIVES: COLLECTOR'S EDITIONS, RARE LPs, MERCH ON DEMAND...





Uma banda filosófica



Dissertando sobre os temas abordados no último álbum de Alkaloid – «Numen», a ser lançado pela Season of Mist em setembro – Hannes Grossmann, o baterista, conclui que se trata de uma banda filosófica.

Entrevista: CSA & Ernesto Martins | Fotos: Christian Martin Weiss

Saudações! Aqui estamos nós a dar início à primeira entrevista com Alkaloid. Antes de mais, gostaríamos de vos felicitar por este novo álbum, que é fantástico. É uma obra de arte maravilhosa, que só artistas muito talentosos como vocês poderiam ter criado.

CSA – Sabemos que os membros de Alkaloid estão/estiveram noutras bandas (Obscura, Tryptykon, Dark Fortress). Podemos encontrar alguma influência dessas bandas no vosso som?

Hannes Grossmann – É difícil responder a essa pergunta, porque não faço a mínima ideia de como seria o nosso som, se nós não estivéssemos/tivéssemos estado em todas essas bandas. Mas penso que esse facto tem alguma influência no nosso som, porque, de um modo geral, as pessoas com quem tocas te influenciam sempre. Mas isso não significa que vais encontrar traços dessas outras bandas na música de Alkaloid. Isso pode acontecer, de vez em quando, mas não é habitual. Alkaloid tem um som muito distinto do dessas bandas. Mas há tantas influências possíveis que certamente não faria muita diferença se esta fosse a nossa única banda.

Na Metallum, classificam-vos com Progressive Death Metal. Mas, quando ouvimos a vossa música – nomeadamente neste álbum – torna-se evidente que há nela muitos mais “ingredientes”. Podes dizer-nos o que podemos encontrar em Alkaloid?

Parece-me que a designação Progressive Death Metal nos assenta bem, até porque nós queremos ser uma banda progressiva. Mas nenhuma etiqueta que nos atribuas interessa em si, porque não pretendemos fazer música deste ou daquele género. Basicamente, queremos ser uma banda de Metal e incluímos na nossa música diversos elementos que vão do Flamenco ao Jazz, ao Brutal Death Metal e ainda outras coisas. Penso que

as bandas que nos deram acesso a este tipo de som foram Devin Townsend Project, Ihsahn, esse tipo de bandas que misturam elementos de diversas origens. Eu diria que, se fôssemos pura e simplesmente uma banda de Progressive Metal, provavelmente seríamos a mais brutal banda de Progressive Death Metal. Nos anos 90, tinham momentos em que tocavam Death Metal e outros em que tocavam material acústico tipo Folk Metal. Sempre achei que isto era brilhante, porque combinavam dois mundos diferentes, que nem sempre é fácil de combinar. E isso é algo que nós fazemos frequentemente com muitos géneros, mas vamos muito mais longe. Se pensares nisso como uma opção, à esquerda tens material acústico e, à direita, tens Death Metal super brutal. Mas temos muitos outros estilos, tais como música clássica, etc., etc. Somos uma banda de Metal e, no Metal, é muito mais possível fazer isto do que no Rock ou na música Pop, porque o Rock e a música Pop são limitados em termos do que as pessoas gostam de ouvir. O Metal, por definição, não é um estilo popular, é subversivo, portanto não respeita as barreiras entre os géneros. Há cada vez mais bandas a fazer isto.

EVM – Podes assinalar algo que, na tua opinião, é um traço característico da música de Alkaloid?

Eu mencionaria as canções e a música e a forma como a escrevemos. Mas é o nosso som, portanto é difícil dizê-lo. Mudamos um pouco de álbum para álbum. Vamos agora lançar o terceiro álbum. Os anteriores eram mais melódicos e tinham, por vezes, uma vibração característica dos anos 80 e este é muito mais pesado e focado nos riffs. As bandas de Progressive Death Metal – se quiseses manter esse rótulo para nós – tem tendência para ser melódico e mais suave. Mas este nosso álbum baseia-se muito em riffs e é pesado. Mas isso

não é necessariamente a nossa imagem de marca. Nós temos um som de Death Metal tipo Morbid Angel e essa característica não vai desaparecer. E a voz também tem características únicas. Como escrevi parte do álbum e produzi uma parte da música, sinto-me demasiado próximo dela para poder identificar algo tão específico que a defina. Penso que tem a ver com bastantes aspetos inclusive as pessoas que fazem parte da banda e produzem o seu som.

CSA – Este é o vosso terceiro álbum em dez anos. Até que ponto a pandemia afetou a criação deste álbum? Demorou o dobro do tempo dos outros a ser lançado porque sentem uma responsabilidade maior cada vez que lançam um novo álbum e querem “poli-lo” até à perfeição? Não me parece que seja nenhuma dessas coisas. Para dizer a verdade, a pandemia é que nos deu a oportunidade de fazer este álbum. É difícil de explicar. Para começar, todos na banda andam muito ocupados, até porque precisamos de garantir a nossa sobrevivência em termos económicos. Eu tenho o meu próprio estúdio e por isso ando a trabalhar muito para outras bandas, a misturar, a masterizar. É o meu emprego. Alkaloid é uma espécie de banda de Metal underground pelo que criar este álbum demorou muito tempo. Tenho a impressão de que gravei as partes de bateria em outubro de 2021. Só conseguimos gravar as guitarras um ano mais tarde. É incrível o tempo que se demora a fazer isso. Demorámos esse tempo todo a encontrar um espaço no nosso calendário para nos juntarmos e fazermos esse trabalho. Não é algo que nos permita ganhar o nosso sustento, logo tem de ter um significado para nós. É importante para nós conseguirmos lançar os nossos álbuns, sem termos de tirar folga no emprego para o fazer. Mas espero que o próximo álbum saia muito mais depressa.



Basicamente, queremos ser uma banda de Metal e incluímos na nossa música diversos elementos que vão do Flamenco ao Jazz, ao Brutal Death Metal e ainda outras coisas.

CSA – Como decorreu o processo de criação deste álbum?

Criar a música nunca é um problema, porque temos muitos compositores de mérito na banda. Essa é a parte divertida. O que acaba por acontecer sempre é que todos escrevemos canções e as partilhamos com os outros. Cada um põe nelas a sua personalidade e isso ajuda a articular entre si as estruturas, as notas, os riffs. Podíamos optar por nos juntarmos trazendo apenas ideias e trabalharmos nelas em conjunto e isso iria mudar o som. Mas o que acontece atualmente é que eu escrevo algumas canções, o Morean escreve algumas canções, o Chris escreve algumas canções e assim por diante. Depois juntamo-las e fazemos um álbum. O Morean foi o que gastou mais tempo. A música dele é muito mais complexa do que a nossa, porque ele tem um processo de composição tipicamente clássico. Daí resulta material mesmo muito complexo, que lhe deve ter custado centenas de horas de trabalho, que ele tem de encontrar. Mas continuo a dizer que compor é a parte mais

divertida do processo. O problema é escrever as letras e gravar e misturar e por aí adiante.

EVM – Reparei que escreveste sozinho a música para pelo menos quatro canções do álbum. Como és sobretudo um baterista, como fizeste para escrever as partes dos outros instrumentos?

É embaraçoso dizer isto, mas uso sobretudo um programa de computador para escrever música para guitarra. Era o que eles usavam, quando eu fazia parte de Necrophagist, e eu continuei a fazê-lo. É difícil para mim responder a essa pergunta, porque me sinto desconfortável quando estou a escrever música no computador. Às vezes, faço uma espécie de esquema de base da canção e trabalho com base nele. Outra possibilidade é andar por aí a tocar na minha guitarra – embora não seja um bom guitarrista. Na verdade, a maior do tempo nem toco. O melhor que consigo fazer é tocar alguns riffs mais lentos. Mas vou pensando nos riffs e escrevo-os logo no programa de tablatura e depois

ouço-os para ver o resultado. E vou trabalhando a partir daí. Se fosse melhor a ler pautas, poderia fazer uma boa pauta em papel. É assim que o Morean faz. Mas eu tenho de tocar de ouvido. Portanto, o meu processo de escrita começa por uma ideia/um conceito e eu pego na minha guitarra e tento escrever o material e depois, usando o programa, posso tocá-lo mais depressa ou mais devagar, para encontrar o tempo certo. Por vezes, nem preciso de usar um instrumento. Uma vez ia eu apanhar um avião e tinha uma canção na minha cabeça. Quando o avião descolou, puxei do meu computador e comecei a escrever a música e, quando aterrámos, a canção estava pronta. Consigo escrever, se conseguir ouvir a música na minha cabeça. Aliás, tenho de ouvir a música na minha cabeça para conseguir escrevê-la. Por vezes, começo com uma ideia pequena e ela vai crescendo. Escrevo-a com o programa de computador e guardo-a numa pasta chamada “Cave”. Nessa pasta, tenho ideias para riffs que não sei onde usar e, por vezes,



O Metal, por definição, não é um estilo popular, é subversivo, portanto não respeita as barreiras entre os géneros. Há cada vez mais bandas a fazer isto.

quando estou a compor música, vou a essa pasta e aí encontro riffs que posso encaixar na canção que estou a escrever e vou experimentando com eles.

EVM – Em termos musicais, vejo este novo álbum como uma continuação dos anteriores. Parece-te que este novo lançamento é mais fácil de ouvir ou que é um desafio para o ouvinte?

Sinto que estou demasiado próximo do material em questão para poder adotar uma perspetiva externa em relação a este. Mas penso que é mais difícil de ouvir do que os outros, porque é mais pesado, mais brutal, tem muitas texturas, o som é mais áspero e mais agressivo.

EVM – E eu sinto que este álbum tem algo que não se encontra nos outros, um lado psicadélico. Estou a pensar especialmente na canção intitulada “The Folding”, que inclui três minutos de ficção científica psicadélica quase à maneira dos Pink Floyd. Que pensas disto?

Tens de fazer essa pergunta ao Morean. Fazer música psicadélica é a especialidade dele. “The Folding” é uma canção de três minutos, que depois apresenta essa parte psicadélica e, de seguida, os primeiros três minutos invertidos. Podes aperceber-te disso, se estiveres atento à bateria. Essa parte psicadélica funciona como uma ligação entre as duas partes. Como o Morean é um compositor clássico e realmente bom nessa área, foi possível para ele inserir

algumas partes mais interessantes e diferentes no álbum. Não faço a mínima ideia de como será o próximo.

EVM – Os três álbuns de Alkaloid são atravessados pela saga de Dyson e parecem inspirados pela esfera hipotética de Freeman Dyson. Eu sei que isto é produto da mente do Morean, mas gostava que me dissesse se sabes como é que ele aborda este conceito.

A ideia é converter em som algo que se move. “The Black Siren”, “Numen” e “The Folding” são das últimas canções do álbum. Em “The Folding”, há uma nave espacial gigante que voa através de um buraco negro e é a isso que se refere essa parte de ficção científica da canção que mencionaste. A ideia é que o tempo não só entra em colapso como se inverte e é por isso que o som também está invertido. A letra também está invertida, mas de modo a continuar a ser compreensível. É algo muito complexo! E foi muito difícil de gravar. Havia três tempos diferentes misturados e essa mistura devia ser apresentada como se fosse produzida por uma única guitarra, que fosse tocando essa frase musical de modo contínuo e eu tive de encontrar forma de produzir esse efeito na bateria. Trabalhámos com um verdadeiro físico, que ajudou a garantir que o que acontece na letra da canção também acontece no som. É extremamente complexo e absolutamente bizarro.

EVM – Por que decidiram dividir o material por dois CD?

Isso foi uma decisão da editora. Disseram-nos que ouvir os 70 minutos de música numa só sessão seria muito cansativo e que o material chegava à vontade para fazer um álbum duplo espetacular. Ouve pessoas que se queixaram que o primeiro álbum era demasiado longo. A divisão também torna o álbum mais coerente, porque todas as canções que se referem à teoria de Dyson foram incluídas na segunda parte.

CSA – E qual é o tema deste álbum? Fiz uma pesquisa sobre o significado do título e deu-me algo como “o espírito de um lugar”.

Não é um álbum concetual, trata vários tópicos. “Numen” e “The Folding” referem-se à teoria de Dyson e formam um conjunto. “Shades of Shub-Niggurath” e “The Fungi from Yuggoth” estão relacionadas com a obra de H. P. Lovecraft. “Clusterfuck” trata de Shangri-La e da ideia de escalar essa montanha. Não há um tema ou tópico global. Mas todo o álbum se reveste de uma natureza filosófica.

CSA – E a ilustração na capa? Como a relacionas com este álbum? E quem a fez para a banda?

Nós tínhamos uma ideia bem diferente. No entanto, o que o artista fez está bem melhor do que essa nossa ideia. Nessa ilustração, podes ver algo a acontecer no espaço, mas, ao mesmo tempo, ela representa um globo ocular. Tenho

a impressão de que ele se baseou nos nossos globos oculares, que foram fotografados, mas não tenho a certeza. Trabalhámos com um artista chamado Christian Martin Weiss, que também fez as capas para os outros álbuns. Escolhemo-lo para fazer o artwork para nós, porque ele consegue sempre atingir a visão adequada. Fez uma capa muito concetual para este álbum. Mais uma vez, ficámos maravilhados com o seu trabalho. Consegue fazer-nos visualizar até material bem complexo.

EVM – E o que aconteceu a Danny Tunker? Abandonou a banda definitivamente? Planeiam passar a ser um quarteto?

Sim! Infelizmente, já não faz parte da banda por razões pessoais. E, neste momento, não está a tocar em nenhuma banda. É claro que foi difícil para todos nós, porque ele era uma peça muito importante do nosso som e é um músico fantástico! Mas ele não queria continuar. Para já, vamos ser um quarteto, precisamos de procurar um músico, mas também temos de ter em conta a personalidade dessa pessoa, porque a personalidade de um músico é importante para a banda.

Somos todos amigos íntimos e isso é realmente importante para nós. Não é meramente uma questão de arranjar outro guitarrista. Não fazemos coisas dessas! E uma vez que o Danny também escreveu canções para este álbum, pareceu-nos que seria estranho termos outro guitarrista a tocá-las. É claro que, mais tarde ou mais cedo, vamos ter de arranjar outro guitarrista e depois logo vemos o que acontece. Mas o Danny ou qualquer outro elemento da banda é alguém que não podemos substituir facilmente. E foi por isso que decidimos gravar este álbum como um quarteto. Mas tocar ao vivo é uma questão muito diferente e teremos de encontrar uma solução para podermos fazer os concertos que vêm aí. Na realidade, já temos alguém em vista, o que é ótimo. Dói pensar que o Danny já não faz parte da banda, mas o que podemos nós fazer? Posso garantir que a banda não lhe deu nenhuma razão para ele querer ir embora.

CSA – Vão fazer concertos durante este verão?

Sim. Temos alguns planos vagos, mas ainda nada se materializou. De qualquer modo, precisamos

de dar concertos com mais frequência. Conseguimos fazer alguns concertos com o álbum anterior. Precisamos de analisar as oportunidades que se nos apresentarem e ver o que podemos mesmo fazer, porque já não somos suficientemente novos para fazermos digressões muito alongadas e sermos pagos à base de fatias de pizza. Temos responsabilidades, vidas de adultos.

CSA – E que planos fizeram com a Season of Mist para celebrar o lançamento de «Numen»?

Eles são responsáveis pela gravação do álbum, não têm nada a ver com os concertos. Só têm de lançar o álbum. Até agora, temos um single, que tem recebido reações muito positivas.

EVM – Planeiam fazer algo especial para comemorar o decimo aniversário de Alkaloid?

Na realidade, não. Não somos uma banda virada para a nostalgia. Mas agora que falas disso, até me parece boa ideia fazermos alguma coisa.

Facebook
Youtube



SOEN

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS

MEMORIAL TOUR 2023

PLUS SPECIAL GUEST

04.10 PORTO | 05.10 LISBOA

HARD CLUB LISBOA AO VIVO

SWEX Booking & Production SILVER LINING HARDCLUB LISBOA AO VIVO LETS GO TICKETLINE

The poster features a dark, atmospheric background with a person wearing a gas mask and a breathing apparatus. The text is arranged in a clean, modern layout, with the band name 'SOEN' in large, stylized letters at the top. The tour dates and locations are prominently displayed in the center, and the logos of the supporting acts and sponsors are at the bottom.

Playlist

Adriano Godinho

Oppenheimer - OST
Melvins - Tres Cabrones
Slipknot - The end so far
Fit For An Autopsy, Thy Art Is Murder & Malevolence
- The Aggression Sessions
Nita Strauss - The Call of the Void

Carlos Filipe

Therion - Leviathan I & II
Stygian Fair - "Aradia"
Madredeus - Antologia
Dream Theater - Lost Not Forgotten Archives
Dymna Lotva - The Land Under The Black Wings Blood

Cristina Sá

Apostolica - Animae Haeretica
Cadaver - The Age of the Offended
Grand Cadaver - Deities of Deathlike Sleep
Moonlight Sorcery - Horned Lord of the Thorned Castle
Tsjuder - Helvegr

Eduardo Ramalhadeiro

Eclipse - Megalomanium
Death - Symbolic
Deat - The Sound of Perseverance
Bloodbound - Tales From the North
The Interrupters - Say It Out Loud

Emanuel Roriz

Obituary - Dying Of Everything
Metallica - 72 Seasons
Horrendous - Ontological Mystery
Elitium - Wrong
Cavalera Conspiracy - Bestial Devastation/Morbid visions

Ernesto Martins

Alkaloid - Numen
Pestilence - Spheres
Fortid - Narkissos
Ostrogoth - Ecstasy and Danger
Die Verbannten Kinder Evas - Come Heavy Sleep

Gabriel Sousa

Def Leppard - Hysteria
Turkish Delight - II
Kickhunter - Now Or Never
Extreme - Six
Stardust - Kingdom Of Illusion

Gabriela Teixeira

Blood Ceremony - The Old Ways Remain
Green Lung - Woodland Rites
AVKRVST - The Approbation
HOST - IX
Tarwa N-Tiniri - Azizdeg

Hélder Mendes

Faith No More - Sol Invictus
ThanatoSchizo - Zoom Code
Brutal Truth - Extreme Conditions Demand Extreme Responses
Nightfall - Athenian Echoes
Obituary - The End Complete

João Paulo Madaleno

Ocean of Grief - Pale Existence
Frozen Soul - Glacial Domination
The Arcane Order - Distortions From Cosmogony
Vinsta - Freiweihn
Asphodelus - Sculpting From Time

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS

RIVERSIDE ID.ENTITY

EUROPEAN TOUR 2023

AUTUMN EDITION

10.10

HARD CLUB,
PORTO

11.10

LAV - LISBOA AO VIVO
LISBON



CURTAS



ASINHELL

«Impii Hora»

(Metalblade)

Os Asinhell nascem da vontade de Michael Poulsen dar azo à sua criatividade no que diz respeito ao Death Metal. A inspiração veio, principalmente, de L-G Petrov - história que podem ler na entrevista desta edição da Versus Magazine - as influências vão desde os Death (... e notam-se de que maneira), Entombed (Obviamente) ou Possessed. Apesar destas influências os Asinhell desenvolveram uma identidade própria. Ainda assim, «Impii Hora» é um tremendo, singelo e sincero tributo ao que melhor se fez no Death Metal Old School - não tão cru como “antigamente” mas não demasiado produzido. É simples, sem grande merdas, música e riffs directos ao assunto, brutalidade a rodos. Espero que seja o princípio de muitos... Um dos discos obrigatórios de 2023.

[9/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



BRAIN FOR THE MASSES

«Monachopsis»

(Independente)

Estes gajos são homens do Norte!! Mas ca puta de jarda! É assim que os portuenses se apresentam ao mundo: «Monachopsis»! O único senão do disco é só o facto de ter cinco temas, o que (quase) transforma o álbum num EP. Groove/Death Metal Melódico, assim com uns laivos fazendo lembrar o lado mais melancólico de Opeth, especialmente na introdução de “Seclusion” mas ao fim de um minuto certo... acabou-se a doce melancolia! Muito de «Monachopsis» faz lembrar o Death Metal Sueco (Gotemburgo) mas, ainda assim, com uma personalidade sonora bem vincada, o trabalho das guitarras não nos dão descanso (Excelente trabalho, já agora) e a voz agressiva de Rui Monteiro fazem deste, um excelente álbum - arriscando-me a dizer que terá sido um dos melhor discos nacionais de estreia que nos caiu em mãos. Muito bem complementado está o uso dos teclados e/ou piano que lhe dão uma incrível versatilidade. Apesar de ser o primeiro álbum (EP?) a maturidade e coesão dos Brain for the Masses é de quem tem muita qualidade, talento e de saber, perfeitamente, o que querem e para onde ir. A produção, então, está um mimo - Top! Dos melhores discos nacionais - obrigatório! (Pena, pena serem só cinco temas) Agora, só peço mais um álbum e que estes gajos do norte não me deixem ficar mal - A seguir o que estes moços farão no futuro.

[8/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



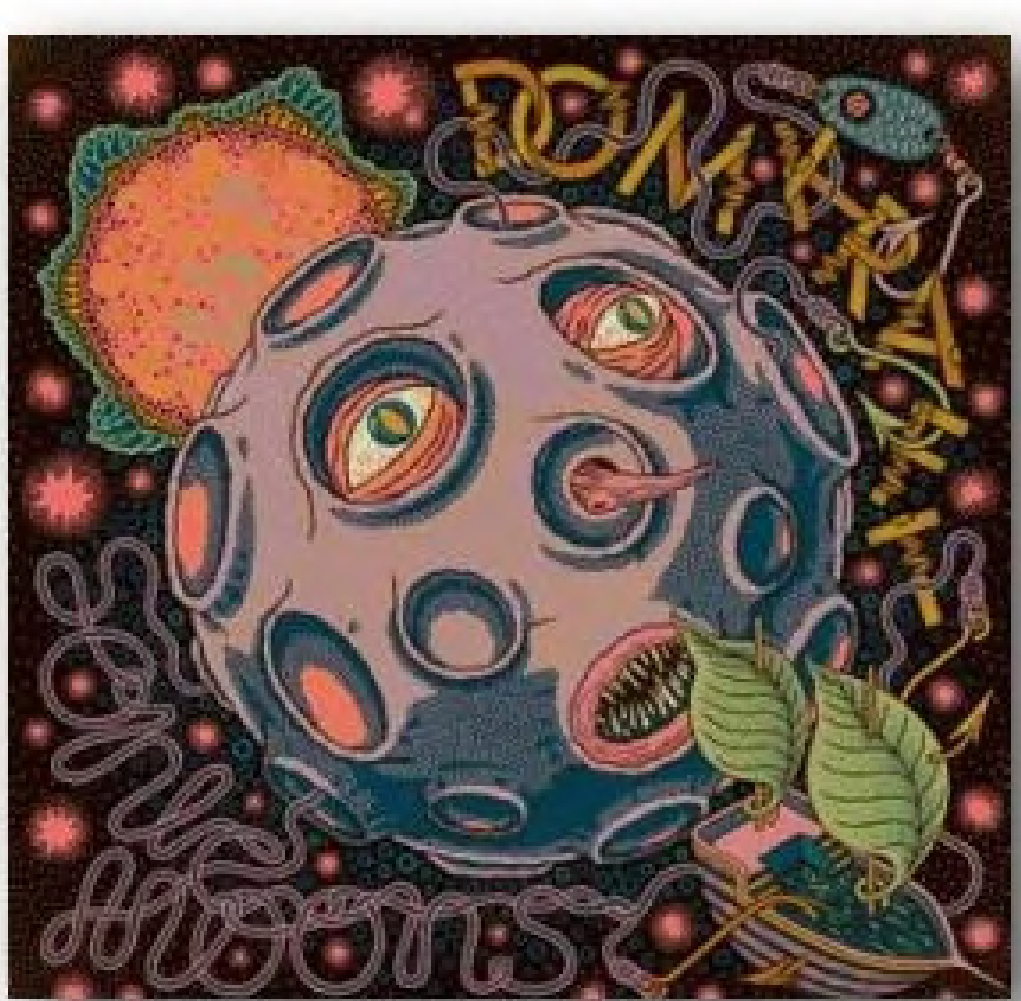
CYHRA

«The Vertigo Trigger»

(Nuclear Blast)

Que pena - após dois álbuns muito bons, os Cyhra desiludiram. Se os dois primeiros álbuns foram bastante coerentes e cativaram com riffs e temas melódicos, bem esgalhados, «The Vertigo Trigger» é demasiado... meloso. Umas passagens meias eletrónicas, sem força e que na minha humilde opinião retiram alguma força aos temas, que até podiam muito bem não constar no álbum. Como por exemplo: “Let’s have my story told” ou “The voice you need to hear”. Depois de ouvir «The Vertigo Trigger» há algo que me faz sempre voltar para os dois álbuns anteriores, falta-lhe (muita) força, melodia, harmonias, um ritmo um pouco mais desenfreado. Raios, tirando o tema que abre o álbum “Ready to Rumble” não há nada que fique realmente no ouvido - até parece que retiraram tudo o que fizeram de positivo nos álbuns e deixaram ficar o resto. Desilusão, infelizmente.

[6.5/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



DOMKRAFT

«Sonic Moons»

(Prophecy Productions)

Há discos que, contrariamente aos livros, é possível julgar pela capa sem que nos enganemos muito. É o caso de «Sonic Moons», a quarta viagem ao cosmos interno deste trio sueco que mistura o sluge/stoner/doom num caldeirão de fuzziness e pura psicadelice. Um registo bem agradável para os fãs do género que apreciem abandonar-se à mercê de riffs galácticos e hipnóticos, assim que coloquem uns bons auscultadores nos ouvidos e carreguem no play.

[7/10] GABRIELA TEIXEIRA



ECLIPSE

«Megalomanium»

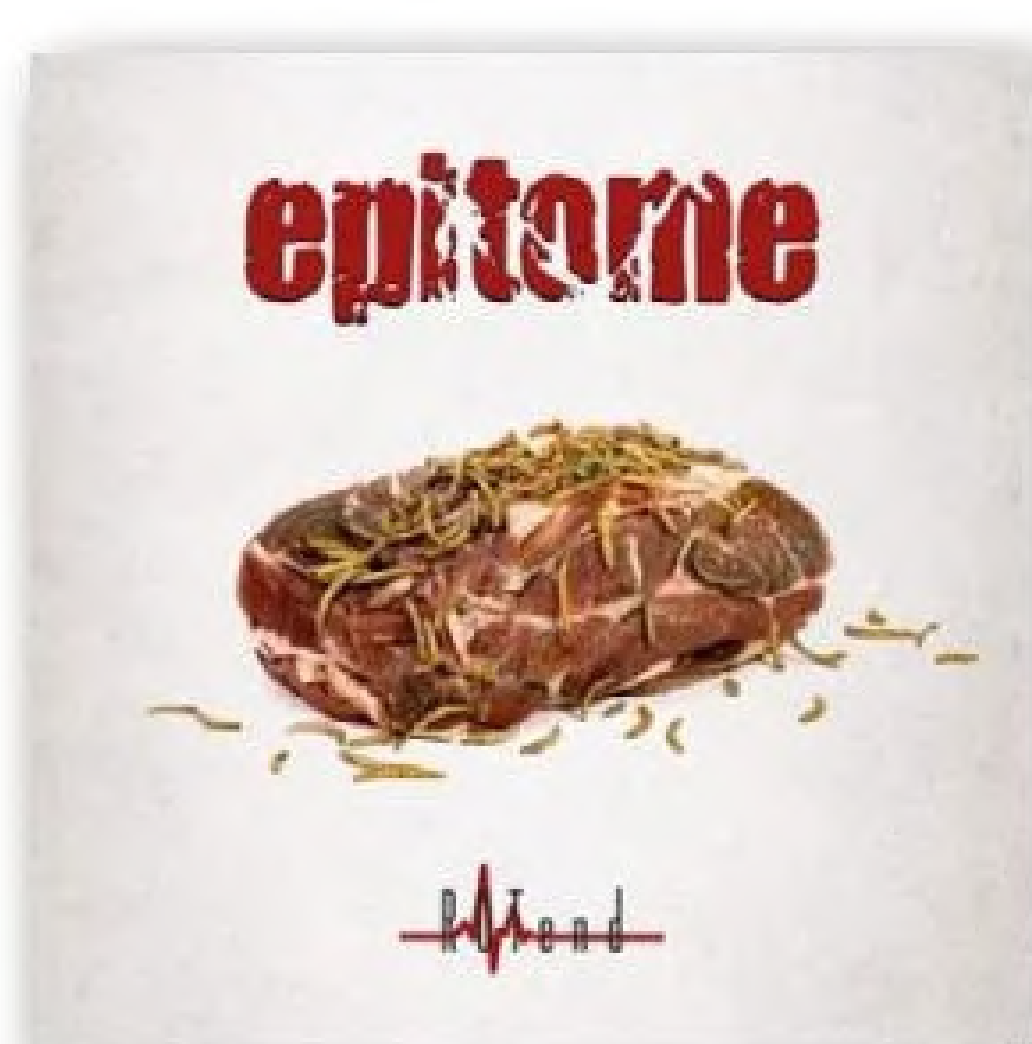
(Frontiers Music)

Os suecos Eclipse já andam nestas lides rockeiras faz este ano vinte e um anos.

«Megalomanium» é o seu mais recente lançamento e será, talvez, um dos grandes álbuns na senda do Hard Rock em 2023. O merecido reconhecimento chegou só em 2012 com o fantástico «Bleed and Scream». Daqui para adiante assistimos ao crescimento sustentado e interessante

disto tudo é que os Eclipse, liderados por Erik Mårtensson (juntamente com Magnus Henriksson) não sabem fazer álbuns maus. Incrível a consistência demonstrada... sempre em crescimento. Escrevendo um pouco sobre «Megalomanium»: um dos melhores álbuns de Rock deste ano. Um facto inegável é que os Eclipse não trazem, nem fazem, nada de novo, a esmagadora maioria dos temas segue um padrão muito característico, mas... o que fazem é excelente, muito bem feito e produzido. Até parece fácil... O álbum abre e fecha com chave de ouro: “The harder part is losing you” e o semi-épico “Forgiven”. “Anathem” um pouquinho mais lento e nada de baladas. Erik Martensson fez a voz evoluir (belo desempenho) e os solos apesar de rápidos são bastante técnicos. No entanto, o que mais gosto no álbum: a sonoridade do baixo - bem “encorpada” mas sem sobressair em demasia. Aliás, na produção/masterização Martensson é um Mestre! Tudo o que esperam de um excelente álbum de Rock está em «Megalomanium».

[9/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



EPITOME

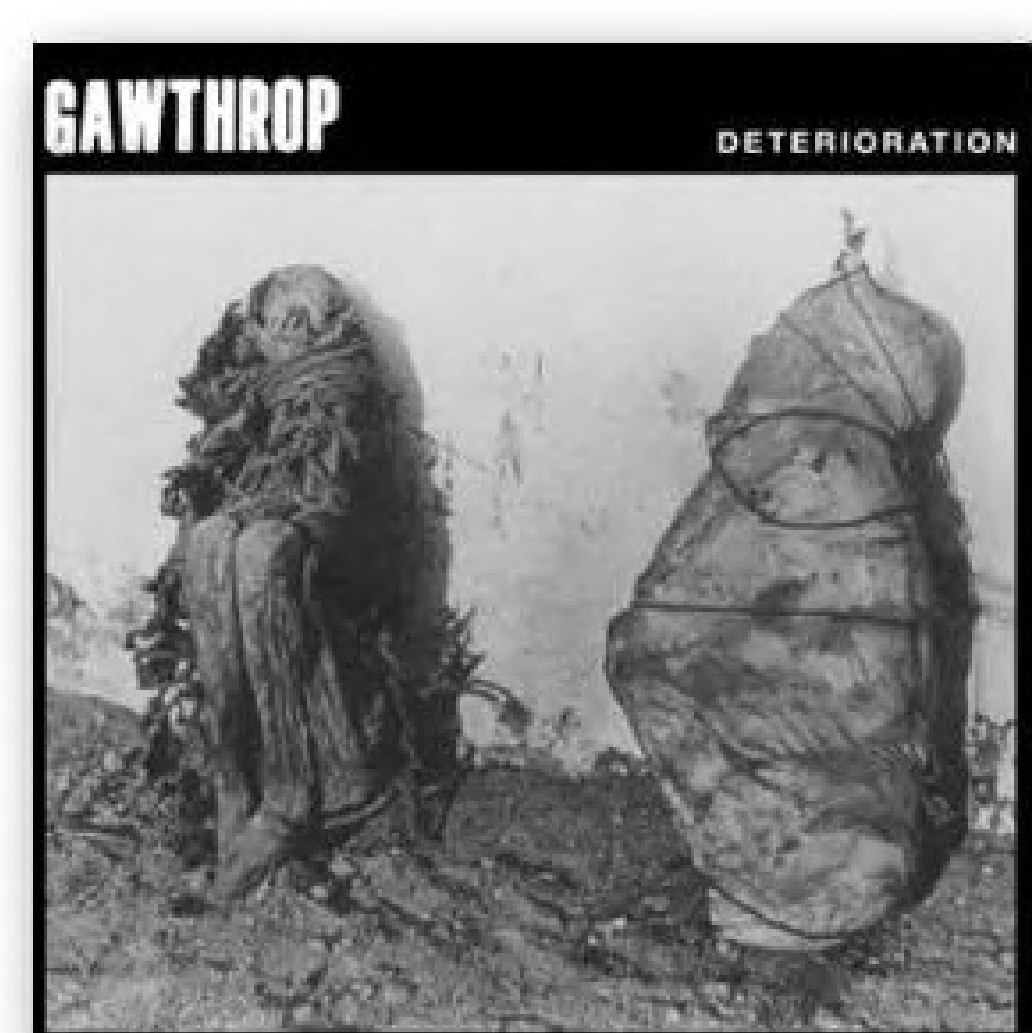
«ROTend»

(Deformeathing Production)

O tempo de actividade que os polacos Epitome já contam inspira atenção. Formados em 1992, atingem a marca do oitavo disco com o lançamento deste «ROTend». A capa do disco não engana, desfaçam-se as suspeitas, são 20 anos a apodrecer em cama de death/grind.

Os Epitome puxam mesmo muito para o extremo, e a tarola de som fino dá-nos muitos poucos segundos de sossego para que se possa ir buscar a sujeira feita por guitarras e baixo altamente baços. Para apreciadores da sonoridade fico com a sensação que vão encontrar aqui motivo de festim, mas quem não estiver familiarizado com o movimento poderá sentir-se a engolir o bife.

[5/10] - EMANUEL RORIZ



GAWTHROP

«Deterioration»

(Sentient Ruin)

Uma proposta que nos chega da Coreia do Sul, este «Deterioration» vem impregnada de Sludge/Doom do mais decadente, e levando o ouvinte, assim ele o queira, ao limite da sua estrutura psicológica. Se um dia a raça humana se encontrar no limiar da sobrevivência, onde o fim poderá estar perigosamente perto, onde o significado de sociedade e de responsabilidade coletiva forem

obliterados, então estes seis temas dos Gawthrop podem bem ser a banda sonora que transmite a desesperança e o fatalismo que estarão de acordo com os espíritos que vaguearão um qualquer planeta sequestrado na aridez da sobrevivência. Em 25 minutos podemos ouvir Sludge/Doom onde a originalidade não é o ponto forte (difícilmente o seria neste género musical) mas os temas estão bem concebidos e valerá a pena dar uma audição neste trabalho mais extremo.

[7.5/10] SERGIO TEIXEIRA



GRAND CADAVER

«Deities Of Deathlike Sleep»

(Majestic Mountain Records)

Se o álbum dos Asinhell é um dos álbuns obrigatórios de 2023, o terceiro registo dos Grand Cadaver também o é. Se «Impii Hora» é mais virado para o Death Metal Old School, «DoDS» é mais virado para o Death Metal Sueco Old School - se é que me entendem. Uma banda

constituída, entre outros por Michael Stanne ou Christian Jansson (os restante pertencem também à cena mais extrema da Suécia) que são parte integrante de bandas como Dark Tranquility ou The Halo Effect, podem... por ventura, esperar o típico Death Metal melódico. Estão quase certos. Devem, no entanto, retirar toda a parte melódica e harmonias, ficando só Death Metal, puro e duro - Ah, já me esquecia, juntem-lhe um pouco de Doom e uma “pitada” de negritude. Realmente, a voz sobressai e não soa nada estranha, mesmo não sabendo quem está por detrás dos guturais, aos primeiros segundos percebe-se logo - Michael Stanne é inconfundível. Podem é ficar com aquela “comichão” ou má impressão de faltar algo melódico ou melancólico - isso passa logo. «DoDS», tal como «Impii Hora» é puro e duro, cru... vai directo ao assunto, sem grande merdas - como uma chapada nas trombas!

[9/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



HOSTIA

«Nailed»

(Deformeathing Production)

Ah... quando sai um álbum que junta o melhor dos dois mundos do Grind e do Death Metal o mundo até parece um lugar bonito para se viver. «Nailed» é o terceiro álbum dos polacos Hostia e são quinze murros nas trombas - com a agravante de não saber de onde caíram. Blast Beats com fartura, voz quase, quase imperceptível mas a espaços a fazer lembrar o Chuck Billy dos tempos do «Low», intenso, direto... Uma sonoridade que não é crua, nem “podre” mas também não é sobreproduzida. As individualidades do conjunto das partes está muito bem balanceada, embora gostasse de ouvir a bateria puxada um nadinha “mais à frente” e com mais... força. Os Hostia não “reinventaram a roda” e a aparente “simplicidade” é o que faz este álbum ser.... muito bom! Os Hostia cortam a direito.

[8/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



MUN

«Nhemis»

(Independente)

Uma rápida pesquisa pelo “Metal Archives” e vemos que «Nhemis» é já o quarto desta banda polaca, formada algures pelo ano de 2016. Enquadrando um pouco o género - só para ficarem com uma ideia - os Mun “disparam” oito temas de Sludge/Post-Metal. O problema que tenho - e devo ser sincero - com este tipo de música é o quanto me cativam a ouvir uma segunda vez... Voz gutural, ambiente soturno, atmosférico, depressivo, por vezes e negro, como deve ser neste tipo de lançamentos. No entanto, ouvi o essencial para que estas palavras fossem coerentes e justas. Apesar de ser um lançamento independente está muito bem produzido, muito coeso e acredito que para quem goste desta negritude, tenha aqui uma agradável surpresa. O estado de espírito, ainda assim, não é o melhor para esta negritude.

[7/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO



SMOKE RITES

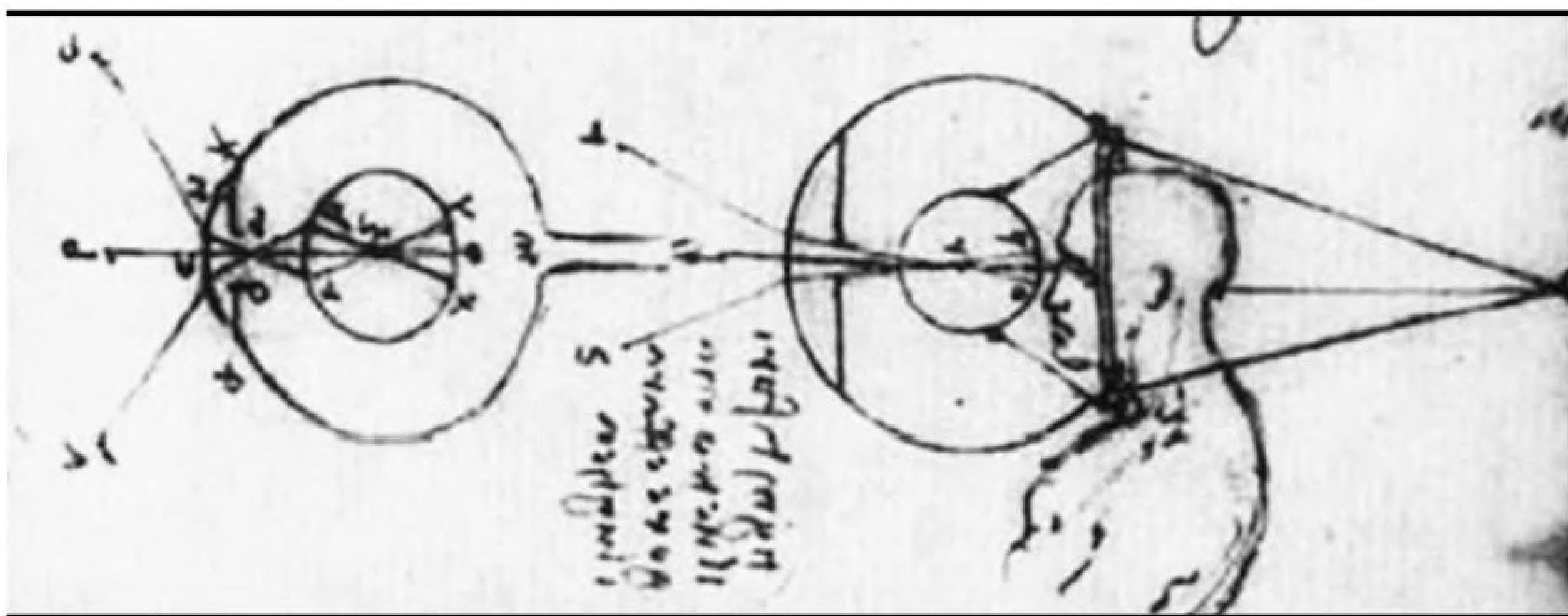
«Total Lung Capacity»

(Independente)

À lá ver uma coisa: Doom Metal nunca foi um género que me despertasse o mínimo interesse, obviamente com algumas excepções se considerarmos Black Sabbath, Paradise Lost, Woods of Ypres ou mesmo Amorphis. Se extrapolarmos para o Doom negro e “pastoso”... então, é para esquecer (Como diz o ditado: “Gostos não se discutem, lamentam-se). «Total Lung Capacity» é o primeiro álbum dos polacos Smoke Rites («The Rite of the Smoke» é um EP lançado em 2021...) e por mais paradoxal que possa parecer, está em loop há já algum tempo. Apesar de não ser a intrinsecamente Doom, «Total Lung Capacity» ainda é “salpicado” com elementos que caracterizam o Stone/Sludge e a mistura clama por mais desejo e vontade de ouvir. Como é óbvio não faltam riffs lentos, o desespero vocal e gutural Tomasz Mielnik (o que mais gosto no álbum) é muitíssimo bom - a faixa que dá nome ao álbum é um bom exemplo disso. Isto não é bom, é muito bom. O Ritual ainda agora começou. Mais uma banda para estarem atentos

[8/10] - EDUARDO RAMALHADEIRO





The girl with the kaleidoscope eyes

Por: Gabriela Teixeira - mixcloud.com/Submundo

Para reflectir um bocadinho...

Aquando da passagem recente dos Motley Crue por Lisboa, o Tommy Lee pediu às senhoras presentes que mostrassem as mamas e, pelo testemunho de quem lá esteve, foram poucas as que acederam ao pedido, e a feminista (com sensibilidade e bom senso) que há em mim, aplaude de pé as que não se expuseram.

Antes que me caiam em cima, vamos esclarecer duas questões:

Em primeiro lugar, sou fã de Motley Crue e de muitas bandas de Glam, portanto sei bem o que “a casa gasta”, e em segundo lugar, este texto não tem qualquer intuito de humilhar ou maldizer mulheres que mostram o seu corpo onde e quando quiserem. Independentemente de eu me identificar, ou não, com determinadas formas de estar, respeito o livre arbítrio de cada uma.

Posto isto, permitam-me expressar o meu raciocínio sem suscitar nas vossas mentes adjectivos como “púdica” ou “extremista” relativamente à minha pessoa, só por me ter assumido feminista.

Já não estamos em 1986, as mulheres estão na música da mesma forma que os homens e têm de ser respeitadas como tal! Nunca me irei esquecer do momento ridículo que aconteceu no concerto de Arch Enemy no Vagos 2012. O público masculino começou a cantar o hit do Herman José “És tão boa” dirigindo-se à Angela Gossow. É inegável que ela é uma mulher muito bonita, em excelente forma física, mas, quando está (ou estava) em palco, é uma artista cujas capacidades vocais envergonham muito machão de barba rija e é isso que deve ser destacado, não concordam?

Ao longo dos anos, muitas foram as vocalistas que, enquanto pisavam o palco, ouviram bocas vindas do público masculino, sendo “mostra as mamas” a mais típica. Alguém me explica essa obsessão, por favor? Por que raio muitos homens não podem ver uma mulher a actuar sem lhes “exigir” que se dispam?

É com muito orgulho que vejo cada vez mais bandas com elementos femininos e cada vez mais mulheres nas plateias dos concertos, mostrando que estamos na música por mérito próprio e não para serem um pedaço de carne fácil para ser mastigado e deitado fora pelo gajo A ou B da banda X ou Y.

Portanto, alguém se esqueceu de avisar o Tommy Lee que o mundo mudou! Nos anos 80 e 90, só por ser baterista de uma banda conhecida, muitas mulheres terão agido perante ele como autênticos cãesinhos de Pavlov, mas a questão é que estamos em 2023 e as mulheres já não se despem por que um tipo de uma banda as mandou despir! E quanto mais mulheres perceberem que não são objectos, que não valem só pelas mamas que têm e que são sujeitos que fazem e consomem música, tal como os homens, estes episódios misóginos e redutores da essência feminina tenderão a desaparecer. Pelo menos, é assim que eu penso!

Acredito que haverá mulheres que não se sentem melindradas por estas questões, mas eu não consigo ficar indiferente. Sei bem que tenho uma postura muito intelectualizada na vida em geral e na música em particular. Dá-me especial prazer “digladiar” com homens, esgrimir argumentos de forma amistosa e sinto que, pelo menos até então, sempre fui vista de igual para igual, por isso levo um pouco a peito estas abordagens.

Entendam, por favor, não é o acto de levantar a camisola que me repudia, é o acto de levantar a camisola a mando de um homem! Esse machismo que ainda persiste no seio da indústria musical revolta-me e só nós, mulheres, podemos quebrar este ciclo: exibindo o nosso intelecto, ao invés do nosso corpo.

E por fim, ninguém me diga que é um acto de liberdade mostrar as mamas num concerto porque sinceramente penso bastante nas consequências nefastas que daí podem advir. Penso de imediato no refrão da 1000 Eyes dos Death - “Privacy and intimacy as we know it/ Will be a memory”, imaginando a quantidade de telemóveis apontados às mulheres que se coloquem nessa situação... entendem onde quero chegar?



Old school moderno

Michael Poulsen, *frontman* de Volbeat, falou à Versus Magazine da sua nova banda: **Asinhell**. Apresenta-a como uma banda de Death Metal old school, que lhe permitiu voltar aos primórdios da sua carreira musical, mesmo antes de Volbeat, e concretizar uns sonhos que tinham ficado perdidos no passado.

Entrevista: CSA & Eduardo Ramalhadeiro | Fotos: Brittany Bowman

Eduardo e CSA – Saudações, Michael! Cá estamos para a nossa primeira entrevista com Asinhell (porque esperamos vir a fazer mais).

Eduardo – Aqui vai a primeira pergunta: porquê Asinhell tudo junto em vez de As In Hell?

Michael Poulsen – Eu queria arranjar um nome espetacular para a banda. Tinha pensado em Full of Hell. Fui buscar esse nome a uma canção de Entombed, que se chama precisamente “Full of Hell”. Mas depressa descobri que já havia outra banda com esse nome. Logo, tive de procurar outro e pensei em As In Hell. Por fim, acabei por juntar as palavras, porque, quando estava a criar o logo, me pareceu que ficava melhor assim.

Eduardo – Então foste tu que fizeste o logo da banda?

Sim. Eu e outro fulano.

Eduardo – Como descreverias Asinhell aos nossos leitores?

Tem muitos elementos de Death Metal tipo old school. Portanto, inspira-se muito no Death Metal old school que eu comecei a tocar quando tive a minha primeira guitarra. Ouço música extrema

desde os meus 13 anos. E comecei a tocar quando tinha 16. Quando fazia parte de Dominus, ouvia muito bandas como Autopsy, Death, Grave, Entombed, Dismembered, Bolt Thrower, Darkthrone. Bandas desse género foram sempre uma grande inspiração para mim. Também ouvia Gorefest e Benediction e Obituary... E a lista continua... Tendo em conta o tipo de música que tenho ouvido durante tantos anos, pareceu-me que tinha chegado a altura de eu me dedicar novamente a criar Death Metal. É claro que ando extremamente ocupado com Volbeat: estamos sempre em digressão, estamos a escrever música para um novo álbum enquanto andamos na estrada. Portanto, não tem sido fácil arranjar tempo para um projeto paralelo. Mas, no próximo ano, Volbeat não vai fazer concertos, porque nos vamos concentrar em escrever e gravar o novo álbum e depois disso irei fazer alguns concertos com Asinhell.

Eduardo – Por que demoraste 20 anos a pensar em criar esta banda?

Pus fim a Dominus, porque estava a sentir-me inspirado por uma infinidade de estilos que encontrava e que comecei a conjugar... muitos estilos muito diferentes uns dos outros como Punk, Heavy Metal, Death Metal, Pop Rock, Rockabilly, Psychobilly. É claro que não podia fazer isso numa banda de Death Metal. E assim nasceu Volbeat, que me ocupou tanto durante tanto tempo que era completamente impossível ter um projeto paralelo. Agora – apesar de continuar muito atarefado com Volbeat e de ter dois filhos – vou conseguindo encontrar o tempo e inspiração necessários para voltar a tocar Death Metal.

Eduardo – LG Petrov teve/tem uma grande influência na tua vida musical só neste projeto ou também em Volbeat?

O LG era um grande amigo meu, que, como todos sabem, já morreu. Foi um front man fantástico para a legendária Entombed. A certa altura, telefonou-me quando eu estava no supermercado e, por isso, não pude atender. Voltou a ligar mais tarde, durante a noite, mas eu também não atendi, porque



[Asinhell] Tem muitos elementos de Death Metal tipo old school. Portanto, inspira-se muito no Death Metal old school que eu comecei a tocar quando tive a minha primeira guitarra.

estava a dormir. Pouco depois, soube que ele tinha morrido. Fiquei arrasado e muito triste por causa disso. Estávamos em digressão nos Estados Unidos e, nessa altura, falei com o técnico que trata das minhas guitarras sobre a ideia de voltar a tocar Death Metal e pedi-lhe que me mandasse vir pela internet um tipo de pedal que muitas bandas suecas de Death Metal famosas usam e que tem um som patenteado. E, precisamente quando estávamos a falar, o meu iPod começou a tocar “Full of Hell” dos Entombed e eu fiquei com a ideia de que era uma chamada do LG vinda do além. Vi aquele incidente como uma chamada dele do além para me dizer que era tempo para mim de me dedicar a fazer Death Metal old school. Portanto, comecei logo a tratar disso e, quando cheguei a casa, já tinha material suficiente para um álbum. Portanto, agora tenho um álbum que vai sair pela Metal Blade no dia 29 de setembro intitulado “Impii Hora”. Tenho como vocalista o fantástico Mark Grewe, dos Morgoth (uma banda de Death Metal old school), o que me dá muito orgulho, porque somos muito amigos. E também tenho o Morten Toft Hansen, dos Raunchy, na bateria, que também é meu amigo. É uma formação composta por velhos amigos que tocam Death Metal old school. E, retomando a tua pergunta acerca do LG, tenho a certeza de que ele teria gostado de Asinhell. A música de Entombed foi sempre uma grande inspiração para Volbeat, que andou em digressão com eles. Foi um tempo maravilhoso.

Eduardo – Death também é uma das minhas bandas favoritas de sempre, Chuck Schuldiner foi um génio no deu tempo. De que forma estas influências se manifestam em Asinhell?

Chuck Schuldiner e Death são provavelmente a maior fonte de inspiração para Asinhell, como podes constatar ouvindo muitas das canções do álbum. Nota-se nos riffs, na voz do Mark. E é claro que ele foi extremamente importante para o Death Metal na sua globalidade. Conseguiu levar esse estilo a um nível nunca antes atingido. Podes perceber a evolução de álbum para álbum, quando ele começou a pensar nas estruturas e a compor acabando por se tornar excelente nesse domínio. Sou um dos seus maiores fãs e a sua música inspirar-me-á durante muitos mais anos.

Eduardo – Eu ouvi o álbum. É muito bom. Como te parece que as pessoas vão reagir a ele?

Não sei. Já publicaram uma canção, mas ainda haverá mais singles antes do lançamento do álbum. Para já, as reações a este primeiro single – “Fall of the Loyal Warrior” – foram fantásticas! É claro que vai ser muito bom, se as pessoas gostarem. Mas, se não gostarem, aceitamos na mesma. É sempre bom lançar um álbum, mas é claro que é bem melhor quando as pessoas gostam do teu trabalho.

CSA – A Metal Blade também está muito entusiasmada com Asinhell. Que planos delinearam com eles para dar a conhecer o vosso novo projeto à cena Metal?

Antes de mais, estou muito

agradecido por a Metal Blade se terem predisposto para lançar o álbum de Asinhell. É um sonho que se converteu em realidade fazer parte do catálogo de uma editora como esta a fazer música desta natureza. Estou mesmo grato por isso. Os planos passam por fazer a promoção adequada do álbum. Compete à Metal Blade produzir as cópias e fazê-las chegar aos fãs de Death Metal. E depois, no próximo ano, temos de dar o nosso melhor para fazer alguns concertos. É mais ou menos isso! E depois, assim que o álbum tiver sido lançado e nós estivermos a fazer concertos, provavelmente começaremos a pensar em novo material e a escrever.

CSA – E como fizeste para encontrar a “equipa” para este novo projeto musical?

Estamos todos muito ocupados com o que já temos em mãos. Todos temos filhos. Não é fácil para nenhum de nós encontrar o tempo necessário para passar o tempo na estrada com uma banda como Asinhell. Portanto, assim que o álbum sair, veremos quanto tempo temos e quantos concertos queremos fazer. Já temos um plano: de certeza que queremos fazer mais concertos que os Darkthrone [risos]. É como quando as pessoas dizem que não têm tempo para ir ao ginásio. Tretas! Se quiseres ir ao ginásio, vais aparecer no ginásio. E se quiseres tocar Death Metal old school, encontrarás tempo para o fazer.

CSA – Este é o primeiro álbum de Asinhell e é fantástico \m/ Podes identificar os elementos

old school neste álbum? E os elementos novos?

Penso que, se tivesses o hábito de ouvires bandas de Death Metal old school, como as que eu referi no início desta entrevista, facilmente percebes que somos inspirados por elas. Essa é a componente old school. É claro que também há bandas novas a lançar grandes álbuns de Death Metal. Também me posso deixar inspirar por essa música. Penso que as opções de que as bandas dispõem atualmente em termos de modos de gravação podem levar-nos a um nível em que o som parece muito mais moderno por causa da tecnologia que os estúdios têm atualmente. Por conseguinte, nós tentamos não usar demasiada tecnologia. Gravámos o álbum tocando ao vivo nos Jacob Hansen Studios. O que ouves é mesmo a bateria, são mesmo as guitarras, estávamos apenas a tocar as canções do álbum no estúdio. E depois acrescentei mais guitarras, para tornar o som mais denso! É claro que não estou a dizer o que está certo ou errado. Cada um grava da maneira que quiserem para se exprimirem de forma adequada. A forma como nos queremos exprimir está contida na própria música. Podes facilmente aperceber-te da inspiração old school proveniente das bandas que já referi. Queríamos gravar a tocar para obtermos um som mais orgânico. E foi o que fizemos.

CSA – Por que chamaram ao vosso álbum «Impii Hora»?

Tens de ver as letras, que não foram escritas por mim. Reunimos – eu e o Mark – e conversámos sobre os temas das letras. O Mark é realmente exímio a escrever letras e pediu ajuda a um dos seus amigos. Queríamos obter letras tenebrosas combinadas com sarcasmo e ironia, mas tratando de temas relevantes. É um tanto assustador e tu podes aperceber-te disso lendo nas entrelinhas. Mas acho que conseguimos atingir um bom equilíbrio. Por isso, chamámos ao álbum «Impii Hora», o que

significa “horas ímpias”. Nenhum de nós é religioso – não somos mesmo – é apenas uma maneira de criar uma atmosfera tenebrosa. Isso é mais um ponto para o título – mais sarcasmo – o que é muito importante. Não o leves muito a sério! Vale o que vale e inclui muitos clichés. As pessoas podem crer no que quiserem, podem ser religiosas ou não desde que não magoem outras pessoas.

CSA – O que representa a capa do álbum? De que forma se relaciona com o respetivo tema? Quem a fez? Acho-a fantástica e intrigante ao mesmo tempo.

A capa do álbum foi feita por Albert Che. Aconselho toda a gente a ir ver a arte dele. Tem feito muitos trabalhos maravilhosos. Mas trata-se de um álbum de Metal, logo é importante escolheres um motivo que as pessoas associem logo ao Metal.



Portanto, também aqui vais encontrar clichés. A imagem representa uma espécie de esqueleto com chifres, que parece feito de uma amálgama de fumo e veias e sangue. É um trabalho fantástico e, francamente, penso que não podia estar mais adequado ao nosso estilo de música e letras. Representa todos os aspetos

tenebrosos presentes nas nossas letras.

CSA – E a banda participou de alguma forma na criação desta ilustração?

Limitámo-nos a enviar-lhe a música e as letras, porque queríamos que ele desenhasse o que lhe ia na cabeça quando estava a ouvir a nossa música e a ler as letras das canções. Ele apareceu com esta ilustração e nós ficamos maravilhados. É fantástica!

Eduardo – Em Volbeat, tocas guitarra e cantas e, em AsinHell, só tocas guitarra. Isso acontece porque AsinHell é mais técnico que Volbeat? Foi mais desafiante para ti?

Francamente, nem pensei nisso. Tudo é desafiante! É desafiante tocar guitarra e cantar em Volbeat e também é um grande desafio tocar guitarra em AsinHell. Mas eu

nunca penso nisso. É o que eu faço e é sempre maravilhoso e um desafio agradável de enfrentar.

Eduardo – Usas as mesmas guitarras nas duas bandas?

Tenho tantas guitarras em casa e na sala de ensaios! Não importa que guitarra vais usar. No fim de contas, o som é produzido pelo equipamento, mas também

pelo gajo que está a tocar a guitarra. Portanto, uso as mesmas guitarras que em Volbeat. É claro que a afinação é diferente.

Eduardo e CSA – Obrigado pelo teu tempo.

Obrigado também. Adeus!

Facebook
Youtube



Mordiggian: Art

NEGRO SOBRE AZUL



Azul e negro são as cores favoritas de **Dávid Busai** (aka Mordiggian-Art), um artista húngaro que associa a sua paixão pela música extrema às artes gráficas. Pudemos apreciar a sua arte recentemente nas belas capas dos dois álbuns de Tryglav.

Entrevista: CSA | Fotos: Dávid Busai



Saudações, Dávid! Espero que esteja tudo bem contigo!

Dávid – Olá, Cristina! Obrigado por me incluíres nas páginas da Versus Magazine.

Ouvi falar de Mordiggian Art pela primeira vez quando fiz a entrevista sobre o segundo álbum de Tryglav [«The Ritual», lançado em 2023 pela Extreme Metal Music]. O BorisT contou-me que tinha encontrado na internet a ilustração que viria a ser a capa do primeiro álbum da banda [«Night of Whispering Souls», lançado em 2019 também pela Extreme Metal Music] e que tinha ficado à espera de encontrar outra do mesmo género para o segundo longa duração. Também me disse que tinha usado a tua ilustração como inspiração para escrever «The Ritual».

- O que pensas da ideia da tua arte gráfica inspirar um músico?

Acho muito gratificante a ideia de o meu trabalho poder inspirar um músico. A finalidade última de qualquer colaboração criativa entre um designer e um músico é criar uma representação visual coesa e cativante da música. Se os meus desenhos conseguem capturar a essência da música e ter impacto na audiência, então é certo que fiz bem o meu trabalho.

- Criaste a segunda ilustração pensando no BorisT como um potencial cliente?

Percebo porque podem pensar isso, mas a resposta curta é: não. Mas há uma resposta mais longa. Quando fiz essa ilustração, o meu primeiro propósito era explorar os meus próprios interesses artísticos e criar uma peça que estivesse alinhada com a minha visão criativa. Portanto, o desenho não foi criado a pensar especificamente no Boris. Sempre me senti atraído por temas ligados ao oculto e ao paganismo e isso levou-me a criar uma peça com máscaras semelhantes a corvos, que têm o seu próprio simbolismo, para além daquele que as associa às máscaras dos médicos das pestes que o Boris evoca na sua música.

Estas ilustrações são realmente muito interessantes, porque tratam de temas antigos, são tenebrosas (usando o negro e o azul escuro como cores de base) e jogam muito com o contraste criado por sombras... e a luz claro. Que técnicas usaste para as criar? [Calculo que usaste as mesmas, porque as duas imagens são complementares.]

Em ambos os casos, queria criar uma atmosfera tenebrosa, adequada aos temas ocultistas e antigos que me inspiraram. Usei o negro e o azul escuro para criar uma sensação de mistério e profundidade. Para criar os efeitos de sombra e luz, usei uma combinação de ferramentas digitais, incluindo pinceis, camadas e gradientes. Também usei elementos e texturas desenhados manualmente para dar um ar mais orgânico e tátil aos desenhos.

Analisei todos os exemplos da tua arte que consegui encontrar e concluí que tens uma nítida preferência por cores sombrias (nomeadamente o azul e o sépia). Esta tendência está relacionada com o facto de trabalhares para bandas de Metal ou é uma opção pessoal?

Foi uma escolha pessoal. Tenho tendência para gravitar em torno do azul e do sépia, porque evocam uma atmosfera tenebrosa e profunda que me parece bastante intrigante. Penso que as cores e tons que uso ajudam a criar uma atmosfera que reforça o impacto visual do desenho.

No entanto também encontrei algumas capas de álbuns com cores mais brilhantes. Como decides o que vais usar?

Embora eu tenha tendência para usar cores mais sombrias, também acredito que é importante ser flexível e adaptar o meu estilo e paleta de cores às necessidades de um projeto ou cliente específico. Quando estou a tomar decisões sobre as cores e o estilo geral do desenho, começo por ter em conta a mensagem ou a emoção

que a música pretende transmitir. Também entro em linha de conta com o público visado e a imagem global da banda. Por exemplo, se a banda tem um estilo visual e uma paleta de cores estabelecidos, procuro incorporar esses elementos no meu desenho, a fim de criar uma identidade coesa e reconhecível.

Ao observar algumas capas pareceu-me que usas técnicas como a manipulação de fotos em computador. Acertei?

É verdade. Uso sobretudo a manipulação de fotos, mas também recorro com muita frequência a uma combinação de técnicas digitais e tradicionais para criar os meus desenhos. Isto pode incluir manipulação (digital) de fotos, elementos desenhados à mão e pintura digital para alcançar o efeito desejado.

Também constatei que fazes outro tipo de trabalhos para além de capas para álbuns como, por exemplo, logos para bandas. Como fazes para os criar?

Quando estou a criar um logo, começo por discutir com o cliente a sua forma de o ver. A partir daí, esboço duas ou três versões básicas. Assim que tiverem escolhido o conceito que mais lhes agrada, refino e digitalizo o logo, geralmente em formato vetorial para garantir que é versátil e pode ser usado em qualquer tamanho.

Também fazes vídeos e fotos promocionais?

Sim, além de criar capas, desenhos para merchandising e logos, também faço materiais promocionais como cartazes para anunciar digressões, banners para as redes sociais e outros materiais de marketing para bandas. Embora pessoalmente não faça vídeos, tenho um colega e amigo – Csaba Fehér – que é especialista em fazer vídeos par bandas e que costumo recomendar vivamente aos clientes que andam à procura desse tipo de serviços.

Sim

Negoceias com as bandas para ajustar a tua arte ao modo como imaginam a criação final? Que parte lhes concedes no teu processo criativo?

Procuro sempre compreender a visão e as ideias das bandas com quem trabalho e vejo a criação como um processo colaborativo para que as suas ideias transpareçam no produto final. Enquanto estou a produzir o desenho, apresento-lhes sempre vários esboços conceituais, para recolher feedback e ideias. E depois uso esse retorno para fazer ajustamentos e refinar o desenho, garantindo que vai ao encontro das suas necessidades e expectativas.

Onde encontras a tua inspiração? Como te preparas para uma nova criação?

Encontro a minha inspiração numa grande variedade de fontes incluindo livros, música, a vida quotidiana. Quando dou início a um novo projeto, gosto de fazer alguma investigação sobre a banda ou cliente para ter uma imagem mais clara do seu estilo. Isso ajuda-me a compreender a sua visão e a garantir que o desenho reflete a sua identidade.

Estudaste para seres artista gráfico?

Sim, estudei design gráfico para seguir carreira nessa área. O meu

“

Se os meus
desenhos
conseguem
capturar a
essência da
música e ter
impacto na audiência,
então é certo que fiz
bem o meu trabalho.

plano inicial não era propriamente trabalhar com bandas de Metal ou na indústria da música. Contudo, como ao longo da minha vida sempre fui um fã de Heavy Metal e outros géneros de música, estou a começar a explorar a ideia de combinar a minha paixão pela música com as minhas artes gráficas. Ao longo dos tempos, comecei a trabalhar cada vez mais com bandas e isso tornou-se uma parte significativa do meu portefólio e da minha carreira.

Já tiveste a oportunidade de expor a tua arte ou participar num daqueles livros que apresentam bons exemplos de arte no domínio?

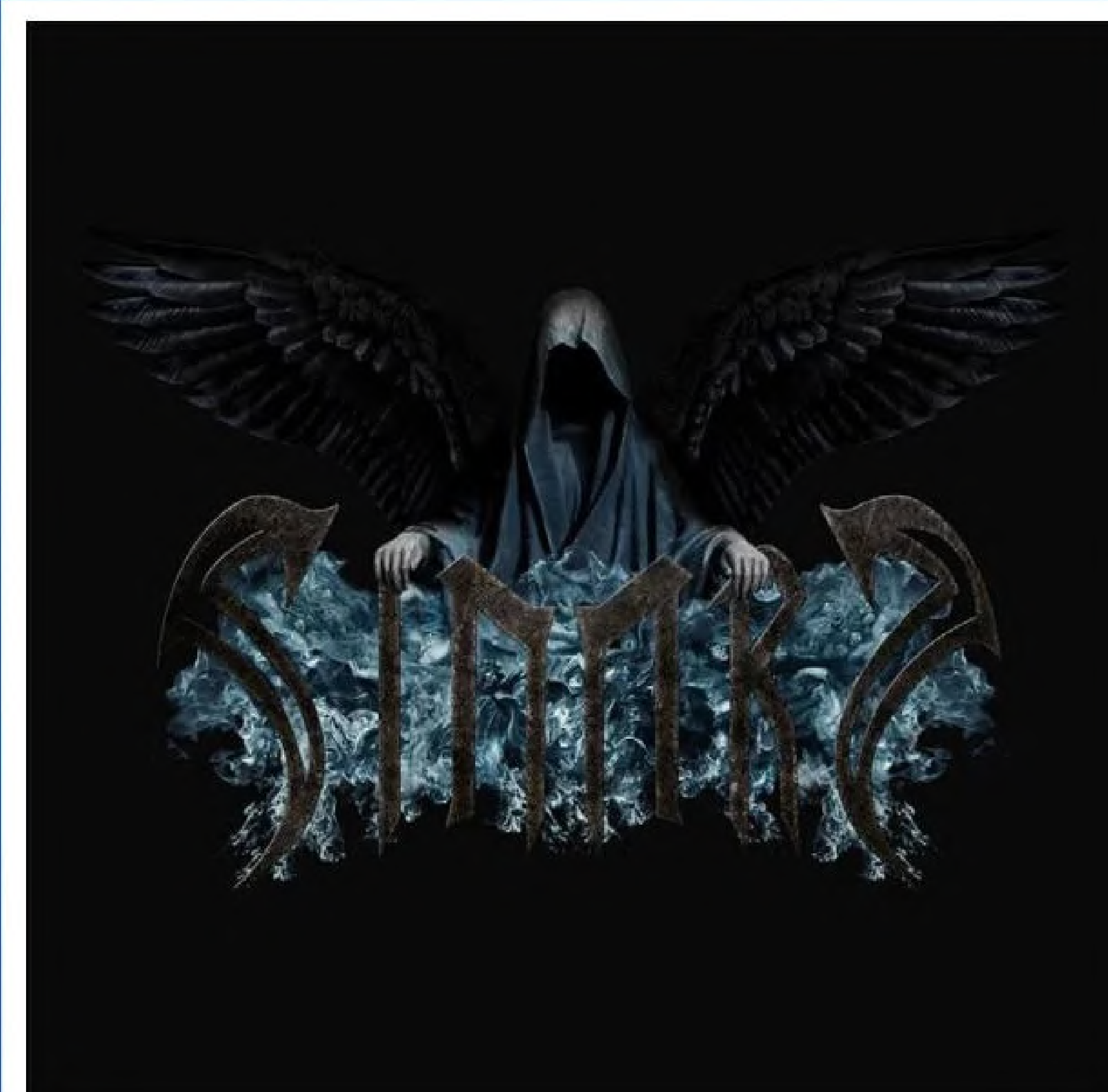
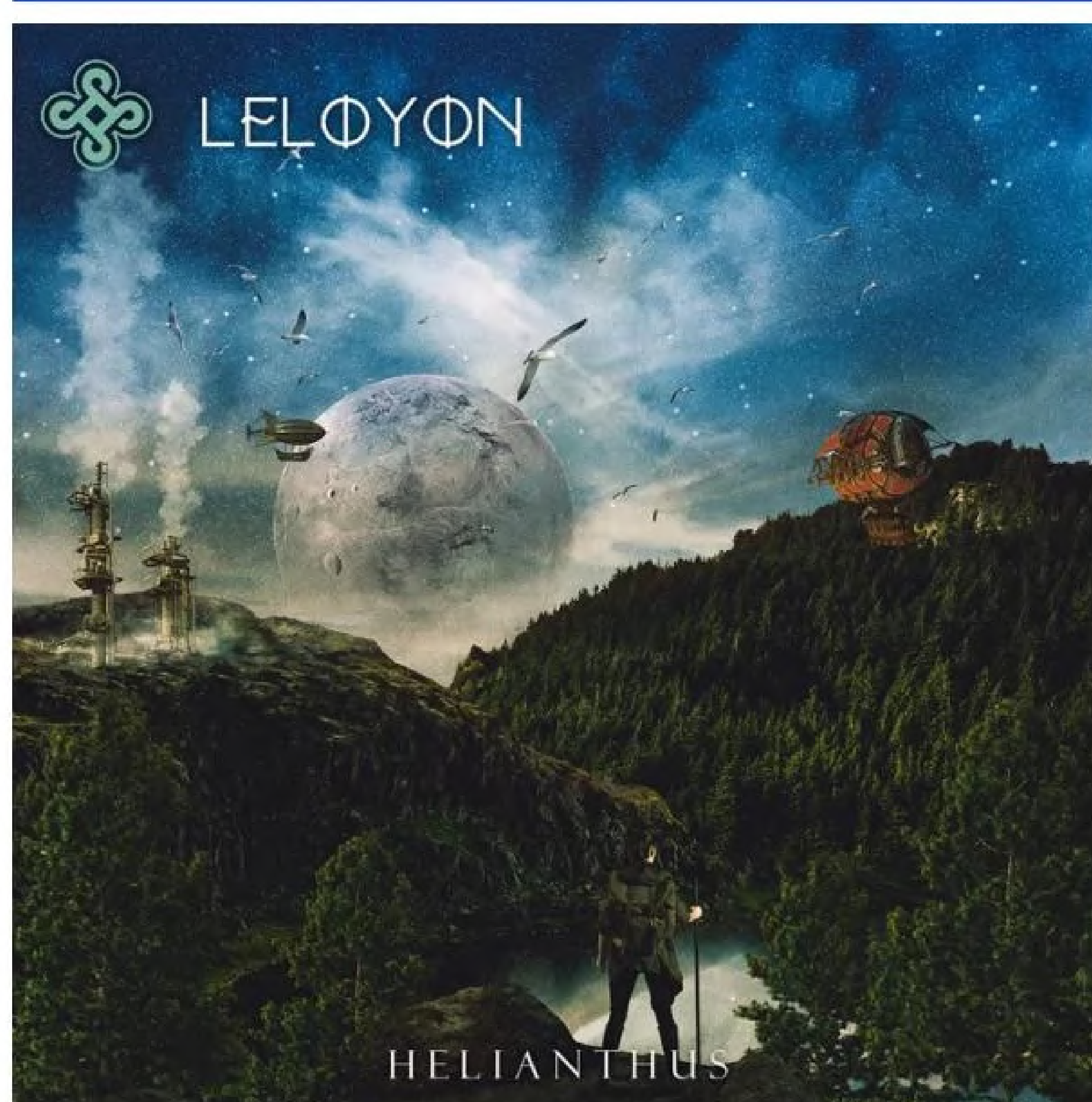
Embora nunca tenha tido a oportunidade de expor o meu trabalho num cenário tradicional de galeria, já tive a sorte de os meus desenhos figurarem em várias publicações e coleções. Um exemplo dessas publicações é o livro “Arte Arcana: Death” da Heavy Music Artwork, uma editora sediada no Reino Unido.

Tens algum sonho ou ambição especial?

O meu sonho especial deve ser semelhante ao de outros artistas: trabalhar com bandas maiores, músicos mais conhecidos (por exemplo, Moonspell, uma banda do teu país). Para além do design gráfico, estou interessado no desenvolvimento de software.

Só por curiosidade, o que significa Mordiggian?

É uma divindade do mito de Cthulhu. Foi criada por Clark Ashton Smith, que era um grande amigo de H. P. Lovecraft. Mordiggian é o deus da morte, frequentemente associado a ghouls e mortos-vivos. Como já há muito tempo que sou fã da atmosfera inquietante do universo lovecraftiano, pareceu-me interessante escolher nele um pseudónimo para mim. Não queria um nome muito batido, portanto procurei um que fosse pouco conhecido.



GARAGE POWER



Estreia auspiciosa

Os Brain for the Masses mostraram-se ao mundo em 2022, com «Monachopsis». Um disco que é "Um grito ensurdecedor, abafado pelo silêncio" e só peca por... curto, o que significa que ficarão com "água na boca". Um primeiro passo para não se "sentirem sozinhos no meio de uma multidão." Tem a palavra Rui Monteiro.

Entrevista: Eduardo Ramalhadeiro | Fotos: João Fitas

Olá Rui! Espero que esteja tudo bem com vocês!

Antes de mais, parabéns por este excelente álbum de estreia – valente jarda!

Quem são os BftM? De onde vêm e para onde vão?

Rui Monteiro - Olá, obrigado pela oportunidade. Os Brain for the Masses são cinco gajos dos arredores do Porto que gostam de tocar. Parece simples, mas é essencialmente isso. Para onde vamos? Vamos até onde conseguirmos ir, quer esse destino seja perto ou longe.

Como é que defines «Monachopsis»?

Um grito ensurdecedor, abafado pelo silêncio.

Porquê «Monachopsis» como título do álbum? (Isto quer dizer que vocês se consideram... deslocados ou fora do lugar que são os meandros do Metal em Portugal?)

Não nos sentimos deslocados do Metal em Portugal. Escolhemos o nome "Monachopsis" porque achamos que hoje em dia, muitos de nós já sentiu o que ele descreve de uma forma ou

outra, o que acaba por ser um reflexo dos tempos modernos. Parece que cada vez mais, as pessoas se sentem sozinhas e confusas, muitas vezes sem saber onde realmente pertencem. Uma estranha epidemia onde é possível sentirmo-nos sozinhos no meio de uma multidão.

De que forma é que John Koenig vos (ou te...) influenciou? Esta influência também passa para as letras?

O John Koenig só apareceu mesmo à última da hora, logo a sua influência não passou pelas



letras, apenas pelo nome do álbum. Um dia, já depois de termos tudo completamente gravado, começamos a debater ideias quanto a um possível nome para o álbum. Do nada, o nosso baterista João começa a sugerir uns nomes mesmo estranhos, todos eles com um significado anexado. Descartamos todos eles, até que surgiu “Monachopsis”. O nome é tão estranho como os outros que ele sugeriu, mas gostamos mesmo do significado deste e acabamos por o escolher como nome do álbum. Foi assim que eu e o resto do pessoal ficou a conhecer John Koenig.

Na vossa biografia é dito que as cinco composições são distintas. Isto é só ao nível musical ou este trabalho é conceptual?

Apenas a nível musical, visto haver um grande contraste entre certos temas. “Monachopsis” não é um álbum conceptual, ou pelo menos não foi criado com esse intuito.

Em que medida é que a criatividade constituiu um desafio na composição de «Monachopsis»?

Isso é uma boa pergunta. A criatividade realmente é algo muito importante, o problema é quando acordas e ela não quer nada contigo. Somos apenas humanos e é difícil ser criativo todos os

“

Escolhemos o nome “**Monachopsis**” porque achamos que hoje em dia, muitos de nós já sentiu o que ele descreve de uma forma ou outra [...]

dias. Há alturas em que tudo sai muito natural e fluído, o problema é quando “empancas” e dá-te uma espécie de “writer’s block”. Há várias formas de abordar a situação e muitas vezes parece que elas se contradizem. Por um lado a persistência pode trazer frutos. Depois há a postura de esperar até que ideias apareçam naturalmente, como um homem a pescar que espera pacientemente até o peixe morder o anzol. Já experienciei bons resultados com ambos. Por vezes insistir numa secção em que estava empancado solucionou o problema, assim como já dei por mim a acidentalmente encontrar aquela peça do puzzle que procurava há meses.

A capa do álbum está curiosa, senão inquietante. Que

significado tem e como se relaciona com o conceito do álbum (Se é que há algum...) e com “o sentimento subtil mas persistente de estar fora de sítio...”?

Tentamos que a capa fosse de alguma forma, uma extensão visual do significado de Monachopsis. Na capa está uma mulher curvada em sofrimento, completamente nua, com um espelho pendurado na parede à sua frente. Através do reflexo conseguimos ver o que está atrás dela e a atormenta: uma multidão de pessoas, unificada pela sua massificada homogeneidade. Neste caso a rapariga representa o elemento que está “fora de sítio”, deslocada do grupo pela sua nudez.



Primeiro álbum, muito maduro e profissional. Como foi chegar até este ponto?

Obrigado! Muito obrigado mesmo! O lançamento de “Monachopsis” para nós, é mesmo uma vitória. Já tínhamos alguma noção de composição quando começamos a trabalhar no álbum, que fomos adquirindo com o tempo. Também já tínhamos dado alguns concertos, o que nos trouxe alguma experiência. Sentimos que estava na altura de pegar naquilo que havíamos aprendido até à altura e fazer o melhor trabalho que conseguíamos. O processo em si foi bastante desafiante. Alguns temas estavam muito fora da nossa zona de conforto e simplesmente não estávamos habituados a compor dentro desses registos. Trabalhamos sempre com muita ambição, atendendo as necessidades de cada tema específico e demos muito de nós próprios neste processo. Depois, quando achávamos que finalmente estava tudo pronto, lá veio a pandemia. Foi um período complicado, onde houve muita incerteza e medo. Depois de tudo isso, fico muito feliz de finalmente ver o álbum cá fora e estou mesmo muito contente com o resultado.

«Monachopsis» foi lançado em Novembro e passados já estes meses todos, como é que veem/viram a recepção, crítica e crescimento do álbum?

Até agora tem sido muito positiva, tanto pelos críticos como pelos ouvintes. As críticas tem sido consistentes, quer a nível nacional como internacional, o que eu

acho que é bom. Tivemos duas menções que me marcaram, das quais uma delas era algo que eu desejava muito e a outra algo que me apanhou completamente desprevenido.

... de alguma forma ainda há influência da pandemia em algum aspecto do álbum?

Acho que não. A única coisa que me vem à cabeça foi que quando gravamos o vídeo da “Bleak” ainda era obrigatório usar máscara em centros de saúde e afins.

Falando influências - agora as musicais - quais são as tuas ao nível de voz e guitarra?

Quanto a voz, existem alguns nomes que realmente me inspiraram de alguma forma a ser vocalista. Klaus Meine, Kurt Cobain, Chester Bennington e Corey Taylor são alguns dos nomes que me vem a cabeça de momento. Curiosamente, a nível de guitarra nunca tive assim aquele guitarrista favorito. Sei quem normalmente são considerados os “os supassumos” do género, mas não tenho necessariamente preferidos. Adoro o instrumento, mas penso que sempre me foquei mais no contexto geral da música e não no

guitarrista especificamente.

Os BftM são um quinteto. Como foi o processo de composição?

O processo de composição deu-se pouco depois da saída de dois elementos, portanto o álbum foi maioritariamente composto por mim, o Goghy e o João. O Francisco entrou a meio do processo e ainda se encarregou de alguns arranjos. Já o Miguel só entrou depois de o álbum estar gravado. Normalmente criamos os instrumentais primeiro. Quanto a voz, criamos ou durante, ou depois dos instrumentais estarem finalizados. A letra costuma ser a última coisa em que trabalhamos, sendo que enquanto estamos a criar as vozes usamos frases sem nexos ou vogais soltas como substituição.

Vocês nasceram em 2016, são uns bebés, portanto lol. Como é que vêes o cenário do Metal em Portugal, no que diz respeito às novas bandas?

Digo com muito orgulho que para mim, o panorama do Metal em Portugal é uma cena emergente, com cada vez mais qualidade. Curiosamente já não é a primeira vez que ouço isto a ser dito fora de Portugal, o que realmente acho algo incrível.

Para terminar, o que é que podemos esperar dos Brain for the Masses num futuro próximo?

De momento estamos a concentrar-nos na nossa presença online e a tentar chegar ao máximo de ouvidos possíveis. Recentemente lançamos o videoclip do tema “Seclusion” e ainda gostávamos de lançar pelo menos mais um, assim como outro tipo de conteúdo para o nosso canal. Gostava de agradecer muito por esta entrevista. Tudo de bom e um grande abraço para toda a equipa da Versus Magazine.

Facebook
Youtube

QUIMERAS DE LAVA

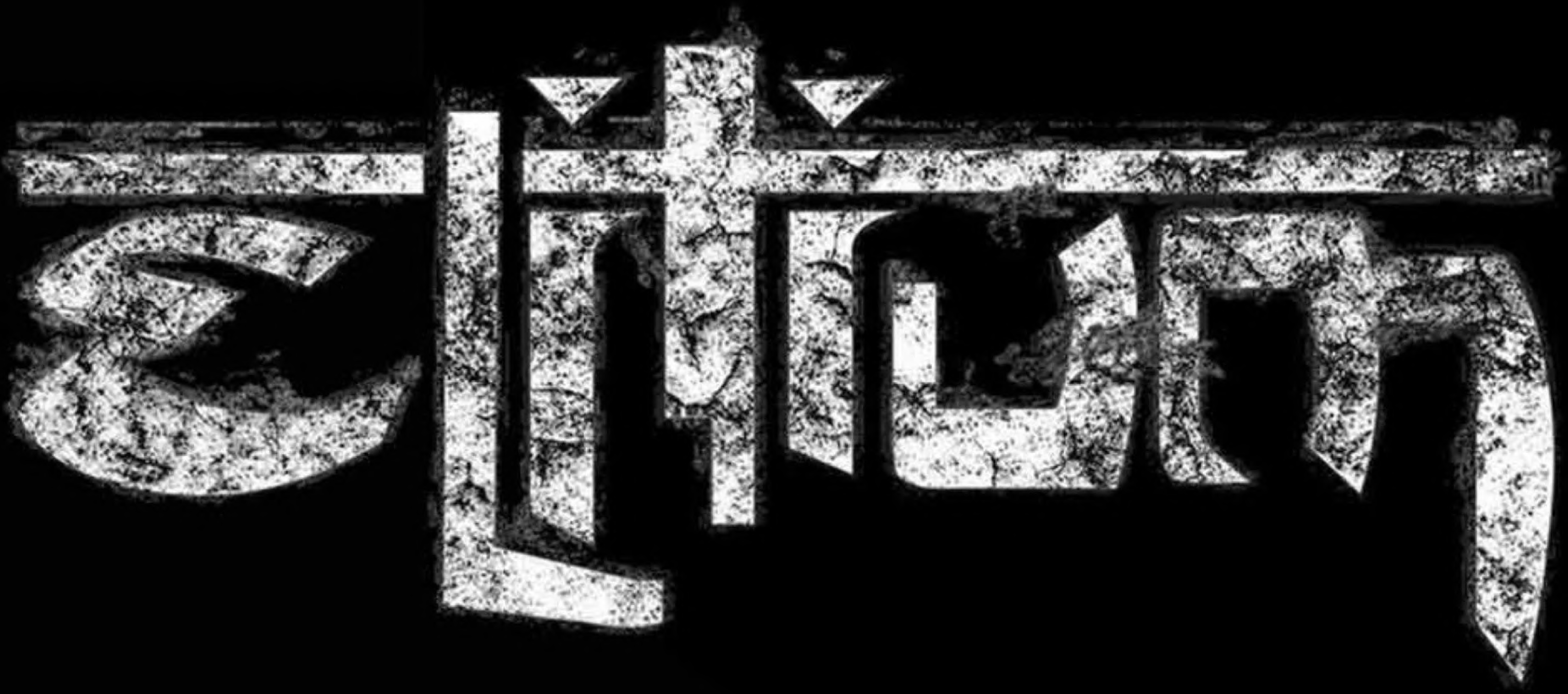
UMA HISTÓRIA
DO **METAL AÇORIANO**

1985 - 2000



**Mais informações:
quimerasdelava@gmail.com**

NUNO COSTA



Acertam-lhe com força

Os Elitium estão de volta às edições discográficas e também aos palcos. Voltam com muita força e prometem «andar por aí». Na Versus Magazine ouvimos as estucadas cirúrgicas de «Wrong», o seu novo lançamento, e aproveitamos o momento para fazer um ponto de situação na sua carreira, de olhos postos no futuro.

Entrevista: Emanuel Roriz

Já lá vão mais de 10 anos desde o primeiro lançamento dos Elitium, o EP “Transcendent”. Em termos de objectivo criativo, tendo em mente o tipo de sonoridade que pretendem criar, quais são as grandes diferenças entre esse tempo e a actualidade?

Diogo Agapito - O “Transcendent”, em 2012, foi a nossa primeira experiência em estúdio; éramos muito novos e o EP foi o retrato do que sentíamos e ouvíamos com 14 anos. O “Wrong” é o culminar de todo o caminho até aqui, da maturação pessoal e coletiva; surge de objetivos concretos e com foco naquilo que queremos ser agora e no futuro.

O lançamento “Ataxia” que já data de 2014 pode ser considerado um passo intermédio ou é algo do qual já se sentiam muito

distanciados à partida para o presente disco?

O Ataxia foi um momento. Compreendemos que se refiram a esse disco como um “passo intermédio” no nosso caminho, mas, no entanto, quem ouve o “Wrong”, percebe que muita coisa mudou. Sentimos que o novo disco tem na sua essência uma ideia de recomeço.

Chegam então agora ao vosso terceiro lançamento, era esperado terem já mais edições ao final destes 10/12 anos de actividade, ou este foi o vosso percurso natural e consideram que estão na vossa linha?

As coisas acontecem como têm que acontecer. O que podemos prometer é que não vamos voltar a parar e queremos lançar conteúdos com regularidade. Pretendemos

apostar também nos concertos e levar a experiência do “Wrong” ao vivo.

Com o passar dos anos enfrentaram já algumas mudanças na formação. Que impacto tiveram na vossa actividade e no tipo de sonoridade?

O que tocamos agora preenche os objetivos pessoais dos elementos atuais. Achamos que acabou por ser um processo natural de reformulação na banda, por uma questão de definição de estilo e estabelecimento de objetivos.

Para o novíssimo disco “Wrong” já foram lançados 2 videoclips, para os temas “Tasteless” e “Humus”. Sentem que têm ajudado na promoção?

Sentimos que têm, sem dúvida, ajudado na promoção. Hoje em dia,



“ **Tudo em Elitium é escuro. Queremos ser escuros e aparecer escuros.** ”

a música é consumida, sobretudo, digitalmente. Normalmente, os lançamentos têm um alcance maior quando são suportados por vídeo. Está nos nossos planos filmar mais videoclipes para mais alguns dos temas do novo disco.

Falando ainda dos vídeos, ambos têm a particularidade de serem muito “escuros”. Um pelo jogo de contra-luz e outro pelas pinturas corporais que vão acontecendo. Aconteceu por acaso, ou há alguma mensagem a passar?

Tudo em Elitium é escuro. Queremos ser escuros e aparecer escuros. O color grading nos vídeos foi feito tendo em consideração a mensagem do álbum, da mesma forma como todo o Artwork e os conceitos líricos foram concebidos tendo o mesmo pilar na sua base.

E o que é que está errado (“wrong”)? Este é um disco conceptual?

O disco não é propriamente conceptual, mas um facto é que muita coisa está mal. Basta sair à rua e ver que muita coisa está mal. De outro ponto de vista, o nome do disco tem também que ver com o processo de criação e o próprio

lançamento: foi um processo tão longo e moroso que tinha muito para dar errado. Felizmente correu bem e cá estamos para ficar.

Ficando mais um pouco na vossa imagem, falem-nos sobre o artwork do disco e também sobre a realização dos vídeos. Quem são os “artistas” por detrás destas criações?

Tanto no Artwork como nos vídeos, houve sempre um grande input colectivo da banda. No entanto, os vídeos foram realizados pelo nosso guitarrista e o artwork foi imaginado pelo nosso vocalista.

Já apresentaram o disco em concerto. Como foi experimentar as novas canções e como sentiram a reacção do público na plateia?

Sentimos uma boa recepção no concerto de apresentação, superou as nossas expectativas. Tocámos em casa e para um público incrível que fez uma grande festa connosco. Investimos bastante tempo no planeamento dos concertos e na linha narrativa que construímos em torno da nossa performance. A partir do momento em que inicia o concerto, pretendemos que a experiência

seja a de agarrar o público do início ao fim sem grande tempo para respirar; chegamos, dizemos o que queremos dizer e vamos embora.

Como está o plano de apresentações ao vivo para os próximos meses? Vai ser o “Wrong” que vai levar os Elitium pela Europa ou mundo fora?

Já temos alguns concertos marcados para o último trimestre deste ano. Vamos tocar pelo Norte e Centro de Portugal e fazer duas visitas aos nuestros hermanos. Acompanhem as nossas páginas para estarem a par de tudo.

Estando agora vinculados à editora Gruesome Records, percebem que pode significar um maior abrir de portas, tendo também em conta o seu catálogo variado em termos de artistas e nacionalidades?

Desde o início do processo que a nossa relação tem sido super positiva. A ajuda da Gruesome tem sido fulcral na divulgação do nosso disco e pretendemos continuar a trabalhar com o apoio do Nuno e do Álvaro.

Facebook
Youtube

ANTRO

Por: Carlos Filipe

DE FOLIA

Há duas formas de se escrever um argumento para um filme: ou é uma ideia original, ou é uma adaptação de uma obra já existente, geralmente, um livro. É por isso que a Academia os Óscares tem duas categorias para argumento, original e adaptado. Num argumento adaptado, fica ao critério do argumentista, como vai adaptá-lo, se segue de forma literal, se apenas usa parte como inspiração, se remove secções inteiras, mas mantém outras ou se, por exemplo, troca diálogo entre personagens ou mesmo a ordem de sequência das cenas. A saga do Senhor dos anéis tem muito destas coisas. Isto geralmente acontece com obras clássicas, escritas há muito tempo, sem qualquer pensamento cinematográfico e mente. Ao invés, hoje, há livros adaptado ao cinema que na sua génese criativa já estão formatados para serem facilmente adaptados. Um desses casos é os últimos livros de Dan Brown, que seguem uma estrutura muito cinematográfica, já a pensar num filme.

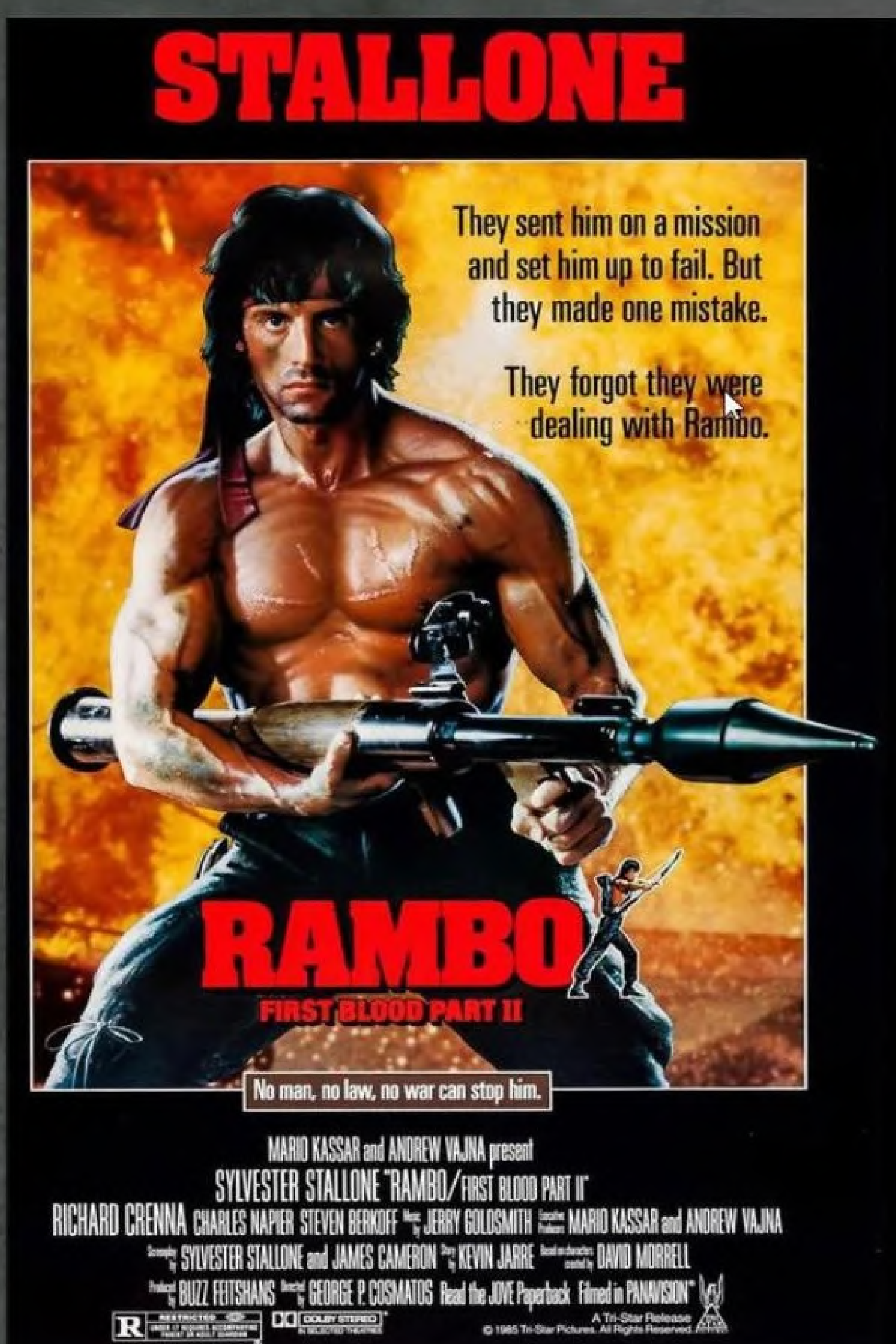
Quem é que não conhece John Rambo. Rambo? O herói americano que dispensa apresentações que se tornou num ícone da cultura popular mundial. Após 40 anos de serviço em cinco filmes de acção, a saga conclui em 2020 com Rambo - A Última Batalha, elevando Sylvester Stallone a figura cónica do cinema de acção. Apesar de todos os filmes que seguiram Rambo - a



vingança do herói serem argumentos originais, o primeiro filme de 1983, não o foi. Rambo: First Blood, no original, é uma adaptação cinematográfica do livro escrito por David Morrell em 1972, intitulado simplesmente, First Blood. Quem diria! (apesar de estar lá no genérico inicial) Eu fiquei surpreendido há uns anos ao descobrir que o grande herói de acção dos anos 80 é fruto de um livro dos 70. Tal como um filme, o livro está dividido em 3 partes e relata a história do veterano John Rambo pela sua passagem pela pequena vila de Hope do Kentucky após ser pressionado pelo xerife local.

A génese da história de First Blood começa em 1968, numa América que estava em plena guerra do Vietnam,

Rambo, os dois lados da mesma moeda



e onde duas reportagens da CBS do bem conhecido jornalista Walter Cronkite – sim o mesmo “inimigo” televisivo de estimação do Archie Bunker de «Tudo em Família» - despertaram a atenção de David Morell, uma sobre uma batalha no conflito do Vietnam e outra sobre um diferente tipo de batalha em solo americano, nas cidades interiores, que metia a famosa National Guard. Estas duas reportagens da CBS foram a ignição para uma história em que o Vietnam viesse ter com a América, e onde a personagem principal seria um veterano da guerra do Vietnam, melhor ainda, um Boina Verde (green beret) condecorado com a medalha do



ANTRO DE FOLIA

congresso pelos seus feitos na guerra. Mas esta personagem teria um trauma de 'stress' pós-guerra que o levava a ser um nómada com o mínimo para sobreviver, vagueando de cidade em cidade, dissociado da sociedade. E o seu nome será...

A origem do nome também está ancorada na experiência vivida pelo seu autor e com as pessoas que gravitavam na sua vida na altura. Afinal, é mais do que comum nos escritores de incutirem algo pessoal ou que lhes é familiar quando estão a criar. David Morrell não foi excepção e o nome de John Rambo começa com o facto de uma das línguas com o qual se graduou ter sido o francês. Numa dada tarde, estava ele de volta da pronúnciação e escrita de um autor apelidado Rimbaud, quando uma hora mais tarde, a sua

mulher chegou das compras com umas maçãs de um género sobre a qual nunca tinha ouvido falar: Rambo. A colisão em francês do nome do autor Rimbaud (ræm'boʊ) com o nome das maçãs Rambo (ramn + bo), potenciou ao seu autor o que seria um som com força e carácter.

John Rambo é um veterano da guerra do Vietnã. Esta já acabou há vários anos e deixou inúmeros retornados à deriva por conta e risco, sem qualquer apoio, especialmente do foro mental. John é um destes regressados que vagueia de cidade em cidade, à procura dos seus antigos companheiros de unidade, numa luta diária pela sobrevivência e com o estigma social da guerra sobre os ombros e vistos como vagabundos que ninguém quer. John chega à pequena vila de "Hope", na esperança de ficar 1 ou 2 dias para recarregar baterias, e é de imediato interceptado pelo xerife da vila Teasle que lhe dá boleia até aos limites do condado a fim de John seguir caminho para a próxima vila. O filme começa verdadeiramente quando Rambo decide voltar para trás e desafiar a autoridade. O tratamento que os polícias lhe dão reavivam as velhas memórias de guerra e o instinto de sobrevivência de Rambo, levando-lhe a fugir para as montanhas, o seu habitat natural, onde inicia uma verdadeira caça à "máquina de guerra" antes que este comece uma guerra urbana como nunca ninguém viu em tão pacata vila.

Rambo - First Blood é um excelente filme de acção com um Sylvester Stallone num papel que lhe cabe que nem uma luva. Tem uma excelente estruturação narrativa, desde a fuga do comissariado até à sobrevivência nas montanhas e o surgimento da personagem chave do filme, o Coronel Trautman. Os exageros dos filmes seguintes não estão aqui presentes, apesar de ser um homem contra um exército - imagem de marca dos filmes do Rambo - aqui o nível está bem pautado e justificado pelo facto de John Rambo ser uma verdadeira máquina de guerra contra um exército de fim de semana, claramente mal preparado, eles e os polícias de Hope, para enfrentar uma personagem acutilante e ainda por cima no seu ambiente natural: A floresta.

A adaptação de uma obra literária o cinema não é uma tarefa linear e muito menos literal. É necessário fazer uma adaptação, o que significa, por vezes, mudar muita coisa. Cenas, diálogos, eliminar/criar personagens. Dependendo do livro esta pode ser uma tarefa



mais ou menos difícil, e consoante a obra, pode ser visto como impossível de adaptar ao cinema ou encaixar perfeitamente como o caso dos livros do Dan Brown. O caso mais “difícil” conhecido dos últimos anos é a obra de J. R. R. Tolkien. O Senhor dos Anéis, que demorou décadas até que Peter Jackson tenha conseguido materializar em película. A adaptação de “First Blood” não demorou muito a encontrar os caminhos cinematográficos. Escrito ainda antes do fim da guerra do Vietnam, que foi em 1975, o livro aborda a viagem traumática dos veteranos de guerra depois do regresso a casa. Um tema sensível que disputou muita discussão e deu azo a inúmeros filmes, do qual Rambo é um dos principais, ao lado do Caçador, Apocalypse Now ou Platoon.

A adaptação de “First Blood” ao cinema segue o standard normal. A estrutura da história é idêntica, ou seja, Rambo é interceptado pelo Xerife Teasle, é preso, foge para as montanhas, é perseguido e depois quase enterrado vivo na caverna e regressa para dar uma guerra urbana como nunca visto naquelas paragens, mas, por outro lado, há bastantes alterações em acontecimentos-chave como Rambo saiu do edifício policial ou o mais evidente, o final. Personagens que perdem protagonismo, como o batedor dos cães Orval ou o pai e filho que encontram Rambo na floresta. No geral, estamos



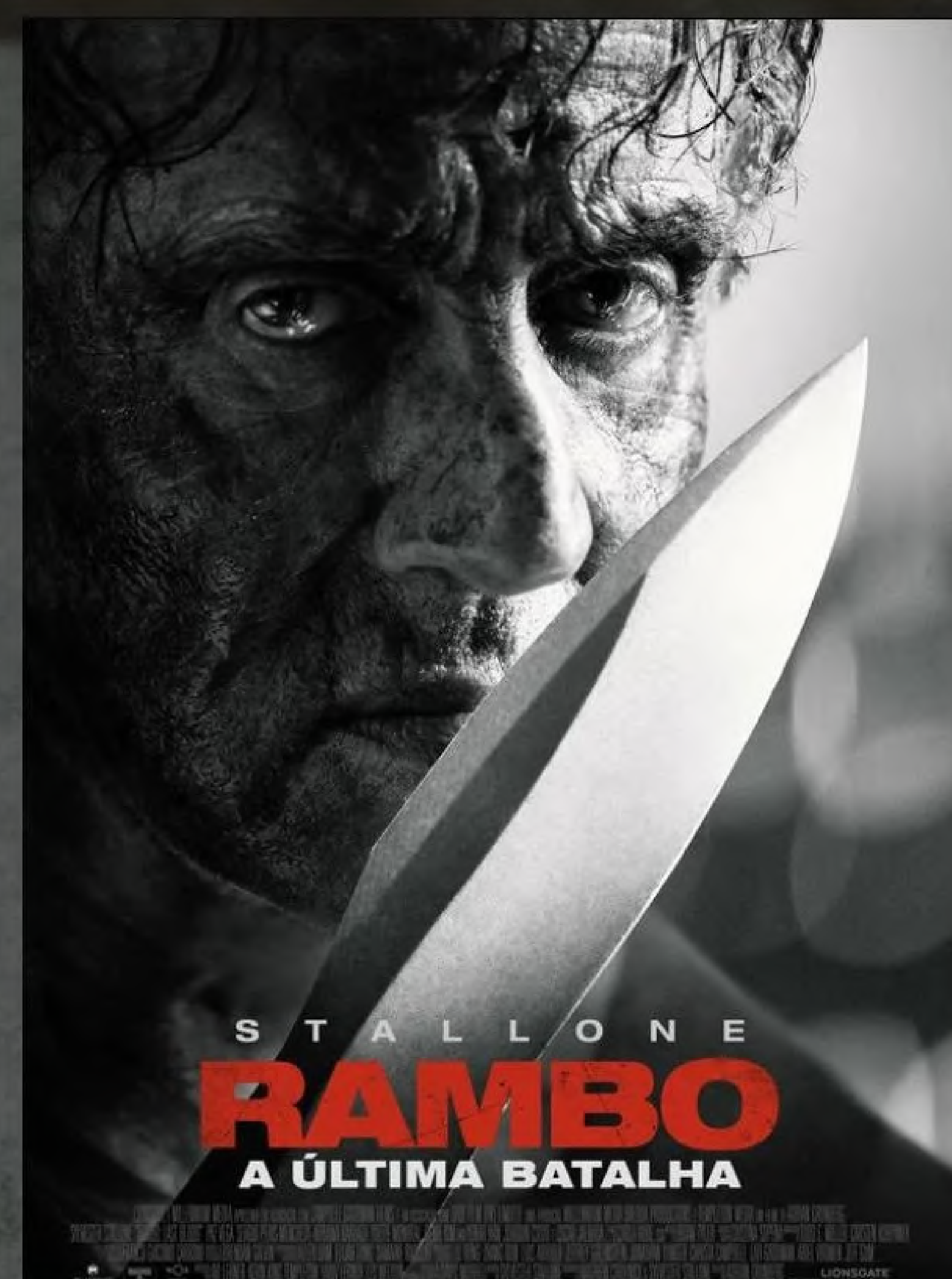
perante uma adaptação honesta e bem conseguida, em que o argumento do filme até consegue resolver alguns becos sem saída narrativos criados pelo seu autor. No final, posso dizer com toda a certeza, que o filme é bem melhor do que o livro. As alterações narrativas feitas no argumento trazem à história uma maior coerência e os diálogos que não existem no livro, cimentam a narrativa de forma definitiva. Estou, por exemplo, a falar do diálogo entre Rambo e Teasle na floresta, a conversa via rádio do Coronel Trautman e Rambo ou o magistral pedaço de diálogo do discurso final de Rambo quando ele quebra emocionalmente.

O livro, tal como um filme, está dividido em 3 partes. A primeira parte culmina com o abandono da mota e fuga para a floresta. Até aqui, há dois pontos-chave que diferem do filme. Um, Rambo mata o polícia Gale na esquadra, quando no filme Gale morre acidentalmente ao cair do helicóptero. Isto é um ponto importante na definição da personagem, pois se no livro até pode funcionar, no filme é um ponto negativo para a personagem e a criação de empatia para com o espectador, para além de

ANTRO DE FOLIA

beliscar a imagem de injustiçado que transmite a personagem Rambo. Dois, Rambo foge da Polícia todo nu e sem a sua faca de sobrevivência. No filme, Rambo sai vestido com uma T-Shirt de cava e a sua icónica faca. O resto é o mesmo, rouba uma mota e foge para as montanhas. O autor David Morell cometeu aqui um erro de julgamento e criou um problema literário que teve de resolver mais tarde no capítulo dois. Rambo ao fugir como está no argumento do filme, deu aos argumentistas a resolução do problema literário, e pelo caminho facilitando as filmagens da cena da fuga. Imaginem Sly todo nu a conduzir uma mota a alta velocidade num clima húmido e frio como mostra o filme. Seria impossível para o actor ou qualquer duplo. Mais, depois na segunda parte, não foi necessário arranjar uma subtilidade de vão de escada para vestir Rambo e dar-lhe uma arma.

A segunda parte do filme e livro mostra-nos Rambo no seu habitat de eleição, a floresta, onde os supostos caçadores, os policias, são efectivamente as presas. O argumento é mais directo e segue John Rambo com a sua faca de sobrevivência, ao invés, o livro é menos directo e segue maioritariamente os policias e Orval. Há mesmo um capítulo só com um acampamento nocturno antes de irem "caçar" Rambo, em que se dá ênfase ao relacionamento de longa data de Orval e Teasle, para não falar da cena do Pai e filho que encontram Rambo todo nu no meio da floresta e decidem ajudar-lhe com roupa e uma arma. No filme, a mesma cena existe de forma esporádica e apenas serve para estas duas personagens denunciarem Rambo aos policias perseguidores. Outra grande mudança narrativa é o helicóptero usado na perseguição. No filme é usado para aniquilar uma personagem ferida de raiva para com Rambo, enquanto no filme, Rambo consegue fazer despenhar o heli com uma pedra que atinge o piloto, matando mais um. Matar neste primeiro filme da saga é mau para a personagem de Rambo vs o espectador, enquanto ferir é aceitável para a personagem no filme. A terceira parte do livro, que não coincide com a terceira parte do filme - que é quando Rambo desde da floresta para a vila - começa com o acampamento da Guarda Nacional e a presença de todos os media, onde é introduzido a personagem fulcral para a história, e as duas sequelas imediatas de Rambo, sendo a figura do Coronel Samuel Trautman. Esta personagem é fundamental para nos dar o background de Rambo e as explicações necessárias ao espectador/leitor, servindo de ponto de ligação e com o protagonista. Livro e filme acabam de formas diametralmente opostas. Enquanto John Rambo morre no final do livro, é levado preso por Trautman no final do filme.



Rambo – A Fúria do Herói foi primeiro e excelente filme de acção desta saga. Em 1985, veio Rambo II - A vingança do Herói, que leva Rambo de volta ao Vietnam para uma missão de reconhecimento sobre possíveis POW (Prisoners of War), assunto que deve ter eclodido em meados dos anos 80, pois Chuck Norris também teve direito à sua saga dos POW com Desaparecido em Combate 1, 2 e 3. Aqui começa os exageros da personagem na óptica de um contra todos e ganha Rambo. O curioso de Rambo II está na sua génese. Era para ser um filme de acção escrito por, nada mais não menos do que, James Cameron (Terminator, Aliens, Titanic, Avatar). Cameron chegou a escrever um argumento mutilado para dar ênfase à acção, ficando no filme final pouco ou nada do que escreveu Cameron. Hoje, seria interessante ter visto que filme teria dado esse argumento. A única evidência do que foi este argumento, está no livro Rambo – First Blood part II escrito igualmente por David Morell, que é um mix de três contribuições, o argumento de Cameron, o filme e as notas do autor, em 1/3 de cada. Rambo III (1988) e a questão afegã vs os russos em pleno caminhar para o fim da guerra fria, foi o senhor que se segue, onde os exageros foram levados a um patamar mais elevado, talvez o filme mais fraco da série, mas com cenas icónicas. O filme teve um sucesso mitigado e Stallone arrumou a personagem no armário ao pé da de Rocky Balboa, para a retirar de lá 20 anos depois! Rambo IV estreou em 2008 e vem no seguimento de um certo revivalismo do actor depois do sucesso que teve com o relançamento de Rocky Balboa(2006). Sly pegou na questão horrível birmanesa dos direitos humanos e ditadura opressiva, e colou Rambo contra o exército birmanês, num filme de acção moderno e muito visceral para não dizer gore. O filme acaba com Rambo a regressar a casa, num culminar de um arco narrativo iniciado em First Blood. Mas, “never say never”, e em 2019 John Rambo regresso definitivamente para uma última batalha, e desta vez, é mesma a última batalha, em Rambo – Last Blood. Aqui, vemos uma personagem que envelheceu, tal com o actor, mas que apesar das vulnerabilidades apresentadas, nunca deixa de ser a máquina de guerra que é. No final, ambíguo, John Rambo, ferido, desaparece no horizonte crepuscular montado num cavalo tal um cowboy de outros tempos, num momento idílico, dignificante da personagem.

Foram os exageros do 2 e do 3, da era Reagan, que deram a aura icónica à personagem de John Rambo, para sempre no panteão do cinema planetário. John Rambo é daquelas imagens de marcas como a Coca-Cola, Ferrari,

Apple que toda a gente conhece. Sylvester Stallone conseguiu em 5 filmes criar um arco narrativo que acompanha o envelhecimento do próprio actor, bem patente nas vulnerabilidades encontradas pela personagem no último capítulo. Só espero mesmo que não haja remakes e reboots da saga Rambo e deixem a personagem cavalgar ao encontro do pôr do sol para nunca mais ser vista, apenas recordada!



PALETES

Por: Carlos Filipe



Ulthar - ««Anthronomicon» e «Helionomicon»» (EUA-Oregon, Black/Death Metal)

ULTHAR esculpiu um nicho único no espectro do metal 'underground', forjando um som híbrido grotescamente elegante da alquimia do Death Metal técnico com os ventos fortes da nevasca do Black Metal, tudo com a cor amarga do pincel do absurdo. Uma explosão de criatividade resultou em DOIS novos álbuns, a serem lançados simultaneamente. «Anthronomicon» e «Helionomicon». (20 Buck Spin)

Sorrowful Land - «Faded Anchors Of The Past» (Ucrânia, Doom/Death Metal)

«Faded Anchors Of The Past» é o terceiro álbum de doom metal ucraniano do artista a solo Sorrowful Land. Liderados pelo multi-instrumentista Max Molodtsov, ele traz passagens sombrias repletas de temas trágicos e melodias mais melancólicas. (All Noir)

Vahrzaw - «In The Shallows Of A Starlit Lake» (Austrália, Black/Death Metal)

O quinto LP nasceu durante o reinado como reis do 'underground' australiano imundo e nojento. Uma constante no 'underground' australiano. Este trabalho mostra um retorno às raízes do Black Metal. ITSOASL é um total de 7 faixas de Black Metal cru e frio, incorporando paisagens sonoras atmosféricas. (All Noir)

Bosco Sacro - «Gem» (Itália, Ambient Doom Metal)

Inspirados por visões de sublime, conciliando a vastidão do contacto com a natureza e as paisagens, unidos por uma devoção genuína à prática da música como movimento curador e libertador, o seu estilo apresenta atmosferas oníricas, ritmos desacelerados e uma intensa intensidade sonora e espiritual profundidade. A suas raízes musicais vêm basicamente do ambiente, doom e trip-hop. (Avantgarde Music)

Ciemra - «The Tread Of Darkness» (Bielorrússia, Black Metal)

Ciemra, bielorrusso para "Darkness", é uma banda de Black Metal de Minsk que ganhou vida em 2019, quando cinco essências emergiram do Abismo para os véus da noite na véspera do fim dos tempos, a fim de colher os vivos, para satisfazer a fome das Trevas. (Avantgarde Music)

Enisum - «Forgotten Mountains» (Itália, atmospheric black metal)

Quase quatro anos depois de «Moth's Illusion», os veteranos do black metal Arpitaniano, Enisum, do norte da Itália, voltaram com um novo álbum. «Forgotten Mountains» é uma viagem pelas montanhas e pela vida, um caminho que leva o Homem ao pico mais alto, para enfrentar a sua própria existência e o seu significado. (Avantgarde Music)

Plague Bearer - «Summoning Apocalyptic Devastation» (EUA-Washington, Black/Death Metal)

Principalmente conhecido como um irmão satânico primitivo e enegrecido das lendas do death metal de Seattle. «Summoning Apocalyptic Devastation» oferece um devastador ataque vocal triplo apoiado por riffs melódicos brutais e bateria esmurrada. (Earsplit)

Air Raid - «Fatal Encounter» (Suécia, Heavy Metal)

Os AIR RAID são atualmente aclamados como um dos mais talentosos protagonistas da nova onda do heavy metal tradicional sueco. A banda foi formada pelo guitarrista Andreas Johansson. «Fatal Encounter» é o nome do novo álbum de estúdio dos AIR RAID. (High Roller Records)

Manigance - «The Shadows Ball» (France, Progressive Power Metal)

«The Shadows Ball» é o oitavo álbum da banda e o primeiro a ser cantado em inglês pela nova vocalista Carine Pinto. Compartilhando músicas poderosas com melodias que são instantaneamente memoráveis, os fãs da banda vão ouvir muitas surpresas. (Rockshots Records)

Kringa - «All Stillborn Fires Lick My Heart» (Austria, Black Metal)

Apesar de nada de novo sob o sol negro, a banda deu um passo adiante após 13 anos de existência. Este é o

melhor trabalho até hoje. Repleto de riffs maníacos, uivos e gritos, intensidade e crueldade, o álbum leva-o a lugares que nem ousou sonhar que existiam. (Ván Records)

Dream Upon Tombs - «Palaces Of Dust» (Austrália, Melodic Death/Black Metal)

Sonho sobre túmulos. Arrancado do éter por Jak Shadows. Contos de triunfo e desespero forjados em pedra e terra. Envolto em morte enegrecida, desgraça. Um pulso épico de metal depois de um sono necromântico de 2000 a 2020. Os túmulos voltaram. (All Noir)



Scars Of Atrophy - «Nations Divide» (EUA-Arizona, Thrash Metal)

Próprias palavras da banda: Nós abordamos este EP tanto como artistas quanto como público. Nós amamos o gênero thrash metal e não há nada melhor do que assistir a um enorme mosh pit. Estas são as emoções que ditam a direção da música. (Independente)

Uranium - «Debut Album» (EUA, black industrial/power Electronics)

A arma industrial negra americana Uranium, finalmente emergiu das profundezas do esquecimento com o seu álbum de estreia “An Exacting Punishment”, um álbum de cinco faixas e quarenta e cinco minutos. Pesadelo, radioativo, mordaz e pós-industrial. (Sentient Ruin)

Tramalizer - «Fumes Of Funeral Pyres» (Finlândia, Death Metal)

“Fumes Of Funeral Pyres” - o álbum de estreia do quarteto finlandês de Death Metal TRAMALIZER! Se quer um metal da velha escola que seja algo mais do que blastbeat após blastbeat e os vocais mais do que um rosnado enlameado, TRAMALIZER é o veneno certo! (Soulseller Records)

Tulus - «Fandens Kall» (Noruega, Black Metal)

O novo álbum dos pilares do Black Metal norueguês TULUS! “Fandens Kall”, o sétimo LP da banda, captura três décadas do verdadeiro TULUS e mostra o seu verdadeiro espírito: agressivo, atmosférico, groovy e honesto. Diversificado e atemporal. (Soulseller Records)

Oceanhoarse - «Heads Will Roll» (Finlândia, Heavy/Groove Metal/Hard Rock)

“Heads Will Roll” é o segundo álbum da banda de heavy metal finlandesa Oceanhoarse. Este álbum continua onde o seu antecessor parou e ainda vai um passo além! “Heads Will Roll” está repleto de riffs esmagadores, harmonias vocais e arranjos de alta tensão. (All Noir)

Ontborg - «Following The Steps Of Damnation» (Itália, Melodic Death Metal)

Depois da sua estreia, em “Following The Steps Of Damnation”, a banda mais uma vez refina a combinação entre melodias, guitarras HM2 agressivas e influências de black metal, unindo elementos de estilo diferentes, mas característicos a algo excitante, algo novo. (All Noir)

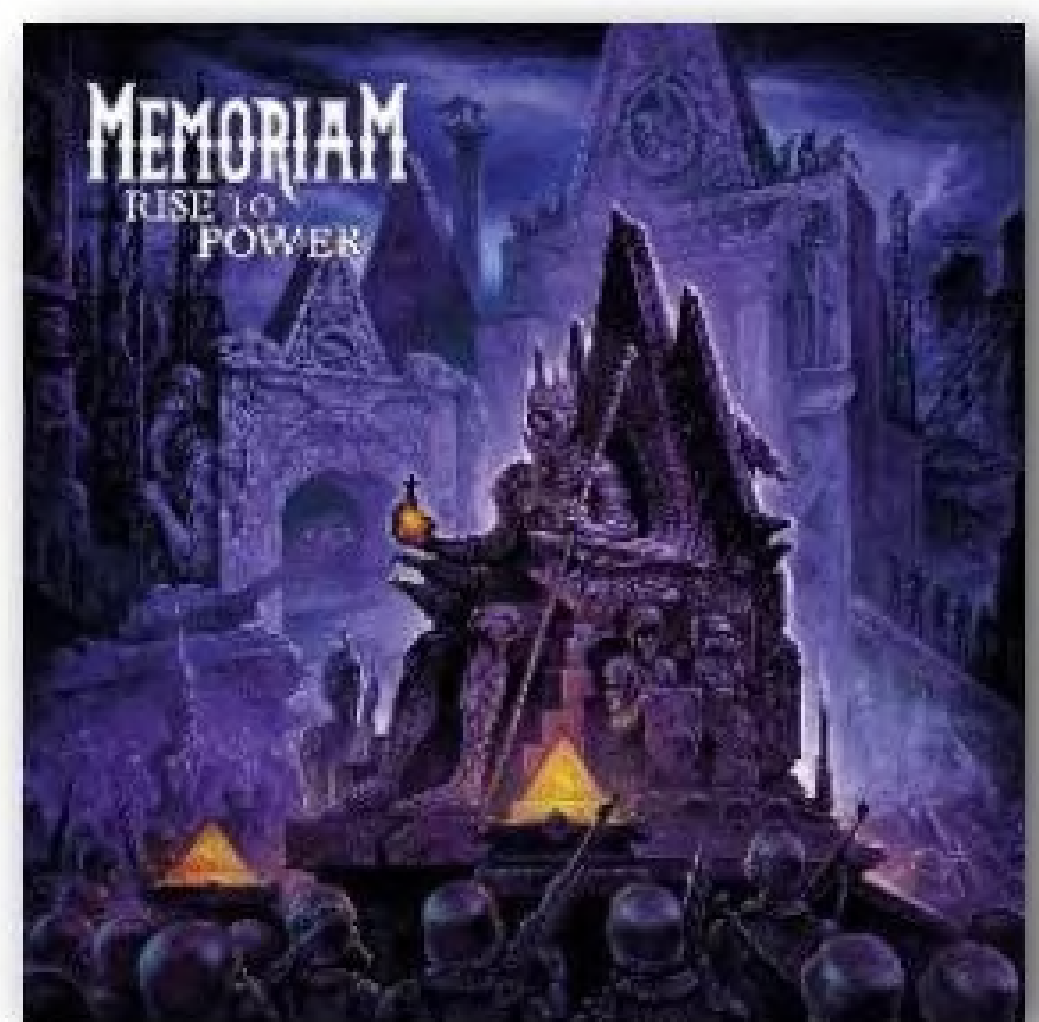


Häxanu - «Totenpass» (EUA-, Black Metal)

Apesar da sua novidade, a dupla incluía o multi-instrumentista extremamente prolífico Alex Poole e o vocalista LC dos Lichmagick. De facto, o disco traz o toque distinto de Poole, uma onda de observação de estrelas que era partes igual de histeria violenta e misticismo cintilante: inegavelmente black metal, mas também subtilmente único. (Amor Fati)

Verminous Serpent - «The Malign Covenant» (Irlanda, Black Metal)

VERMINOUS SERPENT é um espaço distante removido dos seus passados e presentes. Intitulado, «The Malign Covenant» é o primeiro trabalho dos VERMINOUS SERPENT: um álbum de cinco canções que transborda as antigas energias do black metal. (Amor Fati)



Memoriam - «Rise To Power» (Inglaterra, Old School Death Metal)

MEMORIAM dispensa apresentações - eles são lendas vivas do Old School Death Metal. Não apenas porque os antigos campos de atividade dos britânicos pertenciam e ainda pertencem aos pioneiros do Death Metal britânico, mas porque eles conseguiram seguir o seu plano mestre com mais precisão, desenvolvendo uma identidade musical própria. (Reaper Entertainment)

Cora'S Heart - «Anima» (México, Post-Black Metal)

Cora's Heart é um projeto a solo da talentosa artista mexicana Victoria Hazemaze. O novo álbum "Anima" explora diversos sentimentos que todos nós experimentamos nas nossas vidas. Momentos que nem imaginávamos vivenciar, até que se revelam na dualidade entre euforia e tristeza. Como diz o nome do álbum "Anima" em latim significa alma. Isso é música para a alma. (Avantgarde Music)

Falaise - «After All This Time» (Itália, Atmospheric Post-Black Metal)

A dupla italiana de pós-black metal Falaise continua a explorar sentimentos introvertidos de isolamento e solidão, conduzidos por ondas de black metal furioso e melodias sonhadoras dedicadas aos maiores iluminares do pós-rock e do blackgaze. (Avantgarde Music)

Great Cold Emptiness - «Immaculate» (EUA-Maine, Atmospheric Black/Funeral Doom Metal)

«Immaculate Hearts Will Triumph» é o terceiro álbum da banda Atmospheric/Post-Black Metal Great Cold Emptiness. É também a parte final da trilogia «The Becoming of a Man». Este é um álbum sobre perdão e companheirismo entre amigos. (Avantgarde Music)



Brïi - «Sem Propósito» (Brasil, Atmospheric Black Metal)

Brïi é obra de Caio Lemos, também do excelente projeto Kaatayra. «Sem Propósito» abrange duas faixas. Ritmos de sequência eletrônica Trance/Techno hipnotizantes, pulsantes e aveludados e um Black Metal melódico intensamente psicadélico e fluorescente. (Avantgarde Music)

OWL - «Geomancy» (EUA-Califórnia, Heavy/Stoner/Doom Metal)

A banda californiana de metal progressivo psicadélico OWL lança o seu terceiro álbum, «Geomancy». OWL foi forjado em 2007 nos infernos do protometal, harmonias gêmeas e destruição. Um verdadeiro prog metal épico! (Earsplit)

Knogjärn - «Mera Bedövning» (Suécia, Hard Rock)

Knogjärn lança aqui o seu terceiro e mais contundente álbum até ao momento. Empunhado em azar, punk, hardcore e pesado, com uma laje de metal e uma pitada de rap, este quarteto bem-vestido veio para causar estragos na letargia de dificuldades eternas. (Indie Recordings)

Dark Embrace - «Dark Heavy Metal» (Espanha, Symphonic/Melodic Death Metal)

Não há dúvida de que «Dark Heavy Metal» é o título perfeito para o novo álbum dos DARK EMBRACE. Este é mais do que um nome, é a descrição perfeita do seu próprio estilo musical. Um manifesto do metal, agressivo, melódico, triunfante e grandes sinfonias. (Massacre Records)

Dismined - «The Vision» (Alemanha, Death/Thrash Metal)

Dos abismos da alma! Fundada em fevereiro de 2009, Dismined soube com relativa rapidez a direção a seguir musicalmente: melodias dramáticas, hard grooves e partes rápidas de thrash com letras profundas e sem adornos, dos abismos mais profundos da alma: desespero, medo e violência. Os melhores ingredientes para um death metal sólido com um toque old school decente! (MDD Records)

Satanika - «Horde Of Disgust» (Itália, Thrash/Death/Black Metal)

O mal voltou... mais agressão... mais mórbido... Mais o mal é mais sombrio do que nunca... Mas cabeças vão bater nessa nova ameaça do thrash/black metal da encarnação italiana chamado SATANIKA! Desta vez, é diabólico... desta vez rasga o metal do mal... (Osmose Productions)

Aksel Røeds Other Aspects - «Do You Dream In Colours» (Noruega, Jazz)

Um dos jovens nomes mais interessantes da cena do jazz norueguês e de Bergen é o saxofonista Aksel Røed. Com Other Aspects, ele montou um conjunto de 8 peças dos seus amigos de diferentes bandas, inspirando-se nas antigas gravações de saxofone de Ornette Coleman, Albert Ayler e Pharoah Sanders, mas também na mente compositora de Django Bates e a Orquestra da Libertação. (Is it Jazz? Records)

Condenados - «El Camino De La Serpiente» (Chile, Doom Rock)

CONDENADOS é uma mistura incendiária de Heavy Rock dos anos 70 e Proto Heavy Metal que gera intensas emoções. Os dois primeiros discos transitam por caminhos épicos e envolventes, enquanto este novíssimo

álbum «El Camino de la Serpiente» a banda dá as boas-vindas a uma nova configuração de Duo e um som refrescante de heavy rock cantado em espanhol. (Evil Confrontation Records)

Conjureth - «The Parasitic Chambers» (EUA-Califórnia, Death Metal)

CONJURETH regressa com um álbum que indiscutivelmente eclipsa «The Parasitic Chambers». Compreendendo que o death metal NÃO precisa mudar - ou melhor, a roda não precisa ser reinventada - mas CONJURETH gira essa roda com ainda mais força e equilíbrio do que antes, mantendo intacto o seu som central. (Memento Mori)

Embryo - «A Vivid Shade On Misery» (Itália, Melodic Death Metal/Metalcore)

O Melodic Death dos italianos Embryo está a compartilhar o primeiro vislumbre de brutalidade do seu quinto álbum «A Vivid Shade on Misery», que apresenta o recrutamento para a bateria de George Kollias (Nile) para sua gravação. (Rockshots Records)

Iron Void - «IV» (Inglaterra, Doom Metal)

Consolidando a posição dos IRON VOID como fornecedores orgulhosos e puros de doom metal, aqui está o quarto álbum apropriadamente intitulado, IV. Este novo álbum marca a chegada do “novo” baterista Scott Naylor. (Shadow Kingdom)

Lamp Of Murmuur - «Saturnian Bloodstorm» (EUA-Califórnia, Black Metal)

A entidade espectral terrena convocada como LAMP OF MURMUUR ascendeu gradualmente como um dos iluminares mais estimados e procurados dentro das entranhas mais cruas e brutas do black metal. Da abordagem lo-fi crua do início da banda aos tons góticos e melódicos dos últimos tempos, LAMP OF MURMUUR redefine-se mais uma vez com uma nova declaração fervorosa de força e vigor. (Argento / Not Kvlt)

Old Spirit - «Burning In Heaven» (EUA-Wisconsin, HardN’Heavy)

OLD SPIRIT regressa com outro novo LP, sugestivamente intitulado «Burning In Heaven». Com um título como esse, não é surpresa que Hartman vire uma página mais sombria. O álbum soa como OLD SPIRIT - heavy metal clássico incendiado com o olhar fractal. (Bright as Night Records)

Phantom Fire - «Eminente Lucifer Libertad» (Noruega, Speed/Black Metal)

Hard rock, hard-loaded, cheirando a ferrugem e gasóleo, PHANTOM FIRE provou que eram a sua própria banda. O primeiro LP exibiu pungentemente uma magia atemporal do HEAVY METAL, abrangendo o speed metal negro como breu e o melancólico metal épico. (Edged Circle Productions)

Poseidon - «Poseidon» (Itália, Black Metal)

A música de POSEIDON é amplamente improvisada, usando uma vasta gama de meios e instrumentos não ortodoxos, como mellotron, rádio de tubo e vários tambores folclóricos. A música de Poseidon move-se como ondas, vagueia e flui sem esforço, misturando sob as correntes subaquáticas uma mistura única de Acoustic Black Metal, Folk Music, Psychedelic Rock e Avantgarde. (Brucia Records)



The Wring - «Spectra» (Canadá, Progressive Metal)

Os canadianos The Wring lançam um terceiro álbum, que é uma oferta expansiva de metal progressivo que dá muita atenção a diferentes estilos, tornando-o diverso o suficiente para metaleiros de todos os tipos. (Worm Hole Death)

Rigor Sardonicous - «Praeparet Bellum» (EUA-New York, Funeral Doom/Death Metal)

Verdadeiros fornecedores de tormento auditivo, RIGOR SARDONICOUS é uma das bandas mais cultas do ‘underground’ death metal americano. RIGOR SARDONICOUS soa mais único do que nunca em «Praeparet Bellum»: doom-death e funeral doom. (Memento Mori)

These Beasts - «Cares Wills, Wants» (EUA-Illinois, Stoner/Sludge Metal)

O trio de sludgy noise rock criaram o seu álbum de estreia, «Cares, Wills, Wants». Uma enxurrada de emoções poderosas e sombrias que inevitavelmente encontram o seu caminho na letra e na música. «Cares, Wills, Wants» é uma montanha-russa emocional disfarçada de um álbum de rock ruidoso. Deixe este disco rugir! (Prophecy Productions)

Eisenkult - «Vulgäre, Deutsche Hassmusik» (Alemanha, Black Metal)

Marcando enquanto o ferro está em brasa, EISENKULT lança o quarto LP em tantos anos, «Vulgäre, deutsche Hassmusik». Enquanto o álbum anterior elevou o lado folclórico do seu classicismo de segunda onda, EISENKULT aprimorou ainda mais esse lado com o seu hooliganismo latente instantaneamente cativante, mas ainda um elemento trágico percorrendo a sua onda medieval. (Purity Through Fire)

Solus Grief - «With A Last Exhale» (Noruega, Atmospheric Black Metal)

Um recém-chegado vindo da Noruega, SOLUS GRIEF é o trabalho de um Peregrinus, que lida com todos os instrumentos, vocais e mistura e masterização. E onde tantas “bandas de black metal de um homem só” soam tanto (ou pior), SOLUS GRIEF resiste a essa tendência com um som justamente robusto e estilo de execução totalmente atual. (Purity Through Fire)

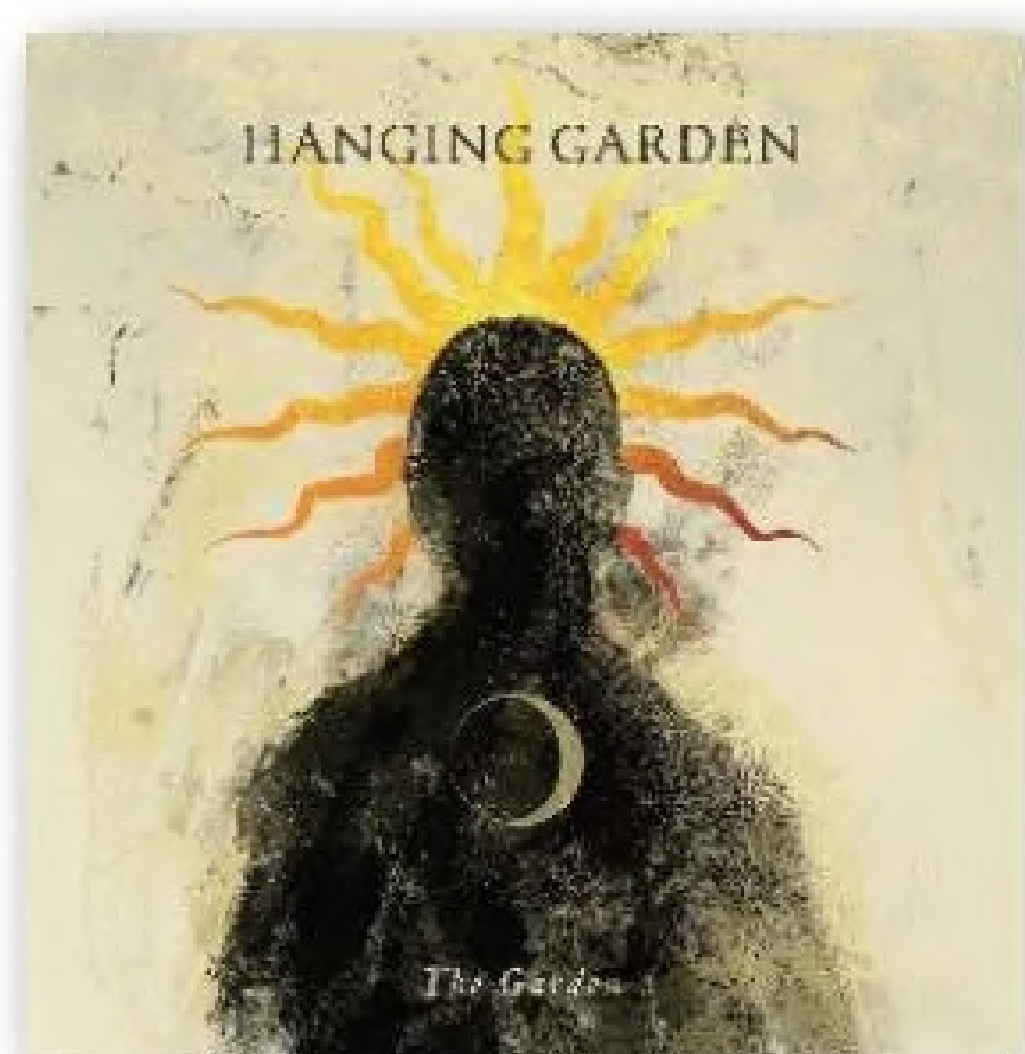


Arsgoatia - «Hiding Amongst Humans» (Austria, Black Metal)

Os agentes psicadélicos perseguidos por ArsGoatia podem ter acreditado subliminarmente que encaravam o diabo. Mas o Diabo vive no espelho e continua escondido entre os humanos. ArsGoatia celebra o metal dourado e sagrado da morte, aproximando-se rapidamente com sede de sangue, anticlericalismo, perversão, violência furiosa e crueldade! (Ván Records)

Kommand - «Death Age» (EUA-Califórnia, Death Metal)

“Death Age” mantém a militância selvagem armada até os dentes do material anterior dos KOMMAND de LA, agora levado ainda mais longe em território inimigo com uma brutalidade terrível e devastada pela guerra mais do que nunca. «Death Age», torna-se num epitáfio terminal na sangrenta pilha de lixo da história do futuro próximo. (20 Buck Spin)



Hanging Garden - «The Garden» (Finlândia, Melodic Doom/Death/Gothic Metal)

“The Garden” é o oitavo álbum de estúdio dos HANGING GARDEN formados em 2004 como um projeto orientado para o doom. Duas décadas e sete álbuns depois, a banda mudou para um som mais contemporâneo, cercado por um véu de melancolia. As composições são mais sombrias, atmosféricas e emocionais, e concomitantemente inclinam-se para uma musicalidade de mente aberta. (Agonia Records)

Woewarden - «In The Art Of My Caged Existence» (Austrália, Atmospheric/Depressive Black Metal)

Com o seu terceiro LP, a banda deixou uma impressão duradoura na cena, levando os ouvintes numa jornada sombria e hipnótica directo para as profundezas do ser humano. Com nove faixas de black metal atmosférico e depressivo, «In The Art Of My Caged Existence» tornou-se um trabalho imponente cheio de raiva e beleza, atmosferas assustadoras e sentimentos tristes. (All Noir)



Witch Ripper - «The Flight After The Fall» (EUA-Washington, Stoner/Sludge Metal)

Obsessão e loucura. A angústia do fracasso. Esperança e perda. O vazio cósmico esmagador. A intensidade dramática do metal é um ajuste natural para narrativas imersivas e multissensoriais, no ambicioso e explosivo «The Flight After the Fall». (All Noir)

Bræ - «Av Vålnader Bortom Allt» (Escandinávia, Atmospheric Black Metal/Ambient)

Dois anos atrás, uma entidade misteriosa chamada BRÆ irrompeu do vazio. O black metal exibido ao longo do álbum - cru, ambiente, áspero e autenticamente old school - provou ser um retrocesso aos patamares nunca alcançados dos anos 90. Dois indivíduos incrivelmente prolíficos do mais profundo black metal ‘underground’ assinam este projecto: Swartadaupuz e Déhà. (Amor Fati)

Anarkhon - «Obiasot Dwybat Ptnotun» (Brasil, Death Metal)

Embora permeado de decadência, este não é um Death Metal puramente old school. Há uma inclinação para o futuro nas melodias sublimadas e distorcidas que muitas vezes contêm ecos do Black Metal angular contemporâneo. (Debemur Morti Productions)

Gorod - «The Orb» (França, Progressive/Technical Death Metal)

Golias do death metal técnico GOROD lança o seu tão esperado sétimo álbum, «The Orb». O quinteto abre-se para horizontes novos e mais acessíveis. Com um groove único misturado com melodias e harmonias ricas inspiradas no jazz, funk e rock dos anos 70, na sua abordagem progressiva e sofisticada ao seu som que lhe confere uma identidade única. (Earsplit)

Rezn - «Solace» (EUA-Illinois, Psychedelic Doom/Stoner Metal)

A música produzida pelo quarteto REZN consegue transmitir uma massa esmagadora e leveza cósmica. A semente para os megatons de riffs e jornadas psicadélicas da banda foi plantada quando o guitarrista e o baixista começaram a tocar juntos aos doze anos, imediatamente se tornou uma faceta chave do seu som. (Earsplit)

Spirit Possession - «Of The Sign...» (EUA-Oregon, Black Metal)

Afiando armas ortodoxas, SPIRIT POSSESSION revela no seu segundo álbum «Of The Sign...», seis hinos esquizofrênicos, em espiral e perturbados de black heavy metal de um tempo perdido. Uma cacofonia violenta de vocais cavernosos carregados de insanidade, trinado da guitarra labiríntica, da brutalidade de bateria escaldante e das erupções analógicas de ruído áspero. (Earsplit)



Gatekeeper - «From Western Shores» (Canadá, Epic Heavy/Doom Metal)

O primeiro álbum completo em cinco anos dos heróis do metal melódico canadianos GATEKEEPER! Eles regressam com «From Western Shores», uma jornada cativante de oito canções que redefinem o heavy metal épico e melódico! As partes de heavy metal são mais heavy metal; as partes épicas são mais épicas e as partes tristes são profundamente “tristes”. (Cruz del Sur Music)

Pil and Blue - «Special Agents» (Noruega, Hard Rock)

Cru, energético, atmosférico e habitacional; Pil & Bue preenche todos os requisitos com o seu novo álbum «Special Agents», dedicado aos “heróis do quotidiano” da nossa sociedade. É pesado, punk, dinâmico, lindo, melancólico e experimental! (Indie Recordings)

Haliphron - «Prey» (Países Baixos, Symphonic Death Metal)

A banda holandesa HALIPHRON foi formada em 2021 com ex-membros ativos de Izegrim, God Dethroned e Bleeding Gods. Este requintado caldeirão de músicos tocou e excursionou juntos na construção de uma sólida amizade com a mesma paixão e dedicação. O conceito musical principal era criar um som de metal extremo bombástico e poderoso, pouco frequente no país natal da banda. (Listenable Records)

Thron - «Dust» (Alemanha, Blackened Death Metal)

Com «Dust», THRON incorpora novos elementos no seu som, voltando às raízes que se encontram no início dos anos 80 e inspirando-se nos anos 90. Isso combinado com uma dedicação séria aos gloriosos dinossauros do Rock Progressivo dos anos 70 e o amor pelas artes musicais extremas sombrias com fúria explosiva e vocais agressivos, e você consegue... Dust! . Tudo vai virar pó um dia... (Listenable Records)

Kardinal Sin - «S.A.L.I.G.I.A» (Suécia, Melodic Power Metal)

Prepare-se para uma jornada apocalíptica! “S.A.L.I.G.I.A” oferece canções mais complexas, bem como letras mais sombrias sobre a situação mundial. Este álbum traz canções e arranjos mais elaborados, numa viagem musical pela história da Idade Média até o hoje. (Massacre Records)



Asphagor - «Pyrogenesis» (Austria, Black Metal)

O coletivo de black metal tirolês Asphagor faz um regresso impressionante! O quinteto apresenta o seu quarto álbum de estúdio, oferecendo o que há de melhor no black e death metal mais sofisticado. Vão deixá-lo sem fôlego! (MDD Records)

Diablation - «Par Le Feu» (França, Symphonic Black Metal)

Veteranos do black metal francês Vicomte Vampyr Arkames e V. Orias. A, após terem criado e queimado as suas almas com Seth e Ad Inferna, lançam o segundo álbum dos DIABLATION, «Par le Feu». Sem concessões, esta obra é uma verdadeira ode à morte da humanidade, o relato catalítico das suas últimas horas levado por uma onda metálica que homenageia as suas raízes black metal. (Osmose Productions)



The Evil - «Seven Acts To Apocalypse» (Brasil, Doom/Stoner Metal)

A batalha pelas almas daqueles que habitam este 'habitat' moribundo conhecido como Planeta Terra foi vencida pelo mal... Um planeta dominado por seus parasitas, conhecidos como homos sapiens; Um planeta caminhando para a destruição final... (Osmose Productions)

As Light Dies - «The Laniakea Architecture, Volume II» (Espanha, Death/Black/Doom/Gothic Metal)

Quase dez anos depois do seu impressionante terceiro álbum «The Love Album, Volume I», a armada espanhola de black metal As Light Dies, regressa com o seu álbum mais complexo e multifacetado de toda a sua carreira, «The Laniakea Architecture , Tomo II». Um compêndio excepcionalmente ornamentado de géneros de metal extremo, entrelaçados com canções longas e dinâmicas. (Darkwoods)

Carma - «Ossadas» (Portugal, Black/Funeral Doom Metal)

A morte, os mortos e os moribundos... Vindos de Portugal, os CARMA fizeram a sua estreia repentina em 2015 com o álbum autointitulado «Carma». Uma mistura única de funeral doom, black metal e dark ambient, Carma encontrou o trio hipnotizando daqueles que ousaram entrar nas profundezas da sua estreia. (Monumental Rex)

God Disease - «Apocalyptic Doom» (Finlândia, Death/Doom Metal)

Para o terceiro lançamento, o som dos God Disease muda lentamente para uma abordagem de death/doom. Agora, colocam-nos entre os artistas 'underground' mais bem-sucedidos à deriva nas margens do doom metal autêntico, puro, pesado e esmagador. (Gruesome Records)

Ocean Of Grief - «Pale Existence» (Grécia, Melodic Doom/Death Metal)

Vindo da Grécia, OCEAN OF GRIEF remonta a 2016, quando o seu primeiro empreendimento musical, o EP «Fortress of My Dark Self», viu a luz do dia. Doom/death melódico não precisa ser mais o que já é quando é tão poderoso e comovente. Sem exageros, em «Pale Existence», OCEAN OF GRIEF entregou um dos melhores discos do subgénero do ano. (Personal Records)

Pé Roto - «Tormento» (Portugal, Stoner/Doom Metal)

RUÍNA!! RUÍNA!! RUÍNA!! 6 faixas do melhor Sludge/Doom de Portugal!! De Braga, os Pé Roto trazem uma atitude desagradável conhecida da sua cidade natal, misturada com o seu próprio sentimento Doom! Sim, relaxe e aproveite este pedaço de horror e conheça o subterrâneo que mantém esses tipos vivos! (Doomed Records)

Shores Of Null - «The Loss Of Beauty» (Itália, Melodic Black/Doom Metal)

Shores of Null destaca-se de seus contemporâneos com a sua capacidade de misturar elementos aparentemente díspares no seu som. Agressividade negra fica ao lado de secções de doom gótico sem soar fora do lugar. (Spikerot Records)

Thysia - «Islands In Cosmic Darkness» (Costa Rica, Black Metal)

Assim como THYSIA é apropriadamente apelidado, também, Islands in Cosmic Darkness é verdadeiramente intitulado. O seu black metal está profundamente enraizado nos antigos, mas não apenas um corredor dessa rica tradição. THYSIA soa surpreendentemente ANTIGO - não simplesmente "velho" como o black metal dos anos 90, mas velho como a própria terra. (Chaos Records)

Excalion - «Once Upon A Time» (Finlândia, Power Metal)

Pura classe finlandesa de power metal. Excalion distribuiu regularmente algum power metal melódico impecável com um ângulo progressivo. Cada música do novo álbum é uma obra-prima diferente do seu tipo, meticulosamente trabalhada e muito bem refinada em cada detalhe. A voz extraordinária de Marcus Lång é um clássico moderno e maduro do power metal. (Scarlet Records)

Aphotic - «Abyss Gazer» (Itália, Post-Death/Doom Metal)

Dark, imponente, colossal atmosférico death-doom metal para desintegrar o tecido da percepção, da realidade e do próprio tempo, e para a banda sonora da última visão e último suspiro do universo. Um abismo cósmico nebuloso e agitado que evoca a destruição de mundos por meio de uma síntese sónica magistral. Um álbum de estreia de death metal de vanguarda. (Sentient Ruin)

Decipher - «Arcane Paths To Resurrection» (Grécia, Black/Death Metal)

A banda grega de black metal Decipher lançou um álbum que mostra a sua visão de aço e tendência para escrever músicas soberbamente estruturadas, ao mesmo tempo, corajosas e dinâmicas. O álbum não lhe dá muito tempo para pensar nas coisas, pois continua a lançar um riff mortal após o outro enquanto você é forçado a lutar na tentativa de compreendê-los completamente. (Transcending Obscurity Records)

Old Forest - «Sutwyke» (Inglaterra, Black Metal)

A banda britânica de Cult Black Metal OLD FOREST regressa com o seu 7º álbum intitulado «Sutwyke». A música é rica em folk horror e estilisticamente firmemente enraizada na era de ouro do Black Metal do início a meados dos anos 90. (Soulseller Records)

Vredensdal - «Sonic Devotion To Darkness» (EUA-Wisconsin, Black Metal)

VREDENSDAL, fundada em 2018 por The Goblin Reaper com a intenção de alterar as expectativas típicas do que o Black Metal pode ser, integrando múltiplas influências numa única força dinâmica para chamar o desejo primordial dentro de todos de olhar mais profundamente na nossa própria sombra interior. Apelidada “NWOUSBM”, a música apresenta estilos tanto familiares quanto desconhecidos, que tecem uma tapeçaria de homenagens aos mestres do passado e exploram novas abordagens do gênero. (Soulseller Records)

Lurk - «Aegis» (Finlândia, Death/Doom/Sludge Metal)

A banda finlandesa Lurk regressa com a sua marca única de sludge/doom lento, sonhador, imprevisível e vil para confundir e encantar os ouvintes novamente. A qualidade enganosamente cativante da música foi aprimorada. A banda mantém esse som singular ao longo do álbum e ainda consegue dar a cada uma das sete músicas uma identidade própria. (Transcending Obscurity Records)



Demonstealer - «The Propaganda Machine» (Índia, Death/Black/Thrash Metal)

O quarto álbum do veterano do metal baseado em Mumbai, na Índia, chama-se «The Propaganda Machine» e é acompanhado por um conjunto de elite de alguns dos melhores músicos do metal. O álbum tem 8 faixas implacavelmente repletas de brutalidade enquanto tentam permanecer melódicos. (All Noir)

Fatal Embrace - «Manifestum Infernalis» (Suécia, Melodic Death Metal)

Os veteranos suecos do blackened death metal Fatal Embrace lançam o seu novo álbum «Manifestum Infernalis», o primeiro novo trabalho da banda desde 1997. Muitos anos se passaram, mas isso não muda nada Fatal Embrace. (All Noir)

Voidscape - «Odyssey Of Spite» (EUA-New Jersey, Melodic Death Metal)

VOIDSCAPE oferece uma variedade de death metal melódico que é catchy, mas contundente. Eles agora apresentam o seu primeiro EP, «Odyssey Of Spite». VOIDSCAPE administra pistas agrídoces, riffs monstruosos e versos de desespero humano infligidos por uivos viscosos. Cada composição é uma jornada melancólica repleta de introspecção e peso. (Earsplit)

Artch - «Another Return» (Noruega, Heavy/Power Metal)

Julgando apenas pela força desse esforço, a banda deveria ter explodido no seu país! Isso é Heavy/Power metal com um pouco de lixo jogado em boa medida e com um nível de agressão acutilante. «Another Return» é um álbum clássico, influenciado pelo metal, riffs memoráveis e uma boa batida de bateria com um ocasional preenchimento de baixo. (Hammerheart Records)

Nattehimmel - «Mourningstar» (Noruega, Black Metal)

Os ex-membros do In the Woods... apresentam o épico black metal norueguês para levá-lo ao céu noturno! O suficiente para reverenciá-lo? No contexto das 8 músicas de “Mournigstar”, esta nova união tornando-se muito criativa em moldar o seu Black Metal com uma variedade de elementos. (Hammerheart Records)

Discreation - «Iron Times» (Alemanha, Death Metal)

Com «Iron Times», o DISCREATION lança o seu álbum mais sombrio até agora. Ataques explosivos, sulcos de tanque, melodias sombrias e determinação sombria marcam a própria variante do death metal alemão dos DISCREATION. (Massacre Records)

Heathen Foray - «Oathbreaker» (Austria, Melodic Death Metal)

HEATHEN FORAY começou a sua jornada com a ambição de misturar o peso do death metal com melodias alegres e catchy. Esta mistura autêntica, temperada com elementos de música folk e os riffs de dividir o crânio. HEATHEN FORAY fez uma declaração clara de que o seu parentesco com os costumes pagãos é uma interpretação moderna deles. (Massacre Records)

Phlebotomized - «Clouds Of Confusion» (Países Baixos, Avant-garde Death/Doom Metal)

Lendas holandesas do death metal progressivo Phlebotomized, no auge da sua carreira de 30 anos! Eles estão entre as mais antigas bandas de Death Metal da Holanda e uma das primeiras a utilizar violino e sintetizadores no metal extremo. O seu típico “Death Metal with a twist” causou um rebuliço na florescente cena do metal holandês no início dos anos 90. «Clouds of Confusion» é para um verdadeiro fã de Death Metal da velha escola. (Hammerheart Records)

Death Reich - «Disharmony» (Suécia, Death Metal)

A banda lança o seu 1.º LP, «Disharmony». A introdução primitiva evolui para um verso progressivo que se transforma num refrão agressivo. A banda tocou o death metal americano, mas mudou de direção para um Death metal mais rápido, direto e brutal. (Non Serviam Records)

Omnicidal - «The Omnicidalist» (Suécia, Death Metal)

OMNICIDAL pretendem manifestar a melhor mistura do velho e pútrido som da motosserra sueca com o som ligeiramente mais melódico da área de Gotemburgo. (Non Serviam Records)

Heretic Cult Redeemer - «Flagellum Universalis» (Grécia, Black Metal)

HERETIC CULT REDEEMER concluiu o seu terceiro álbum, «Flagellum Universalis». Com quase uma hora de duração, o álbum é literalmente ENORME e também cerimonial, invocando uma nova era, bem como o revigoramento do black metal ortodoxo/religioso. (Ill Damnation)



Worhs - «Les Masques Sont Tombées» (França, Black Metal)

Criada há 10 anos, a poderosa dupla Worhs voltou com um 9.º álbum! Mais agressivo, mais experimental, mais complexo do que nunca, «Les masques sont tombes» é de longe o seu álbum mais completo, com uma produção limpa e moderna. (Independente)

Botanist - «VIII - Selenotrope» (EUA-Califórnia, Experimental Post-Black Metal)

Apenas algumas bandas de metal originais surgem a cada década da massa de bandas que são estilisticamente fáceis de rotular. BOTANIST é, tanto em aspectos musicais quanto líricos, uma daquelas bandas únicas. O décimo primeiro LP da banda, «VIII: Selenotrope» é fiel às raízes da banda no black metal, brilhando através da densa folhagem, criação extensa, dispersa e florescente. (Prophecy Productions)

Oceanlord - «Kingdom Cold» (Austrália, Stoner Gloom Rock)

Contemplar! Ouça! Das profundezas escuras dos oceanos do sul, o trio doom australiano OCEANLORD, que conjurou um monstro sobrenatural personificado em álbum com o seu primeiro tentáculo «Kingdom Cold». Músicas que variam de muito lentas a intermediárias com explosões ocasionais de energia. OCEANLORD exhibe traços das escolas de pensamento americana, britânica e sueca com os vocais limpos ligeiramente inclinados para o último. (Prophecy Productions)

Dawn Ray'd - «To Know The Light» (Inglaterra, Black Metal)

DAWN RAY'D regressa com «To Know The Light», revigorada de si e apresentando uma imaginação do que exatamente o black metal é e pode ser no futuro. To Know The Light é um afastamento das suas missivas anteriores em mais de uma maneira. (Prosthetic Records)

Suotana - «Ounas I» (Finlândia, Melodic Black/Death Metal)

Os finlandeses de metal Suotana emergiram direto do gelo com um novo álbum “Ounas I”. O álbum apresenta ‘nuances’ enquanto permanece firmemente plantado em sons familiares como death metal melódico, black metal melódico e uma pitada de power metal. (Reaper Entertainment)

Wasteland Clan - «The End Of Time» (Alemanha, Post-apocalyptic Metal)

Tudo o que resta após o apocalipse é combinado neste álbum: ódio e medo, mas também esperança, tambores brutais e arrebatadores e coros encantadores, histórias de morte e orientação para os perdidos e incrédulos. (All Noir)

Red Rum - «Book Of Legends» (Inglaterra, Folk Metal)

«Book of Legends» é o lançamento mais aventureiro até hoje, cheio de melodias cativantes, canções de esmagar a espinha e riffs de metal pirata inegavelmente estridentes! Este álbum coloca a abordagem neoclássica da banda sobre o metal pirata a novos patamares, com as habilidades de composição amadurecidas. (Trollzorn)



Ulvedharr - «Inferno XXXIII» (Itália, Death/Thrash Metal)

Death metal, to hell and back «Inferno XXXIII» é uma viagem de pesadelo mediante 10 canções de death metal infundidas com influências habilidosas de black e thrash. O novo álbum dos Ulvedharr é um compêndio sonoro e lírico de violência, loucura, desespero e sede de vingança: um retrato distópico dos tempos atuais e uma visão muito sombria do futuro da humanidade. (Scarlet Records)

Gyrdleah - «Spellbinder» (Inglaterra, Black Metal)

Gyrdleah tem apodrecido na escuridão esperando para emergir do abismo da obscuridade desde o primeiro EP. Navegando pelos últimos anos de morte e a praga, o caminho dos Gyrdleah levou ao álbum de estreia «Spellbinder». (All Noir)

Vulture Industries - «Ghosts From The Past» (Noruega, Avant-garde/Progressive Metal)

Mantendo o seu som único, há uma nova direção para Vulture Industries com o seu quinto álbum. «Ghosts from the Past» foi escrito durante um longo período, e num momento de grandes mudanças tanto nas suas vidas pessoais quanto no mundo ao nosso redor. (Dark Essence Records)



Imperial Demonic - «Beneath The Crimson Eclipse» (Irlanda do Norte, Melodic Black Metal)

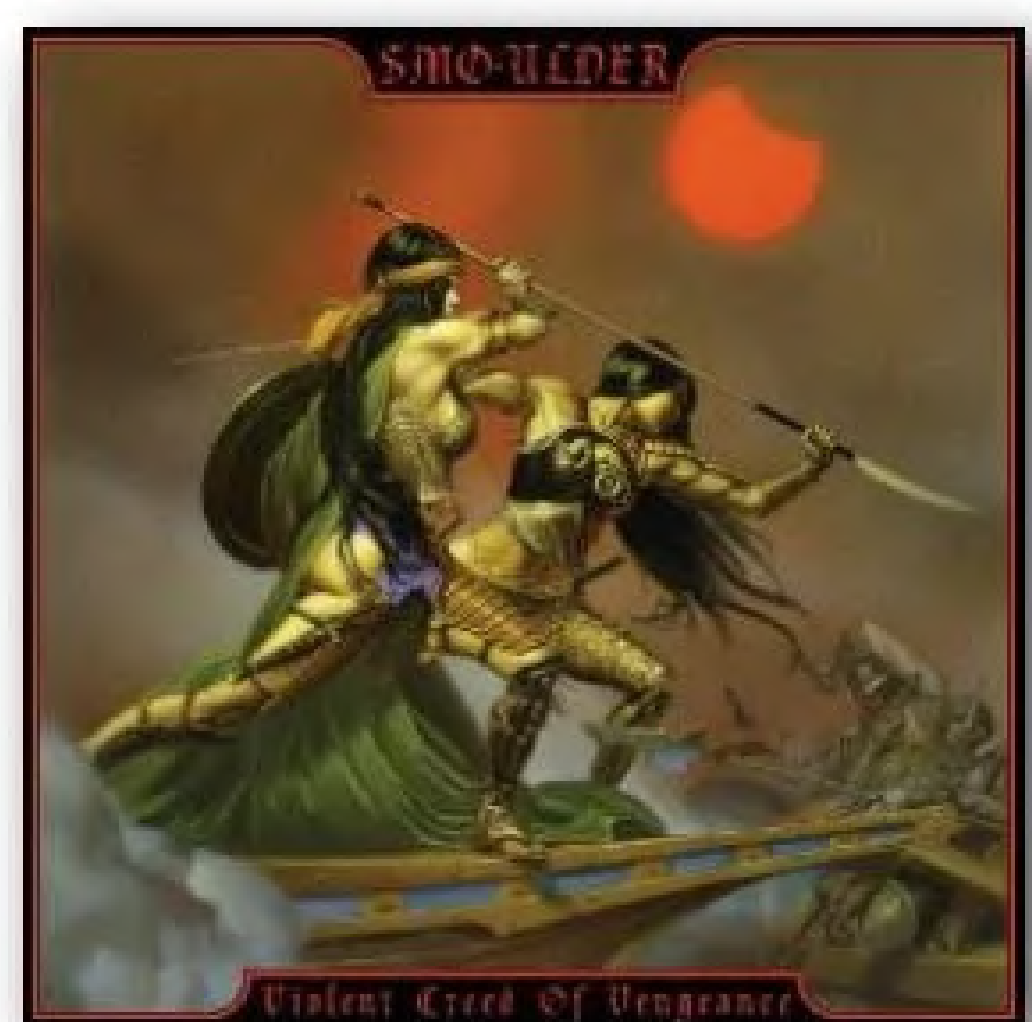
Imperial Demonic é uma banda de black metal melódico de Belfast, Irlanda do Norte, prestando homenagem ao som de black metal mais polido do final dos anos 90 e início dos anos 2000. Imperial Demonic oferece o som clássico do black metal sueco com o seu lançamento de estreia «Beneath The Crimson Eclipse». Imperial Demonic traz fogo e o enxofre à cena moderna do black metal. (All Noir)

Bacchus - «II» (França, Atmospheric Black Metal)

Os viajantes franceses do Psych-Black Metal BACCHUS apresentam o seu inebriante álbum de estreia, um sonho febril onde a grandeza misteriosa encontra a loucura cabalística oculta. Melancólico, atmosférico, impressionado e controlado, «II» é uma viagem dionisíaca para dentro e para fora no Black Metal que altera a mente. (Debemur Morti Productions)

Veriluola - «Cascades Of Crimson Cruor» (Internacional, Black/Death Metal)

Forjada nas chamas do antigo mal das bruxas, a dupla finlandesa/americana opõe-se à cena black metal contemporâneo e a sua homogeneização. Houve um tempo na história do black metal, em que cada banda era única, quando fãs e bandas não se esquivavam do heavy metal que precedeu o género, e quando fronteiras rígidas entre black metal, death metal e thrash não existiam. (Earsplit)



Smoulder - «Violent Creed Of Vengeance» (Canadá, Epic Heavy/Doom Metal)

Os novatos do metal épico SMOLDER regressam com o seu segundo álbum! Eles voltaram com «Violent Creed of Vengeance», onde as caminhadas serviram como um bálsamo para Sarah Ann em meio ao tumulto pessoal e social. (Cruz del Sur Music)

Imperishable - «Come, Sweet Death» (Suécia, Death Metal)

“Come, Sweet Death” alterna entre brutalidade e melodias sinuosas de corda única que trazem de volta à era de ouro do Death Metal sueco! Dizem que quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas. Uma lufada de ar fresco numa cena obsoleta. (Hammerheart Records)

Sammath - «Grebbeberg» (Países Baixos, Black Metal)

Sammath é uma banda de Black Metal e o próximo já é o 7º álbum, que mais uma vez mostra os horrores da Segunda Guerra Mundial, conta a história do tio-avô de Kruitwage que morreu na batalha esquecida de “Grebbeberg” em 1940. Um título adequado para um álbum que mostra Sammath no seu auge. 30 anos de experiência em composição juntam-se numa tempestade perfeita. (Hammerheart Records)

Sintage - «Paralyzing Chains» (Alemanha, Heavy Metal)

O Heavy Metal Force SINTAGE da Alemanha ataca com força com o seu álbum de estreia matador «Paralyzing Chains»! Estilisticamente não é tão fácil definir o que é o SINTAGE, pois eles apresentam uma mistura cativante de Euro Metal clássico, NWOBHM e US Metal dos anos 80. Parece que agora algum metal escandinavo clássico também foi adicionado à mistura. (High Roller Records)

Lars Fredrik Frøislie - «Fire Forteller» (Noruega, 70's Progressive Rock)

Álbum a solo de estreia de Lars Fredrik Frøislie dos Wobbler! Encaixando-se perfeitamente na tradição do rock progressivo dos anos 70, onde o teclista faz um álbum a solo entre os álbuns da banda. (Karisma Records)

Limbes - «Écluse» (França, Atmospheric Black Metal)

A causalidade de LIMBES é fornecer uma biografia verdadeira e completa, enquanto tenta relacionar depressão e com religião. «Faith» é um refúgio essencial para o artista tanto quanto um terreno fértil para muitos terrores ligados ao post-mortem. (LADLO)

Räum - «Cursed By The Crown» (Bélgica, Black Metal)

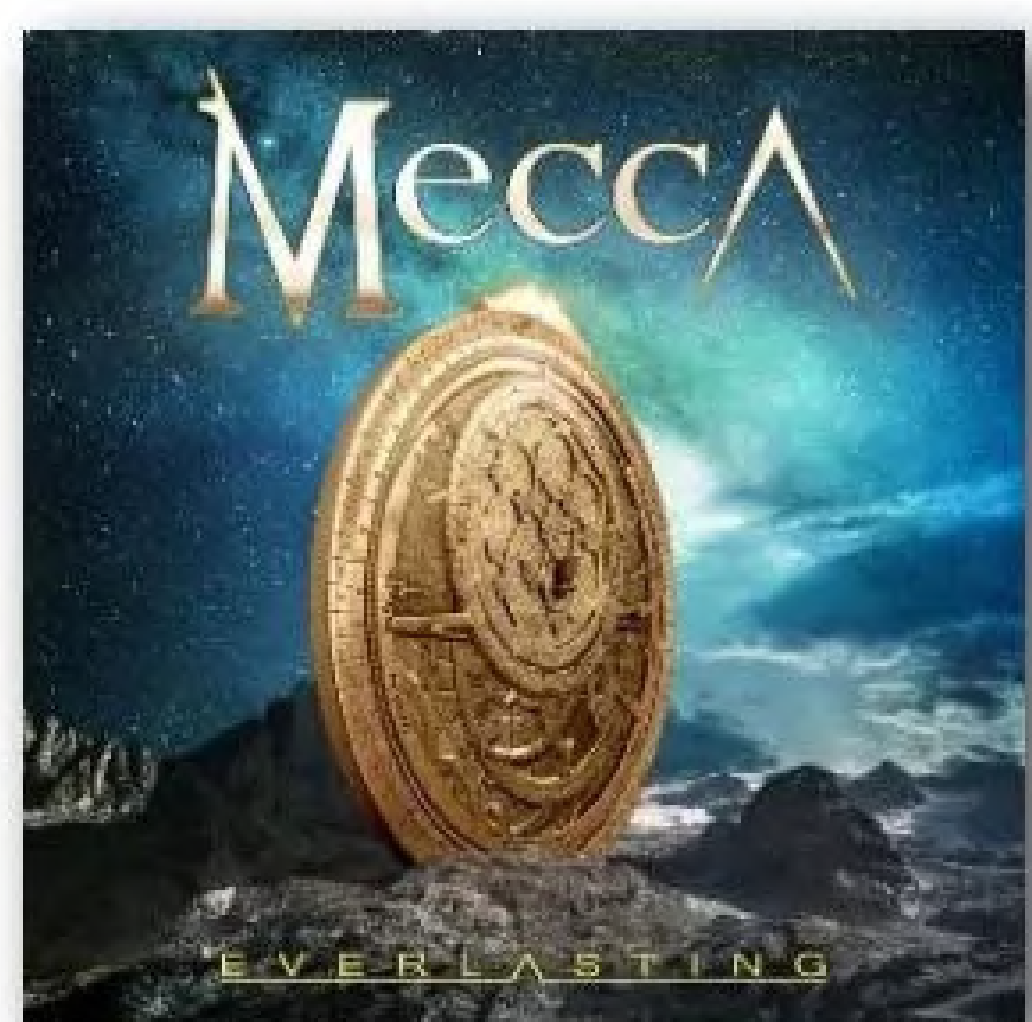
RÄUM foi fundada em 2020 em Liège – Bélgica e revelam uma vacuidade e natureza autodestrutiva da alma humana, levando a um movimento interminável de ascensão e queda. Expressando um Post Black Metal cru, a banda cria atmosferas desoladas e melancólicas por meio de ondas sonoras opressivas e caóticas. (LADLO)

Deimos Dawn - «Anthem Of The Lost» (Alemanha, Thrash Metal)

O veterano da cena, Grewe, coloca-se pela primeira vez à frente de uma banda de THRASH METAL de cunhagem pura e clássica «Anthem Of The Lost» são 12 canções com todo o alcance vocal e a mais diversificada performance vocal da sua carreira. (MDD Records)

Dystersol - «Anaemic» (Austria, Melodic Death/Folk Metal)

Os death metallers dos Dystersol, fundados em 2014 em Aflenz, na Áustria, apresentam o seu terceiro álbum com «Anaemic». Não sem razão, pois a banda consegue criar um som com composições sofisticadas que reivindicam um lugar próprio dentro do espectro musical bruto do death metal. Riffing maciço, grooves de condução, explosões marteladas e vocais entre gritos e rosnados abrem o caminho para inspirar amigos do death metal, bem como estilos de metal modernos! (MDD Records)



Mecca - «Everlasting» (EUA-Illinois, Hard FM)

«Everlasting», o novíssimo álbum de estúdio dos Mecca, clássica banda de AOR fundada pelo vocalista Joe Vana. Este trabalho mostra Vana regressando ao clássico estilo AOR pelo qual é conhecido, admirado e amado. Um tesouro sonoro de Melodic Rock/AOR. (Frontiers Music)

Ara Solis - «Ashvattha» (Espanha, Raw Black Metal)

ARA SOLIS é uma banda de black metal da Galiza. O início foi difícil de rastrear e muitas vezes evasivo, já que a banda foi formada das cinzas de outras bandas de black metal e projetos a solo. A primeira obra pública está pronta para a imersão. (Iron Bonehead Productions)

Extermination Order - «The Siege Of Ascalon» (Internacional, Death Metal)

EXTERMINATION ORDER é uma máquina multinacional de Death Metal de cinco peças da Califórnia, Islândia e Alemanha, compreendendo os melhores elementos de Bolt Thrower, Amon Amarth antigo e Edge of Sanity com um senso muito bom para composições originais! Riffing rápido e intenso, pistas brilhantes, bateria de bom gosto, letras incríveis. (War Anthem Records)

Mavorim - «Ab Amitia Pulsae» (Alemanha, Black Metal/Ambient)

E assim a batalha continua com o quarto álbum do MAVORIM, «Ab Amitia Pulsae». Embora ainda seja qualitativamente um disco de black metal, exhibe camadas hábeis de sons, particularmente a integração subtil, de teclados e outros sons de sintetizador de Baptist. (Purity Through Fire)

Saturnus - «The Storm Within» (Dinamarca, Melodic Doom/Death Metal)

O rebrantar das ondas, o açoitar da chuva gelada e a rajada implacável dos ventos, espremido entre o Mar do Norte e o Báltico, o país nórdico da Dinamarca, lar da banda SATURNUS, conhece a força às vezes até letal de

tempestades muito bem. «The Storm Within» levou muito tempo na sua criação e ao longo do caminho exigiu dolorosos sacrifícios de SATURNUS. (Prophecy Productions)

The Gifted - «Doomsday Salvation» (Suécia, Death Metal)

THE GRIFTED é um death metal sueco que se mantém fiel ao som do início dos anos 90. Dito isto e com uma vantagem de outras bandas fazendo isso, é que eles viveram e respiraram isso naquela época. (Personal Records)

Mesmur - «Chthonic» (Internacional, Funeral Doom Metal)

A banda internacional de death/funeral doom metal MESMUR lança novo álbum «Chthonic». O título do álbum é baseado na palavra grega para «submundo», «Chthonic» procura inspiração no mundo espiritual. (Solitude Productions)

Ondfodt - «Det Österbottenska Mörkret» (Finlândia, Black Metal)

ONDFØDT começou em 2013, quando os membros fundadores Owe Inborr e Mikael Kåll decidiram iniciar um novo projeto de black metal bruto. “Joel Notkonen” juntou-se à banda permanentemente como baixista e juntos moldaram as canções ao máximo. (Black Lion Records)

Sever - «At Midnight, By Torch Light» (EUA-, Symphonic Black Metal)

Um dos desenvolvimentos mais promissores do black metal americano nos últimos anos, SEVER, combina ferocidade bestial com atmosfera espectral e dinamicamente hábil. Ao mesmo tempo, primitivo e mágico, revela a amplitude mais ampla da sua visão. (Iron Bonehead Productions)

Heimland - «Forfedrenes Taarer» (Noruega, Black Metal)

Os noruegueses HEIMLAND são uma banda fora do tempo. Apesar da sua aparente “novidade, HEIMLAND remonta a tempos da era de ouro do black metal norueguês e, particularmente, das suas variantes mais pagãs. HEIMLAND mantém um som épico e suavemente áspero. Esqueça as últimas duas décadas de black metal: Aí encontrará HEIMLAND, orgulhoso e pagão. (Edged Circle Productions)

Pa Vesh En - «Martyrs» (Bielorrússia, Raw Black Metal)

A misteriosa entidade bielorrussa conhecida como PA VESH EN construiu uma discografia formidável, tudo sob a égide dos IRON BONEHEAD. Ainda incorporando enfaticamente o som do vazio total e absoluto, PA VESH EN mostrou uma violência surpreendente que apenas aprofundou o seu característico abismo de desconforto. (Iron Bonehead Productions)

Sporae Autem Yuggoth - «However It Still Moves» (Chile, Death/Doom Metal)

Os SPORAE AUTEM YUGGOTH do Chile são culturistas de um estilo old-school: death-doom metal no espírito antigo, criando as atmosferas mais sombrias e desoladas sem perder um forte senso de autenticidade e identidade. (Personal Records)

Tenhi - «Valkama» (Finlândia, Dark Neo Folk)

TENHI dificilmente poderia ter escolhido um nome de banda mais adequado. Esta antiga palavra finlandesa significa uma pessoa que é um ‘ancião’ ou ‘xamã’. TENHI são o equivalente musical como uma força liminar entre dark folk, folk rock e eletrificado de metal. (Prophecy Productions)

Sermon - «Of Golden Verse» (Inglaterra, Progressive Metal)

Um farol de luz musical incandescente em meio à névoa trépida da vida moderna, SERMON brilho, mas brevemente. Liderados pela figura sombria conhecida apenas como Ele, eles marcaram os limites entre o metal progressivo com visão de futuro e algo assim. (Prosthetic Records)

Dawn Of Ouroboros - «Velvet Incandescence» (EUA-Califórnia, Progressive Post-Black/Death Metal)

Os anos de formação do grupo blackened metal progressivo viram DAWN OF OUROBOROS solidificar a sua formação principal para um quinteto antes de lançar o seu álbum de estreia, «The Art of Morphology». Este apresentou a tendência da jovem banda para hibridar as qualidades extremas e canoras do preto progressivo e atmosférico e do death metal. (Prosthetic Records)

Serpent Of Old - «Ensemble Under The Dark Sun» (Turquia, Death/Black Metal)

Serpent of Old da Turquia combina influências de vários géneros para tocar uma forma absolutamente hipnotizante de música predominantemente death/black metal. A música transita perfeitamente de riffs

progressivos ambiciosos para partes sombrias e sombrias, até mesmo entregando-se a solos ardentes e melodias tristes que mostram a sua profundidade emocional. (Transcending Obscurity Records)

Sunrot - «The Unfailing Rope» (EUA-New Jersey, Sludge/Doom/Post-Metal)

SUNROT lança o seu primeiro álbum. «The failing Rope» compreende oito faixas de sludge e ruído. Registrado nada menos que três vezes antes de acertar o jackpot com a sua iteração final, completar a gravação foi uma batalha árdua. (Prosthetic Records)

Majesty - «Back To Attack» (Alemanha, Heavy/Power Metal)

«Back To Attack» é um álbum que faz jus ao seu título. Uma produção estrondosa com 11 músicas e uma introdução que literalmente implora para ser tocada nos grandes palcos de heavy metal do mundo. Este cobre todo o espectro da banda de uma maneira perfeita. (Reaper Entertainment)

Evermore - «In Memoriam» (Suécia, Power Metal)

É o paraíso do power metal! Evermore reescreve as regras tradicionais do power metal europeu de uma maneira extraordinária e única. Sempre adotando um tom pesado e agressivo, as melodias impressionantes de Evermore entrelaçam-se entre si. (Scarlet Records)



Tilintetgjort - «In Death I Shall Arise» (Noruega, Avant-garde Black Metal)

No seu álbum de estreia, Tilintetgjort apresenta as estranhas visões de pesadelos e pavor, loucura alquímica e mistérios. «In Death I Shall Arise» mostra uma banda feroz e apaixonada. Focada e inspirada, a música mostra muita criatividade e vontade de quebrar as barreiras do género estagnado que é o black metal actual. Embarque numa jornada pelo de um mundo amplamente delirante. (Dark Essence Records)

Nekus - «Sepulchral Divination» (Alemanha, Black/Death Metal)

Os primitivos sepulcrais enegrecidos da condenação à morte alemães/italianos Nekus surgem com o seu hediondo LP de estreia «Sepulchral Divination», mais de 50 minutos de horror sub-sónico e afinado que emana das entranhas miseráveis do abismo da existência superficial, respirando ar e precisando de luz. (Sentient Ruin)

Pestilength - «Basom Gryphos» (Espanha, Black/Doom Metal)

Trinta e seis minutos de armageddon death metal mutante para desintegrar o tecido da realidade. Por fim, a abominação alucinatória do death metal espanhol Pestilength, lança o seu segundo álbum, «Basom Gryphos» em vinil. Ao longo da suas oito músicas que obliteram sinapses, revelam um fractal infernal de death metal mudo forjado a partir da mesma antimatéria aberrante que nasceu. (Sentient Ruin)

Moon Oracle - «Ophidian Glare» (Finlândia, Black Metal)

«Ophidian Glare», a segunda exploração completa do MOON ORACLE desse campo de batalha entre o Id e o Ego, surgem as dores de parto iniciais do álbum que no seu primitivismo bárbaro será exagerado a níveis obscenos, mas onde a grande parte da selvageria anterior foi controlada (ou pelo menos refinada), resultando num som totalmente mais atmosférico. (Signal Rex)

Burial Hordes - «Ruins» (Grécia, Black Metal)

O segredo mais bem guardado da Grécia, Burial Hordes, traz uma excelente placa de death metal enegrecido que aproveita o caos e a atmosfera em partes iguais. Um álbum temível em diferentes dimensões apenas para voltar com raiva renovada. «Ruins» é um álbum lindamente equilibrado com composições intuitivas que nunca parecem abruptas. (Transcending Obscurity Records)

Óreida - «The Eternal» (Islândia, Black Metal)

Em 2016, o compositor, multi-instrumentista e único membro Thor deu origem a ÓREIDA nas paisagens cavernosas e vulcânicas do norte da Islândia. Nascido numa cena de metal vital e idiossincrática, ÓREIDA desenvolveu um som de Black Metal dinâmico e hipnoticamente épico. Vestígios de Post-punk, Shoegaze e Industrial são filtrados pelas lentes do Black Metal dos anos 90. (Debemur Morti Productions)

Diminishing - «The Unnamable» (EUA-New York, Heavy Experimental Metal)

DIMINISHING está prestes a lançar o seu álbum de estreia, «The Unnamable». DIMINISHING é um projeto tenso e emocionalmente devastador que pinta em tons de industrial, ambiente escuro, drone metal, ruído áspero e muito mais. (Earsplit)



Archon Angel - «Fallen» (Internacional, Heavy/Progressive Metal)

Depois de algumas discussões sobre a direção musical que queriam seguir, Aldo enviou a Zak algumas demos que lembravam discos clássicos do Savatage. Os dois sentiram que estavam no caminho certo e seguiram a sua musa musical, culminando no que se tornaria o álbum de estreia dos Archon Angel, «Fallen». (Frontiers Music)

V:XII - «Lu-Cipher-Sabbatean» (Suécia, Black/Death Industrial Metal)

O segundo LP de congelar o sangue da besta industrial sueca black/death V:XII (pronuncia-se e lê-se “cinco doze”) acrescenta uma nova urgência e dimensão ao infame submundo do mal marcial escandinavo dark ambient/industrial tornado famoso pelo legado lendário da Cold Meat Industry e atos afiliados como Brighter Death. LU-CIPHER-SABBATEAN é uma experiência de escuta cansativa que por trinta e seis minutos impõe submissão completa ao ouvinte, atraindo-o para um reino miserável de eletrônica. (Sentient Ruin)

Seven Impale - «Summit» (Noruega, Rock Progressivo)

Esperamos muito por sinais de vida do Seven Impale, enquanto os membros estão ocupados com a suas vida. E agora, o tão esperado terceiro álbum dos Seven Impale finalmente chegou, sete anos depois. O novo álbum «Summit» continua no conhecido estilo Seven Impale, misturando jazz e rock progressivo com influências mais pesadas em quatro faixas colossais. (Karisma Records)

Hellwitch - «Annihilational Intercention» (EUA-Florida, Technical Death/Thrash Metal)

HELLWITCH surgiu das profundezas do INFERNO em outubro de 1984. A nova expedição auditiva intitulada «Annihilational Intercention» apresenta 9 canções que criam um redemoinho meteórico incompreensível de medo e arauto do ódio! (Listenable Records)

Savage Grace - «Sign Of The Cross» (EUA-Califórnia, Power/Speed Metal)

SAVAGE GRACE voltaram com um novo álbum de estúdio, intitulado «Sign Of The Cross», e seu novo vocalista Gabriel Colon, descrito como uma mistura do jovem Rob Halford e do jovem Ian Gillian! SAVAGE GRACE está a criar e a mover-se para uma nova dimensão do metal, mantendo-se fieis às suas raízes autênticas. (Massacre Records)

Caedeous - «Malum Supplicium» (Portugal, Symphonic/Extreme Metal)

Os portugueses Caedeus apresentam «Malum Supplicium» o seu terceiro LP. Este é um álbum conceitual, que conta tematicamente histórias de terror. As opulentas composições do idealizador Paulo J. Men abrem o espaço musical necessário para o conceito e impiedosamente desdobram o seu efeito numa parede de impiedosas blast beats de black metal e uma parede sonora sinfônica. (MDD Records)

Drifting In Silence - «Timeless» (EUA-North California, Ambient)

Drifting In Silence conduz-nos por um universo colossal de vibrações eletrônicas, oscilando entre estados de reflexão e crescimento. A percussão de «Clocks» é suavemente implacável. Stembridge cria um ecossistema musical adequado a uma jornada sonora. (Labile Records)



Craving - «Call Of The Sirens» (Alemanha, Melodic Death/Black Metal)

«Call Of The Sirens» é a quarta parte do legado do CRAVING - uma banda épica de metal extremo vinda da Alemanha. Após o álbum de sucesso «By The Storm», a banda continua furiosamente o seu conceito de black metal melódico e death metal melódico com uma porção da epopeia tradicional do heavy metal. (Massacre Records)

Garoted - «Bewitchment Of The Dark Ages» (EUA-Kansas, Death Metal)

Por mais de uma década, Garoted tem traçado o seu próprio caminho no underground do death metal. Com três álbuns e vários EPs, os Garoted constroem a sua reputação como fornecedores de alguns dos death metal mais intenso e intransigentes do metal. (Lavadome Productions)

Blindfolded And Led To The Woods - «Rejecting Obliteration» (Nova Zelândia, Technical Death Metal)

Dois anos após seu aclamado terceiro álbum de estúdio, Nightmare Withdrawals, Christchurch, os neozelandeses BLINDFOLDED AND LED TO THE WOODS voltaram e pretendem deixar uma marca indelével

no cenário da música extrema. O quinteto lança o seu quarto álbum, «Rejecting Obliteration». As dez faixas compartilham um fio narrativo comum de identidade e luz. (Prosthetic Records)

Megalith Levitation - «Obscure Fire» (Rússia, Stoner/Doom Metal)

Ritual de perdição lisérgico e transcendente. Fornecedores do riff eterno. MEGALITH LEVITATION convida-o a retornar, mais profundamente, ao seu mundo lisérgico. Faça a viagem mediante um canto fúnebre sem fim de riffs sulfúricos e cânticos monásticos. (Aesthetic Death)



Ironmaster - «Weapons Of Spiritual Carnage» (Suécia, Death Metal)

«Weapons Of Spiritual Carnage» é a continuação do aclamado álbum de estreia dos Ironmaster, «Thy Ancient Fire». Este álbum é uma continuação natural do caminho percorrido no álbum de estreia da banda. Desta vez há ainda mais death, mais black e mais thrash, o nível de performance de todos os membros da banda subiu um degrau relativamente ao álbum anterior. (Black Lion Records)

OSM - «Plagued By Doubts» (França, Progressive Metal)

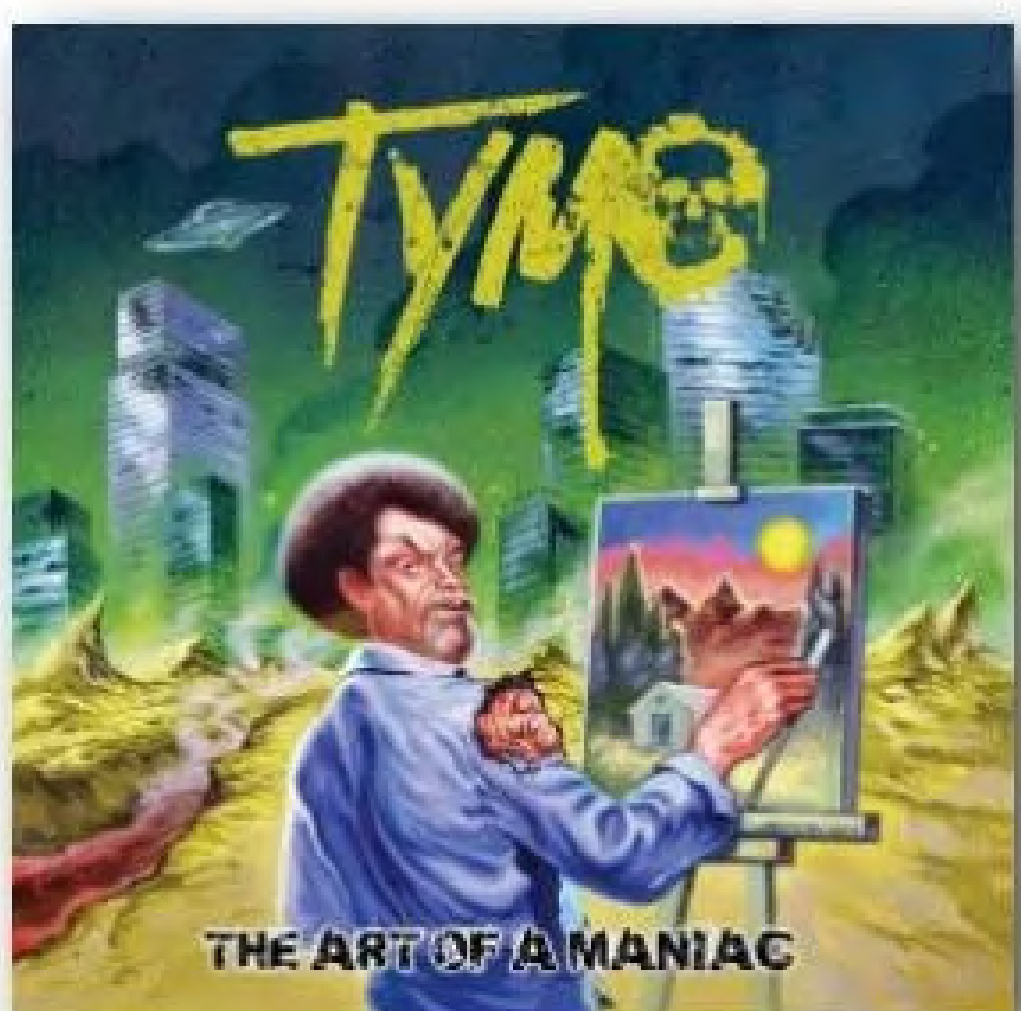
OSM é uma banda francesa de metal progressivo com sede em La Rochelle e Poitiers. Com um som sombrio, melódico e pesado que combina ritmos violentos, riffs esmagadores e melodias crescentes, a banda lança um novo EP intitulado «Plagued by Doubts». (Klonosphere Records)

Pandrador - «Seiðr» (Polónia, Death Metal)

Inspirada e espiritualizada pela herança da cultura escandinava, a banda polonesa de pós-death metal Pandrador lança o segundo álbum intitulado «Seiðr». Pandrador é uma banda de death metal de quatro integrantes formada em 2015. (Pagan Records)

Phaeton - «Between Two Worlds» (Canadá, Progressive Instrumental Metal)

Prog-metal estritamente instrumental, eles são perspicazes e inteligentes para captar os ouvintes enquanto não há ninguém cantando. As linhas melódicas das guitarras gémeas são o chamariz para a atenção do ouvinte que os leva numa jornada emocional. (INB Music)



Tymo - «The Art Of A Maniac» (Canadá, Thrash Metal)

TYMO é uma banda de Thrash Metal de Edmonton, Alberta. A banda foi originalmente planeada para promover o projeto a solo do vocalista Tim Tymo; no entanto, a banda ganhou vida própria enquanto gravitava em direção a tocar músicas mais rápidas e pesadas. O álbum bate forte com 9 músicas pesadas e de ritmo acelerado, marcando apenas 32 minutos. (Empire Records)

1476 - «In Exile» (EUA, Art Rock)

Não é de surpreender que uma banda vinda da infame cidade de Salem, Massachusetts, como 1476, tenha criado um álbum, que está a seguir por um caminho sombrio. «In Exile» não conta histórias sobre bruxas, ghouls ou seres com tentáculos emergindo das profundezas do oceano. «In Exile» contém elementos de folk, rock, metal, punk e também uma pitada de pós-punk rebelde. (Prophecy Productions)

Fen - «Monuments To Absence» (Inglaterra, Atmospheric Black Metal/Post-Rock)

A cor de qualquer álbum do FEN sempre revela a sua direção conceitual e musical. A arte da capa do sétimo álbum, «Monuments to Absence», apresenta uma abundância da cor vermelha pela primeira vez na história da banda. FEN descreve este trabalho como uma expressão de raiva, desesperança e desespero - raiva da futilidade desesperada de uma espécie humana em autodestruição. (Prophecy Productions)

High Priest - «Invocation» (EUA-Illinois, Stoner/Doom Metal)

Irmãos e irmãs, estamos reunidos aqui para adorar os deuses no altar do heavy metal. HIGH PRIEST veio de Chicago para iluminar os seus dias com uma mensagem de esperança e desgraça, martelada em metal, pedra e rocha para assumir a forma de seu álbum de estreia «Invocation». Tudo isso é apresentado num novo testamento de riffs de guitarra carregados de blues e vocais emocionantes. (Prophecy Productions)

Xasthur - «Inevitably Dark» (EUA-Califórnia, de/opp-ressive black metal)

A escuridão é o elemento que mantém todas as faixas juntas, apesar de se expressarem numa infinidade de

gêneros, que incluem até o black metal. Este monólito de escuridão musical, que se eleva sinistramente na forma de um monumental álbum duplo, faz XASTHUR cizelar granito sônico. Como o tipo de rocha ígnea intrusiva, é de granulação grosseira, composta por diferentes minerais. (Prophecy Productions)



Battle Born - «Blood, Fire, Magic And Steel» (Inglaterra, Power Metal)

BATTLE BORN conquistou seguidores dedicados na crescente cena do power metal do Reino Unido. A sua abordagem de narrativa e composição musical, faz como a sua reverência eterna pelo heavy metal tradicional. (Prosthetic Records)

Death Goals - «A Garden Of Dead Flowers» (Inglaterra, Mathcore)

DEATH GOALS lança o seu primeiro álbum intitulado «A Garden of Dead Flowers». Embora as bandas sejam muitas vezes propensas a descrever a sua última obra como uma progressão, neste caso, é muito e abriu o caminho para o que está agora ao virar da esquina. Este álbum também mostra a dupla Harry Bailey e George Milner sendo definida como uma banda de hardcore queer. (Prosthetic Records)

Fires In The Distance - «Air Not Meant For Us» (EUA-Connecticut, Melodic Death Doom Metal)

FIRES IN THE DISTANCE regressa com o seu tão esperado segundo álbum, «Air Not Meant For Us». Eles expandem ainda mais as suas bases musicais melancólico, trabalho de guitarra esmagadoramente pesado e atmosfera intrincada, sem perder a perseverança. (Prosthetic Records)

Reasons Behind - «Architecture Of An Ego» (Itália, Symphonic Power Metal)

Próxima fase sci-fi EDM metal! «Architecture of an Ego» dá um passo mais fundo no universo imaginativo do Reason Behind EDM-metal: um novo capítulo musical e visual onde as vibrações aprimoram os ritmos pesados e as melodias pop cativantes. (Scarlet Records)



The Silent Rage - «Nuances Of Life» (Grécia, Melodic Power Metal)

Power metal helênico com força total! Silent Rage regressa para entregar o seu power metal melódico impecável, robusto e poderoso. «Nuances of Life» exhibe o som característico do metal clássico repleto de riffs ardentes e melodias impressionantes, combinadas com algumas linhas vocais cativantes e empolgantes, cortesia do extraordinário novo vocalista Michalis Rinakakis. (Scarlet Records)

Concilium - «Sky Bvrial» (Portugal, Black Metal)

O Sky Burial (tibetano:), o antigo enterro ritual do Himalaia que remonta a séculos da tradição do budismo tibetano de levar os corpos dos mortos entre os picos mais altos para serem desmembrados e consumidos em cemitérios sagrados por abutres e outros animais necrófagos. «Sky Bvrial» canaliza a onipotência e a escuridão da morte mediante uma lente majestosa de transcendência. (Sentient Ruin)

Nattverd - «I Helvetes Forakt» (Noruega, Black Metal)

Intitulado «I Helvetes Forakt», este é o quarto álbum dos NATTVERD. «I Helvetes Forakt» transporta sem esforço o ouvinte para paisagens invernais e sedutoramente desoladas, trabalhando tanto na atmosfera quanto na agressividade. Mais do que nunca, NATTVERD incorpora a majestade criogénica do clássico black metal norueguês, conjurado durante a gloriosa década de 1990. (Soulseller Records)

Sarvekas - «Woven Dark Paths» (Finlândia, Black Metal)

SARVEKAS é uma dupla de black metal do sul da Finlândia. O seu estilo é principalmente melódico e épico, mas esmagador e furioso. As atmosferas variam de sentimentos ásperos, escuros e desolados, frios e assustadoramente belos, levando a momentos de pura fúria. O SARVEKAS combina tudo isso com um momento de black metal sinistro e épico, entrelaçado com o paganismo. (Soulseller Records)

Gateway - «Galgendood» (Bélgica, Death/Doom Metal)

Erguendo-se como uma criatura mítica convocada das profundezas abissais inexploradas, Gateway imediatamente começa a pisar em almas infelizes na terra, ganhando impulso apesar da sua circunferência imensurável e achatando objetos no esquecimento. A banda belga aproveita o poder do death e do doom metal para desencadear uma catástrofe de proporções bíblicas. «Galgendood» está imbuído de uma sensação de horror ritualístico medieval e barbárie primitiva e oferece uma experiência cativante e punitiva. (Transcending Obscurity Records)

Sól Án Varma - «Sól Án Varma» (Islândia, Melodic Black/Doom Metal)

Sólán varma, traduzido como Sol sem brilho, é uma peça de 70 minutos escrita e interpretada por alguns nomes notórios do underground islandês de black metal. Sólán varma é mais uma ideia conceitual do que uma banda ou um projeto paralelo. (Ván Records)

Age Of The Wolf - «A Pilgrimage To Nowhere» (Costa Rica, Stoner/Sludge/Doom Metal)

Vindos da Costa Rica, o Sludge/Doom/Post lança o seu espectro, focado num lançamento mais heavy metal/hard no seu álbum de estreia «Ouroboric Trances», quebrando o seu passado via um som mais pesado, sujo e globalmente maior. (All Noir)

Gúrrū (Guru) - «Nova Lvx» (França, Black/Doom Metal)

Apresentando membros da cena musical underground francesa, a força do black-doom metal, Guru, lança o seu álbum de estreia, intitulado «Nova Lvx». A crónica de um caminho da carne drenada à transmutação solar. Experimente a mistura de black metal do Guru e desperte o seu cérebro reptiliano! Penetre no palácio de fogo furioso e seja banhado pela luz do sol! (All Noir)



Nightmarer - «Deformity Adrift» (EUA-Florida, Technical Death Metal)

NIGHTMARER atingiu o underground extremo do Metal com o seu primeiro EP «Chasm». O turbilhão furioso de dissonância de baixo nível e peso pulverizador imediatamente tomou a cena como uma tempestade. «Deformity Adrift» é o trabalho mais diversificado até hoje, aventurando-se muito para além das convenções do género já por si não convencional do Dissonant Death Metal. (All Noir)

Skinher - «Heartstruck» (Grécia, Heavy Metal/Hard Rock)

SKINHER é o projeto de heavy metal e criação de Kyle Skinher. Inspirado por titãs do passado, Skinher escreve canções melódicas vigorosas que revelam histórias de horror das décadas passadas. Heavy metal na essência com guitarras poderosas e sólida. (Code666)

Oceanlord - «Kingdom Cold» (Austrália, Psych/Doom/Stoner)

Contemprar! Ouça! Das profundezas escuras dos oceanos do sul, o trio doom australiano OCEANLORD conjurou um monstro sobrenatural de um álbum com o seu primeiro tentáculo «Kingdom Cold». Músicas que variam de muito lentas a lentas a intermediárias com explosões ocasionais de energia no solo sólido como rocha desse género de metal clássico. (All Noir)

Ordem Satânica - «Perpetuum Satanas» (Portugal, Black Metal)

O nome ORDEM SATÂNICA deve ser mais do que familiar para aqueles que seguem o underground black metal português, que ganhou destaque internacional na última década. Cada vez mais sombrio e medonho, mais hipnotizante e angustiante. (Signal Rex)

The Mon - «Eye» (Itália, Dark Folk/Electronica)

THE MON é o nome do projeto a solo de Urlo, mais conhecido como vocalista, baixista, sintetizador e fundador da banda italiana de heavy psych, Ufomammut. «EYE» é o segundo álbum dos The Mon e é mais introspectivo e denso, construído em torno de paisagens sonoras eletrónicas e atmosferas acústicas que nos levam numa viagem sonora onde as canções fluem sem parar. (All Noir)



Mesarthim - «Arrival» (Austrália, Atmospheric Black Metal/Trance)

Envoltos em mistério, os cosmonautas anónimos Mesarthim regressam com o seu novo álbum «Arrival». Metal extremo, ambiente etéreo, música eletrónica e bombástico cinematográfico em escala galáctica foram entregues. (Avantgarde Music)

Nocturnal Breed - «Carry The Beast» (Noruega, Thrash/Black Metal)

Todos saúdam os reis do denim! Desde meados dos anos 90, Nocturnal Breed da Noruega espalhou terror e destruição pela cena do metal com a sua visão extrema do thrash metal enegrecido, que continuam a fazer com este seu 7º álbum: «Carry the Beast». (Dark Essence Records)

Contaminazione - «Pericolo Di Morte» (Itália, Instrumental Gothic Horror Metal)

CONTAMINAZIONE pode soar italiano no nome e definitivamente no som, mas o trio instrumental, na verdade, vem da Suécia. Com tal configuração, é adequado que CONTAMINAZIONE siga os passos escuros

e luminosos dos gigantes progressivos italianos Goblin e Il Roveschio della Medaglia, bem como do maestro da banda sonora de terror Fabio Frizzi. Cintilante e sensual, mas não sem a sugestão de ameaça, a primeira declaração do trio marca CONTAMINAZIONE como um contendor no ressurgimento do retro-prog. (Helter Skelter Productions / Regain Records)

Fabio Frizzi - «Zombie Composer'S Cut» (Itália, Movie Soundtrack)

Zombi de Lucio Fulci manteve o status de favorito de culto no mundo do terror por mais de quarenta anos, e a banda sonora de FABIO FRIZZl, sem dúvida, mantém o status de primeira linha como uma das bandas sonoras de filmes de terror mais icónicas e influentes de todos os tempos. FRIZZl orchestra cuidadosamente novas músicas para esta banda sonora atemporal. (Earsplit)

Omen Astra - «The End Of Everything» (Canadá, Progressive Post-Metal)

OMEN ASTRA transporta os seus ouvintes para as profundezas mais sombrias da existência humana por meio de uma narrativa lírica maior que a vida. Desenhado do post-metal, sludge, hardcore e incorporando uma pitada das sensibilidades melódicas do britpop, o trio cria música que é ao mesmo tempo, esmagadoramente poderosa e cativante. (Earsplit)

Nexorum - «Tongue Of Thorns» (Noruega, Blackened Death Metal)

Os eventos dos últimos anos levaram o NEXORUM a um caminho muito mais sombrio, enfatizando os elementos do black metal na música da banda. Agora que o fim dos tempos se aproxima, o próximo álbum do NEXORUM, «Tongue of Thorns», servirá como um banquete sónico para evitar o Famine. (Non Serviam Records)

Mournful Congregation - «The Exuviae Of Gods - Part II» (Austrália, Funeral Doom Metal)

MOURNFUL CONGREGATION voltou com uma parede de som de funeral doom, a marca registada da banda desde 1993, e continuam a separação das águas com «The Exuviae of Gods – Parte II». (Osmose Productions)

Mouth Wound - «Nothing Will Belong To Us» (Dinamarca, Experimental / Dark Ambient)

«Nothing Will Belong To Us» é o primeiro álbum da dinamarquesa Experimental / Dark Ambient artista e multi-instrumentista Trine Paaschburg, também conhecido como MOUTH WOUND. Aqui, Trine expande aqueles elementos que tornaram a sua uma marca registada da abordagem única à música e experimentação, aqui combinando o uso e manipulação de osciladores de ruído analógico, drone acústico, violino mutilado e a sua voz comovente. (Brucia Records)

Old Dirty Buzzard - «What A Weird Hill To Die On» (EUA-Washington, Hard Rock)

Old Dirty Buzzard consome a praga podre de bandas, como Motorhead, Blue Cheer e Black Sabbath, amontoadas numa lixeira com Lynyrd Skynyrd e Howling Wolf. Old Dirty Buzzard deixam os seus ouvidos zumbindo e uma sensação à anos 70. (Rotten Records)



Enchantya - «Cerberus» (Portugal, Heavy/Gothic Metal)

Enchantya nasceu em 2004 quando a vocalista Rute Fevereiro fez uma pausa na sua clássica banda Black Widows e começou a explorar a música para um novo projeto. Agora é hora de lançar «CERBERUS», o resultado da composição durante os tempos conflituosos do mundo, e também o álbum mais ambicioso do Enchantya até hoje. (Independente)

Umbilichaos - «Mourning Carnivals From Now On» (Brasil, Atmospheric Sludge/Drone/Doom Metal)

«Mourning Carnivals From Now On», é o 13.º disco dos Umbilichaos, marcando um percurso de produção constante ao longo dos últimos 15 anos. O título faz alusão à visão hegemónica de um Brasil alegre. (Time to Kill Records)

Vvon Dogma I - «The Kvlt Of Glitch» (Canadá, Industrial Progressive Metal)

Uma homenagem a todos os períodos de diferentes influências da banda, desde a alternativa dos anos 90 e nu-metal até a música eletrónica e ambiente moderna. Li ricamente, é um alimento de sentimentos sombrios que marcam o metal progressivo ímpar. (Self-Release)

Cosmic Burial - «Far Away From Home» (Alemanha, Atmospheric Black Metal)

Aqueles que seguem os terríveis atos de PURITY THROUGH FIRE já devem saber que COSMIC BURIAL é o

único trabalho do antigo homem principal de NACHTIG e VALOSTA VARJOON, VV. VV atinge reinos muito mais distantes da imaginação, apenas moderadamente relacionados ao black metal. Nas suas próprias palavras, COSMIC BURIAL é “música ambiente/atmosférica para sonhadores sobre o espaço e o tempo” e, felizmente, o rumo continua o mesmo para o seu terceiro álbum, «Far Away From Home». (Purity Through Fire)

Nachtig - «Eisig Romantik» (Alemanha, Atmospheric Black Metal)

Esse álbum manteve um aspecto monolítico em impressionantes 55 minutos, e assim o NACHTIG retorna com um registo comparativamente mais compacto em Eisig ‘Romantik, mantendo um núcleo de black metal mais puro, onde os sintetizadores pairam cada vez mais dramaticamente, muitas vezes direcionando o crescendo de emoção para alturas catárticas - ou melhor, profundidade. (Purity Through Fire)

The Kryptik - «A Journey To The Darkest Kingdom» (Brasil, Black Metal)

Verdadeiramente intitulado, «A Journey to the Darkest Kingdom», são sete faixas/70 minutos, que revelam a maior visão da dupla até agora: black metal sinfónico neo-antigo encharcado nas águas escuras do cosmos, um castelo de gelo cristalino cujos pináculos alcançam o espaço sem limites. Toda a escuridão extirpada para imersão máxima, ondulação deslumbrante e violência pulsante. (Purity Through Fire)

Degrees Of Truth - «Alchemists» (Itália, Symphonic Progressive Metal)

Uma espécie de magia do metal sinfónico moderno. «Alchemists» é o álbum mais eclético de Degrees of Truth: combina arranjos inovadores e influências da música pop e eletrónica enquanto se inclina para um lado moderno e muito elegante do metal progressivo. O álbum apresenta melodias cativantes e orquestrações sinfónicas, mas também riffs de guitarra envolventes. (Scarlet Records)

Order Of Decay - «Mortification Rites» (Escócia, Death Metal)

Os misteriosos gigantes do death metal obscuro escocês Order of Decay emergem com o seu álbum de estreia «Mortification Rites», um espectro necrótico enegrecido de morte onnipotente, atmosférica e de baixo movimento. A aura imensa e sem luz do álbum é trazida por uma investida de guitarras esmagadoras e dissonantes envolvendo uma secção rítmica monolítica e telúrica. (Sentient Ruin)

Shadows - «Out For Blood» (Chile, Heavy Metal)

Com 30 minutos de composições lendárias e revivalismo visionário, «Out for Blood» leva-nos de volta a um tempo, um lugar no início dos anos 80. Uma fúria e imorredoura, livre de leads abrasadores, bateria trovejante, vocais operísticos assustadores, guitarras poderosas, ganchos inesquecíveis e transgressão ultrajante. (Sentient Ruin)



CURIOSIDADES PALETES

Gênero	#LPs	Gênero	#LPs	Álbuns por Países	
				País	#LPs
Black Metal	50	Neo Folk	1	Alemanha	33
Death Metal	33	Avant-garde Death/Doom	1	Suécia	27
Atmospheric Black Metal	18	Metal	1	Noruega	26
Doom/Death Metal	16	Death/Black/Folk Metal	1	EUA-Califórnia	20
Progressive Metal	14	Brutal Death Metal	1	Finlândia	19
Black/Death Metal	11	Jazz Funk Prog Metal	1	Canadá	19
Power Metal	10	Rock Progressivo	1	Itália	19
Rock	10	Stoner/Sludge/Doom Metal	1	Inglaterra	16
Progressive Rock	9	Industrial Metal	1	Austrália	15
Thrash Metal	8	Industrial Progressive Metal	1	Países Baixos	15
Heavy Metal	8	Stoner/Sludge Metal	1	França	13
Black/Doom Metal	7	Heavy/Power/Thrash Metal	1	Internacional	12
Heavy/Power Metal	7	Death Metal/Metalcore	1	Grécia	10
Hard Rock	6	Metal Wave	1	Dinamarca	9
Funeral Doom Metal	6	Black/Sludge/Post-Metal	1	EUA-	8
Avant-Garde Black Metal	5	Symphonic Heavy Metal	1	Portugal	8
Stoner/Doom Metal	5	Symphonic Death Metal	1	Brasil	6
Technical Death Metal	5	Darkjazz	1	Austria	6
Death/Thrash Metal	5	Death Metal/Grindcore	1	EUA-New York	5
Blackened Death Metal	4	Progressive Black/Viking	1	EUA-Washington	5
Raw Black Metal	4	Metal	1	Espanha	5
Avant-garde Metal	3	Outros estilos só com um	59	Bélgica	5
Heavy Metal/Hard Rock	3			EUA-Illinois	4
Dark Folk	3			EUA-Texas	4
Symphonic Power Metal	3			EUA-Oregon	4
Progressive Death Metal	3			EUA-Massachusetts	4
Doom Metal	3			EUA-New Jersey	4
Symphonic Black Metal	3			Suiça	4
Folk Metal	3			Chile	4
Mathcore	2			Polónia	3
Progressive Rock	2			EUA-Florida	3
Epic Heavy/Doom Metal	2			EUA-Pennsylvania	3
Symphonic Metal	2			Japão	2
Technical Death/Thrash Metal	2			Bielorrússia	2
Progressive Metal/Rock	2			Hungria	2
Hard Rock/Heavy Metal	2			EUA-Tennessee	2
Groove Metal	2			Chéquia	2
Progressive/Technical Death	2			Costa Rica	2
Metal	2			Islândia	2
Deathcore	2			Escócia	2
Doom/Stoner Metal	2				
Death/Groove Metal	2				
Heavy/Speed Metal	2				
Groove/Industrial Metal	2				
Industrial Metal	2				
Sludge/Doom Metal	2				
Guitar Hero	2				
Old School Death Metal	2				
Grindcore	2				
Power/Folk Metal	1				
Heavy/Gothic Metal	1				

Nesta edição, chegaram-nos à redação um total de **384 álbuns** para ouvir, analisar e criticar.

K2 AGENCY
PRESENTS

DISRU

FE
FACT

BLOOD
BATH

NCY LTD
ENTS

PTOUR

FOR

CHIEF
SIES